ANNO XXVI —— N.º 11
Rio, 12 de Março de 1932
—— PREÇO: 1$000 ——
FON FON
M. C. 931

BAYER

BAYER

O conto brasileiro

Um homem extraordinario

De Gomes Netto

DA volumosa correspondencia que, pela manhã, todos os dias, verifico, ao tempo de concluir a sua leitura com o café matutino, ha uma carta malva, cujo perfume inebriante me inunde os sentidos. Ella é o aviso, amavel e longinquo, de minha bôa amiga a condessa Sepulveda, alma nomade e romantica, cujo pensamento tem a celeridade mecanica de um avião e tanto poderá estar em Teran, languidamente espreguiçada em sençuaes almofadões e namorando as espiras azuladas de seu *Abdullah*, como a voejar no oxygenio rarefeito de Sucre, naquella Bolivia, de seductor enygma, que ella tanto soube adorar...

Sim, a essencia evolante que essa carta desprende é a synthese de uma linda aventura adormecida e o prenuncio do retorno da "velha chamma do amôr", na expressão d'annunziana do ardente inspirador de "O Fogo"...

"Guarujá, 15 de abril de 1916.

"Meu bom amiguinho: Eis-me, de novo, após atravessar, com um sorriso de incontida zombaria nos labios, a zona bloqueada pelos submarinos dos hunos, que a ninguem perdôam, sob estes céos eternamente em feérica apotheose de luz e deslumbramento...

"Ah, não ria do que lhe vou dizer, mas, de Bukarest, aonde a minha excentricidade foi parar, tive irrefreavel saudade destes tropicos fulgurantes...

"Você ficará suspenso, com as novidades que trago, desta feita, porque o bizarrismo que alimenta minh'alma incontentavel é de uma exigencia alarmante... Apresentar-lhe-ei, no chá de amanhã, que, ás cinco, offereço aos meus velhos amigos, um homem extraordinario — tudo quanto de mais interessante e audacioso a minha curiosidade feminil poderia descobrir.

"Você, jornalista e um crente extremado da Arte, ficará perplexo com esse hindú maravilhoso, cujos olhos amendoados têm a expressão de um juiz, irreductivel, que tudo vê e nada ignora...

"A estatuetas e raridades, ás velharias archeologicas e aos tapetes persicos, preferi, agora, Byranji, um adivinho diabolico, que parece conversar, todos os dias, com o diabo. Cuidado, pois: Byranji é terrivel para desvendar os segredos e pensamentos mais occultos!

"E até amanhã, querido Silenio — C. S."

Não — concordei commigo mesmo; — a condessa é bem mais extraordinaria que esse hindú...

Comtanto que elle não diga mentiras, nem desvende certas intimidades affectivas...

* * *

No dia seguinte, á hora marcada, o apparatoso salão do palacete verde de Guarujá, o balneario elegante da sociedade santista, estava repleto de uma multidão de convidados — todo um pequeno mundo de "snobs" e gozadores da vida, de peitos espelhantes e casacas atrevidas.

As joias, no collo desnudo e alabastrino, das senhoras, despediam scintillações atordoadoras, que eram como minusculos sóes, radiantes, em pleno Zenith...

Na "terrasse", a orchestra executava o "Parsifal", emquanto os pares commentavam o exotismo da lembrança, quando a condessa Sepulveda surgiu, no topo da escadaria de marmore roseo, como uma imagem de sonho, perturbadoramente irresistivel na "toilette" de rainha, seguida de Byranji, o hindú.

A orchestra cessou de tocar. Houve como um "frisson" electrizante, entre todos os presentes, atemorizados com o estranho, capaz de tudo penetrar, e, instinctivamente, damas e cavalheiros, amedrontados, entreolharam-se.

Byranji, feitas as apresentações de estylo, pela condessa, que se achava ligeiramente empallidecida, talvez emocionada e temente, fez demoradas reverencias, as mãos ossudas sobre o peito, e, esbelto, na casaca bem talhada, o turbante de velludo negro a emprestar-lhe á figura um traço de mysterio, explicou-se.

— Distinctissimas senhoras e elegantes senhores: o que me proponho fazer, ainda que provenha do culto poderoso dos Vêdas, e seja fruto de estudos aturados, é mais simples do que pensaes. A auto-telepathia é uma fórma nova de se adivinhar o pensamento alheio e acções consummadas, sem o auxilio de uma outra pessôa, como já tereis presenciado, em theatros de magia. Apenas jámais deixarei falsear a verdade, por mais cruel que ella seja, e disso vos desejo advertir, para evitar possiveis surpresas desagradaveis.

O tremor, no salão, foi geral e o silencio que se seguiu ás ultimas palavras do hindú parecia ter immobilizado aquellas vidas, todas, minutos antes plenas de theatral alegria.

Os jogadores de tennis. — Como poderemos voltar para casa, agora, que perdemos o ultimo omnibus?

O policia gaiato. — E' pena que não haja um barquinho por aqui, pois, quanto aos remos os senhores já os têm...

Um homem extraordinario

(Conclusão)

— Esta sua gravata — disse Byramji, encaminhando-se para mim — adquiriu-a precisamente ha um anno e cinco mezes, no "London-Paris", em Montevidéo...

Fiquei livido. Alguns duvidaram e o adivinho, com um gesto de agilidade incrivel, desmanchou-lhe o laço, exhibindo, com um sorriso sarcastico, a etiqueta da gravata...

— O senhor, nesse mesmo edificio, entrou num ascensor, em companhia de um medico e um joalheiro russo, seus amigos de viagem, e, no ultimo "piso", offereceram-lhe um "recuerdo" do estabelecimento... Não é exacto?

— Perfeitamente, — respondi-lhe, sem pensar.

— Tambem lhe poderia narrar o por quê dessa viagem e o que a determinou... Quererá ouvil-o? Interrogou-me com um accento de fina malicia a brincar-lhe nos labios...

Tremi de raiva e receio. Byramji não se apercebeu da minha perturbação visivel e fixou seu olhar inquiridor numa das...

— Foi mal succedida, hoje, no jogo... Perdeu tudo quanto tinha no "bicho", sem que seu marido soubesse, e está em difficuldades.

Todos os olhares convergiram para a infeliz.

Elle proseguiu, indifferente:

— Seu esposo, pelo mesmo motivo, espancou-a, hontem...

Houve um "oh!" geral, de reprovação ou espanto. A alvejada

A DIVIDA

UM raio de sol brilhava no chão do vestibulo onde May Coke esperava que alguem respondesse a seu chamado. A porta era pesada e profusamente lavrada, e quando se abriu, a moça baixa os olhos timidamente.

— Está o senhor Gentle? — perguntou, com voz apenas perceptivel.

O homem que abrira a porta fez uma reverencia e retirou-se um pouco para lhe dar passagem. A senhorita Coke entrou na tranquilla penumbra do *hall*. Seguro de sua habilidade para classificar os visitantes, dividindo-os entre os que deviam esperar no *hall* e os que deviam esperar na bibliotheca, collocou a senhorita Coke entre os primeiros.

— Seu cartão — disse.

— Tenha a bondade de communicar-lhe que a senhorita Coke deseja falar-lhe — respondeu ella, em voz baixa.

Ficou só, esperando no profundo silencio do *hall*, silencio que nada interrompia.

Não se ouvia o tic-tac de um relogio, nem uma voz distante, nem um ruido da rua chegava até ali.

Nem mesmo os passos do homem, que voltava, fizeram o mais leve barulho.

— O senhor Gentle diz que não a conhece, senhorita.

O effeito de tal resposta não se notou nella. Seus olhos permaneceram cravados no chão.

— Diga-lhe que sou a filha de Agnes Ballen, por favor — insistiu.

O homem vacillou e depois desappareceu, para voltar quasi immediatamente.

— Entre, senhorita — disse elle, peremptoriamente, abrindo outra porta.

O gabinete de Peter Gentle era alegre, claro, e mobiliado confortavelmente e com bom gosto.

— Sente-se, senhorita — disse elle á moça. — Em que posso servil-a?

May Coke olhou-o attentamente. Sua cara seria, da fórma de uma pêra, de feições irregulares, parecia incapaz de rir, de sentir compaixão, de loucura alguma.

— Minha mãe, Agnes Ballen, morreu a semana passada — falou May Coke.

— Permitta-me que lhe apresente meus pezames — respondeu Peter Gentle, rapidamente.

— Ella me disse que o senhor lhe devia alguma coisa e me encarregou de receber.

Peter fixou nella seu olhar inexpressivo. Depois, friamente, respondeu:

— Não a vi nos ultimos vinte annos.

May Coke guardou silencio. Seu olhar pousou nas longas mãos de Peter Gentle e depois nas suas, de identica maneira.

— Quanto disse sua mãe que eu lhe devia? — perguntou Peter Gentle.

— Não indicou somma alguma. Disse apenas que o senhor se lembraria.

— Que maneira estranha de reclamar uma divida! — exclamou, elle impacientemente. — Suppôz ella, porventura, que eu reconheceria semelhante...?

— Ella não suppôz nada — interrompeu May Coke. — Disse simplesmente que esperava que o senhor se recordasse.

Peter Gentle mudou de logar, nervosamente. As coisas que havia sobre a secretária: o calendario de marfim, o corta-papel de crystal, seus oculos...

— Sabe o que ella quiz significar?... — perguntou, por fim, entrecortadamente.

— Não me disse nada mais.

— Quer fazer o favor de dizer-me o que esperava de mim? — exclamou elle, fóra de si.

— Tinha a esperança... — disse May Coke. — Estou sem dinheiro... ajuntou. — Gastei até o ultimo tostão com as

baixára a cabeça e parecia soluçar.

Byramji correu os olhos e dirigiu-se á outra dama:

— Vejo, neste salão, um homem, que não é seu marido, com quem mantem secretas relações...

Alguem, a essas palavras, escapuliu-se e a attingida quiz reagir energicamente, porém o hindú maldito atalhou:

— Excusado ameaçar-me com os musculos de seu marido: elle já está acostumado com o "modus vivendi"...

A essa altura, todos se sentiam constrangidos, e ninguem desejava encarar o *homem extraordinario*, mas o receio paralyzava mesmo os de maior coragem.

Não havia como evitar aquelle pelourinho impressionante.

Num minuto, Byramji disse quanto um cavalheiro bem posto trazia na algibeira — vinte e poucos mil reis (riso geral); a marca de varios relogios, a idade de certas senhoras "maquilladas", produzindo indignação e surpresa.

Subito, porém, o hindú estranho, para tranquillidade de todos, deixou-se abater sobre uma cadeira, as mãos apertando as temporas, e murmurou:

— Sim, estou vendo, perfeitamente... Lá vão elles, pela praia, de braços dados... minha mulher e seu amante, um misero pescador de perolas... E' a terceira vez que me enganam, esta semana.

E, naquelle dia, inesquecivel para a totalidade dos convidados da perversa condessa Sepulveda, ninguem lhe conseguiu arrancar mais uma só palavra...

De Zona Gale

despesas de seu enterro e ainda devo parte dessas despesas.

— Os funeraes de Agnes Bullen — exclamou Gentle, olhando as mãos. — Seus cabellos eram loiros — proseguiu, depois de um momento de silencio. — A senhorita gostava muito della?

— Muitissimo.

— Pois bem — disse Gentle: — a senhorita sabe, então, que si eu admitto dever-lhe alguma coisa, e lhe pago dinheiro, isso será uma accusação tácita contra ella. Está disposta a admittil-a?

— Reflecti sobre o caso durante tres dias — disse May Coke, — mas, como não tinha nada que comer, pensei que talvez me enganasse... que não houvesse no facto nada de censuravel...

Ergueu-se com subita energia. Sua voz se tornou vibrante e profunda.

— Não pude encontrar trabalho por varias semanas — disse. — Ella estava enferma, precisava de coisas que eu não podia proporcionar-lhe. Morreu de necessidade... Apenas. Procurei trabalho, sem conseguil-o. Cheguei até a mendigar. Ás vezes, ella me olhava como si quizesse dizer-me alguma coisa. Na noite em que morreu, exclamou, de repente: "Que farás quando eu já não existir?..." E eu não pude tranquillizál-a, porque não sabia o que responder a tal pergunta. Subito, no meio de seu pranto, ella me disse, com mais energia do que nas semanas precedentes: "Nada tenho para deixar-te, além da opinião que tens a meu respeito, e isso não te alimentará. Vae falar com Peter Gentle e dize-lhe que preciso do que elle me deve. Repete-lhe minhas palavras. Isso te dará com o que comeres."

May Coke deteve-se, tremendo, e não disse mais nada.

Peter Gentle olhou-a attentamente durante algum tempo. Como estaria elle recordando sua mãe, Agnes Bullen, a joven cujos cabellos haviam sido loiros? May exclamou, em voz alta:

— Minha mãe era bôa e honesta!

— Naturalmente... — disse Peter Gentle. — Naturalmente... De que está se falando? Eu... eu... a obriguei a vender uma propriedade por um preço infimo. Eis tudo.

May Coke avançou para elle.

— Palavra de honra? — perguntou.

— Palavra de honra.

Peter Gentle encontrou e sustentou seu olhar. Depois, sacou de seu livro de cheques, encheu, cuidadosamente, um, e se levantou para entregál-o á moça.

— Eram mil dollars — disse-lhe lentamente. — Não lhe interessarão os detalhes. Eu devia ter-lhe pago essa propriedade desde muito tempo.

Com o cheque na mão, May Coke olhou attentamente sua expressão de homem incapaz de loucuras, de compaixão ou de riso.

E, murmurando seu agradecimento com phrases entrecortadas, se levantou para retirar-se. Elle tambem se levantou.

— A senhorita está só, agora — disse-lhe Peter Gentle. — Prometta-me que será tão bôa e corajosa como sua mãe; que será, como o foi ella, uma mulher honesta.

May Coke ergueu para elle seu rosto de feições irregulares, embellezadas pelo rubor.

— Sei disso — exclamou. — Estava certa.

Ouviu a porta fechar-se atraz della. Na penumbra do *hall*, o silencio era completo. Não se ouvia o tic-tac de um relogio, nem o ruido da rua chegava até ali. E mesmo que um homem estivesse rindo-se atraz de uma porta fechada, tal coisa pareceria impossivel naquella casa.

FAZIA cinco horas que Léon Fromentel vagava pelas ruas com a idéa fixa de suicidar-se. Aos quarenta e oito annos, depois de uma vida de honradez absoluta, Fromentel, pae de familia, empregado numa grande fábrica de tecidos, fôra subtrahindo da caixa quantias cujo total attingia já a cento e cincoenta contos. E' tudo por causa da sua paixão pelas apostas nas corridas de cavallos e por ter cedido essa paixão cuja violencia jamais suspeitaria...

Faltavam cento e cincoenta contos na caixa, espreitava-o a deshonra e elle não supportaria aquillo. Preferia morrer. Mas, quando se dirigia para o rio, se lembrou de um nome. Por que não iria falar com seu velho amigo Martin Candillac? Foram inseparaveis durante muitos annos. Mas a vida os distanciára, e agora só se viam de tarde em tarde. Candillac levava uma vida muito arriscada, e graças a sua grande habilidade mais de uma vez havia escapado de cahir nas malhas da justiça. Certamente, elle o aconselharia, e talvez fosse possivel que encontrasse alguma solução. Para matar-se sempre havia tempo. E,

O BÁLSAMO

mais tranquillo, se dirigiu á casa de seu amigo, que tinha, agora uma agencia de negocios de todas as classes.

Candillac o recebeu com grande alegria. Mas, ao notar-lhe a expressão estranha do rosto, perguntou-lhe:

— Que te aconteceu?

Léon contou-lhe suas angustias.

— A verdade é que retiraste da caixa de teu chefe cento e cincoenta contos de réis, e si pudeste apoderar-te dessa somma, é porque teu patrão tem confiança em ti. Perfeitamente. Amanhã irás trabalhar como si nada houvesse occorrido e retirarás outros cento e cincoenta contos, que me trarás. O resto correrá por minha conta.

Vinte e quatro horas depois Candillac se fez annunciar em casa do patrão de Fromentel, e, recebido por este, lhe disse:

— Venho com uma delicada missão. Trata-se do seguinte: seu empregado principal, meu velho amigo Léon Fromentel, cuja ausencia o senhor deve ter notado hoje, commetteu uma falta grave, ou melhor, um delicto. Retirou da caixa uma quantia bem elevada: Trezentos contos de réis!

E como o industrial, estupefacto, mas transformado pela ira, se levantasse de um salto, da cadeira, o outro o obrigou a sentar-se com um gesto imperioso.

— Espere, cavalheiro. Permitta-me que cumpra minha missão até o fim. Meu pobre amigo, victima de uma repentina e funesta paixão pelas corridas de cavallos, ia procurar no suicidio um remedio para sua vergonha, quando se lembrou de confiar-se a mim. E a familia, a quem communiquei o facto, se apressou a intervir. Uma velha mãe, uma esposa desolada e outros parentes. Todos elles, que não são ricos, se reuniram, no entanto, e, vendendo joias e algumas terras, conseguiram juntar, depois de muitos sacrificios, a metade da somma que lhe foi roubada.

— Cento e cincoenta contos?...

— Em notas de um conto e de quinentos mil réis, que eu, pessoalmente, lhe quiz trazer. Aqui os tem o senhor.

E com um gesto não isento de nobreza, o *intermediario* tirou as notas de uma volumosa carteira e as collocou sobre a mesa.

Naquella mesma noite, Candillac contava a seu amigo, em um café afastado, o meio empregado e o satisfatorio resultado obtido. O patrão, commovido, conquistado, vencido por aquella restituição, não só promettêra não denunciar o

De Edmond See

desfalque, mas ainda se declarára disposto a perdoar ao empregado infiel.

— Estiveste admiravel! — disse Fromentel.

— Oh! — respondeu Candilac, com modestia. — Não exaggeremos. Em minha profissão se aprende a tratar com as pessôas.

A primeira coisa que ha a fazer quando alguem descobre que o enganaram, é applicar, immediatamente, sobre a ferida (ferida de amor proprio, quasi sempre) um bálsamo. Depois, tudo se arranja. Si tu houvesses dito: "Robei-lhe cento e cincoenta contos e não lhos posso devolver", a estas horas estarias no carcere. Mas eu lhe disse: "Roubaram-lhe trezentos contos. Mas, de momento, lhe serão restituidos cento e cincoenta." Elle sorriu e se tranquillizou.

A' medida, porém, que falava, Candillac ia notando que o rosto de Fromentel se ensombrecia.

— Que? — perguntou, surprehendido. — Não estás satisfeito?

— Sim. Mas, si houvessemos restituido apenas com contos, ficando com cincoenta contos, teriamos feito nossa fortuna. Porque precisamente amanhã eu tinha uma combinação para as corridas! Uma combinação infallivel! E si a tivessemos aproveitado!...

O inimigo e o amigo

Um condemnado a prisão perpetua se evadira do presidio e fugia com toda a rapidez que lhe permittiam suas pernas. Iam no seu encalço. Mas, como elle corria com todas as suas forças, seus perseguidores começavam a perder terreno.

Mas, de repente, elle chegou a um rio de margens escarpadas, um rio muito estreito, mas profundo e rapido... E não sabia nadar!

Entre as duas margens havia extendida uma grande taboa meia apodrecida... O fugitivo ia pôr o pé nessa taboa...

Precisamente ali, na beira do rio, estavam seu melhor amigo e seu inimigo mais encarniçado.

O inimigo não disse nada, limitando-se a cruzar os braços.

O amigo, pelo contrario, se poz a gritar:

— Que fazes, louco? Não vês que essa taboa está completamente apodrecida? Quebrar-se-á com o peso de teu corpo e tu perecerás sem remedio.

— Mas não sei como atravessar o rio, e estou perseguido! — gemeu o infeliz.

E poz um pé na taboa.

— Não consentirei que morras assim! — exclamou o amigo.

E arrancou a taboa de sob os pés do fugitivo. Este cahiu nas aguas e se afogou.

O inimigo riu, satisfeito, encolhendo os hombros, e se afastou. Quanto ao amigo, este se sentou desconsolado á beira do rio, e chorou com lagrimas amargas a desventura do condemnado.

— Elle não quiz escutar-me! — murmurava, com profundo pesar. — Mas foi melhor assim!... Teria que passar toda a sua vida em uma prisão. Agora já não soffrerá. Estava escripto que havia de ser este o seu fim! No emtanto, posso deixar de ter pena delle?

E a alma caritativa continuou chorando copiosamente a morte de seu desventurado amigo...

IVÁN TURGUENEV

R. Cesar Barralho — PETROPOLIS, A CIDADE JARDIM — 1931

MESMO procurando, o que não encontramos em Petropolis são jardins. Ficou-lhe o nome: cidade das hortencias. Mas, parece até que as hortencias vão se tornando raras, na *urbs* de Pedro II. E' desolador constatar a decadencia de Petropolis. Tanto asseveramos uma verdade, que os amigos da cidade, presentemente, cuidam de reviver o seu prestigio antigo, imprimindo-lhe melhoramentos.

Os poetas, entretanto, não costumam vêr as coisas sob prismas verdadeiros. Sonham, apenas. Antes assim...

O sr. Cesar Boralho, por exemplo, imaginou homenagear Petropolis com um poema.

E escreveu:

A Cidade-Jardim...
Pensou um dia o Creador erguêl-a
Junto ás portas do céo e sobre o cume
De magestosa serra,
Para de muito perto poder vêl-a,
Para aspirar das flôres o perfume.

E Deus creou, assim,
Entre o céo e a terra,
A Cidade-Jardim.

. . . .

A linda cidade serrana bem merece as honras de um poema. Infelizmente, o sr. Borralho não póde ostentar o titulo de poeta da cidade. Os seus versos são fraquinhos, quasi diriamos infantis.

P. Ignacio Puig — CURSO GERAL DE CHIMICA — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 20$

É sobejamente conhecido o valor desta obra do Padre Puig, ex-professor do Instituto de Chimica de Sarriá, Barcelona, e sub-director do Observatorio do Ebro. O autor usa de linguagem simples, clara.

Não divaga, e lança-se logo no campo da questão, evidenciando a sua qualidade de mestre da materia. Sendo uma obra didactica, por excellencia, servindo para a quasi totalidade dos cursos existentes no Brasil, andou com acerto o illustre professor Daly Jornada Barbosa em traduzil-a para a nossa lingua. A traducção, confiada a um profissional idoneo, conservou toda a belleza do original. O livro, contendo 514 paginas, fartamente illustrado, muito honra a nossa producção graphica.

Emmanuel Soy — CORAÇÃO ADORMECIDO — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 5$

UMA historia sentimental, de um coração que despertou para o amôr. O volume, destinado á leitura de senhoras, pertence á *Collecção Verde*, da editora gaúcha. A traducção, confiada a Mario Sette, é magnifica.

Edgard Wallace — O SINEIRO — Liv. Globo — P. Alegre — 1931 — 5$

ERICO VERISSIMO traduziu *The ringer*, um dos mais interessantes livros do grande novellista inglez, recentemente fallecido. São 275 paginas, que fazem a delicia do leitor mais exigente.

Sylvio Figueiredo — CONTOS QUE A VIDA ESCREVE — Rio — 1931 — 5$

AQUI está uma estréa mais que auspiciosa. São, na verdade, contos que a vida escreveu, porque são episodios colhidos ao acaso, focalizados em toda a brutalidade do seu realismo.

O autor teve apenas um trabalho: contornou os factos, emprestando aos mesmos o brilho da sua phantastica imaginação. O sr. Sylvio Figueiredo é rigorosamente um *conteur*.

Vivo. Nervoso. Sabe vestir a idéa, desenvolver a fabulação, prendendo totalmente a attenção do leitor.

Pódem-se-lhe notar os senões, porém, as qualidades sobejam, ao ponto de obscurecer aquelles.

Os seus periodos, por exemplo, são longos, por vezes exhaustivos, em desaccôrdo com a linguagem moderna, synthetica.

A arte do autor, entretanto, narrando com precisão, com elegancia, deixa patente a sua victoria no campo das letras. E' obvia a influencia exercida por Maupassant, no espirito do novel escriptor. Os seus contos são fortes, cahindo para o tragico.

Mas, devemos notar que são contos que a vida escreve...

E só os poetas descobrem na vida uma face côr de rosa... Em trabalhos futuros, o sr. Sylvio Figueiredo confirmará, certamente, os seus meritos de escriptor.

Jorge Bahlis — ARITMETICA PRATICA — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 6$

O autor, militando no campo do ensino technico-commercial, teve por objectivo organizar uma obra essencialmente pratica, ao alcance das intelligencias mais rudes, facilitando-lhes, assim, o estudo da arithmetica commercial, tão necessaria actualmente devido ao desenvolvimento do commercio.

Póde-se affirmar que o seu objectivo foi plenamente alcançado.

Trata-se de um trabalho precioso e unico no genero.

Valdomiro Silveira — NAS SERRAS E NAS FURNAS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1931 — 5$

AQUI está um livro feito de pequeninas *obras primas*. Contos regionaes, o mais ingrato genero de prosa. Os trabalhos de semelhante natureza exigem, além da technica rigorosa, ambiente, uma fogósa imaginação de escriptor. Taes qualidades, raramente apparecem reunidas. Dahi, quasi sempre a monotonia, o cansaço que traz ao leitor este genero literario. No livro que acabamos de lêr, notam-se justamente o brilho de uma intelligencia invulgar e uma technica inexcedivel.

As narrativas de Valdomiro Silveira são magistraes.

Haja vista como em *Triumpho* focaliza a *rinha*, durante uma briga de gallos.

Traços de mestre.

"Ao cahir da tarde, torados os ultimos paus da derrubada, e quando já o sabbado ia tomando os areiaes alegres de um bom domingo de roça, o Piruá bateu as palmas, assobiou um quero-mana, affrouxou um cigarro, jogou o machado ás costas, e caminhou para casa.

As primeiras pombas-do-ar desciam aos areiões, de vôo esquipado e azas como que cortadas de subito. Vendo-as voar, ligeiras assim na ansia final da chegada, o Piruá fez uma hombreira significativa de soberano pouco caso, e resmungou:

— Que passarinho mais estopento não é a pomba-verdadeira! Ave bôa, ser o meu frango brigador, é que não ha! Aquillo é que paga a pena: é coisa que não faz avôos ansim espontados e não canta triste, mas porém dá um golpe e uma esporada no contrario, dum geito que inté é uma boniteza!

O Piruá chamava frango brigador a um gallo puva pouco errado, todo vermelho, de crista chata e um tanto pendente sobre os olhos, olhos da côr dos da siriema, pennas altas e bico pequeno e adunco. Ai! o amôr que lhe tinha! Era amôr e escravidão: tratava-o a poder de ovos cozidos e hervas repicadas, pedacinhos de carne mal assada, biscoitos embebidos na agua. O bebedouro, feito de pau-de-cruz, sempre andava areiado e com um prego cheio de ferrugem: e tinha ainda, a um canto, entranhados na madeira, um dente de alho e lascas de arruda mansa, por evitar o ar morto e os maus olhados."

E o leitor é conduzido, inteiramente dominado pelo encanto da urdidura do conto.

Valdomiro Silveira conhece profundamente a alma do *caipira* paulista. E o copioso vocabulario, que addicionou ao livro, diz do conhecimento que tem da linguagem da nossa gente.

Nós vivemos a proclamar que não temos escriptores, e, como consequencia, não possuimos livros dignos da nossa attenção.

Talvez para justificar *essa falta*, procuramos baboseiras estrangeiras, que não nos fatigamos de elogiar.

Parece, porém, que chegou o momento de prestarmos attenção ao que *é nosso*.

Os editores, viciados nas traducções de quanta mediocridade existe além mar, precisam sentir que o publico vae se fatigando com a droga importada.

Si Valdomiro Silveira tivesse nascido na França, era um *genio*, e ninguem no Brasil desconhecia a sua obra.

Louis Wilton — A ARANHA BRANCA — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 5$

A aranha branca, um symbolo, mysterioso? A resposta, terá o leitor deste magnifico livro, traduzido para a nossa lingua e incluido na *Collecção amarella*, da editora Gaúcha.

Alvaro de Alencastre — A INDEPENCIA DA BAHIA — 1931

TRATA-SE de uma conferencia realizada no dia 2 de julho ultimo, no Instituto Historico e Geographico da Bahia. O autor, além de valeroso militar, é um brilhante cultor das nossas letras.

O trabalho é interessante, sob todos os aspectos.

Gustavo Barroso — AQUEM DA ATLANTIDA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1931 — 6$

GUSTAVO BARROSO vae amontoando livros. Assumptos varios, comprehendendo: sociologia sertaneja, contos e novellas, historia, litteratura infantil, ensaios, folklore, viagens, litteratura didactica, litteratura historica.

O presente volume tem o numero 44, na ordem de publicação! E', positivamente, um *escandalo* tamanha fecundidade, para um paiz onde dizem não haver leitores. O facto é que Gustavo Barroso escreve e os seus livros se esgotam, indice seguro de que o nosso querido João do Norte não se distingue apenas pela quantidade, mas, pela qualidade da sua producção.

Si o academico illustre não tivesse o seu nome esculpido em oiro, na Historia da nossa vida literaria, este volume provocaria a sua consagração definitiva, como obra de rara erudição.

"Desde a mais remota antiguidade, o homem se preccupa com a sua origem. Entre as muitas explicações de suas éras prehistoricas, está a dos continentes desapparecidos e de onde ele deve ter vindo: Hiperboreo, Lemuria, Pacifico, Atlandida. A existencia desta ultima ha milenios desafia a atenção dos sabios. Negam. Duvidam. Afirmam. Tornam a negar, a duvidar ou a afirmar. Amontôam provas pró ou contra. E o problema continúa de pé, como uma esfinge, sem que a humanidade para ele encontre uma solução."

Então, sobre a Atlantida, o autor traça fulgurantes paginas, esgotando o assumpto.

Em seguida, discorre sobre outros themas interessantes, destacando-se os capitulos: *A escritura sagrada e as mitologias americanas*, *As sagas*, *A civilização chibcha*, *Origens da palavra Brasil*, *Os ciganos e Primeira exploração do Ceará*.

A citação das fontes bibliographicas copiosa, phantastica, denóta a capacidade de estudo de Gustavo Barroso, que conquistou o direito de ser admirado por todos nós, sem nenhum favor.

Porque, afinal, Gustavo já não trabalha para a gloria do seu nome, senão para a da nossa propria nacionalidade.

D. João Becker — O COMMUNISMO RUSSO E A CIVILIZAÇÃO CHRISTÃ — Liv. Globo — P. Alegre — 1931 — 5$

TRATA-SE de uma obra de combate ao communismo russo, do ponto de vista da civilização christã. O illustre arcebispo metropolitano de Porto Alegre discorre sobre o assumpto com bastante clareza, dividindo o livro em 44 capitulos.

O facto do livro apparecer em 3.ª edição é a melhor prova da bôa acolhida que lhe dispensou o publico catholico.

Henri Béraud — O QUE VI EM MOSCOVO — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 5$

CE que j'ai vu à Moscou despertou vivo interesse em toda a Europa. E' talvez o maior inquerito, ou a melhor reportagem colhida na Russia, e que o seu autor poz deante dos olhos do operariado da França. Henri Béraud combate fortemente o communismo russo, podendo as suas idéas serem conhecidas entre nós, através da traducção excellente do sr. Mario de Sá.

Mario Poty

"TEIA DE ARANHA"

De Hugo Firmeza

"TEIA DE ARANHA" é a estréa literaria de uma intelligecia já consagrada. Antes de ser literato, Elcias Lopes foi jornalista, redactoriando — polemista vigoroso que era — um vespertino politico em Fortaleza. No Rio ingressou em *Fon-Fon* e formou ao lado de Gustavvo Barroso e Martins Capistrano, a trindade que representa ali a intelligencia moça e vibrante do Ceará.

Para estrear nas nossas letras escolheu Elcias Lopes um livro de chronicas.

Nos dias de hoje a chronica não é mais usada sinão no jornalismo. Focalizando assumptos do momento, perde ella o interesse para o futuro, afastando o leitor e tornando-o, assim, refractario aos livros de chronicas.

Ha chronistas, no emtanto, que, não interessando no assumpto, interessam no estylo, no modo de escrever, leve, delicado, cheio de sensibilidade, e, por isso, sempre agradam ao espirito.

Elcias Lopes ainda conseguiu mais que esses, pois ha no seu livro chronicas que mais adeante ainda interessarão ao leitor até mesmo no assumpto.

* * *

A mulher é tão artificiosa que, para enganar os outros se engana, muitas vezes, a si propria. Reveste-se de sentimentos que não possûe e, imperceptivelmente, enganando-se, nos vae enganando, prendendo o nosso espirito enleiando o nosso coração até que, dominados, subjugados aos seus pés, escravos do seu sorriso e dos seus beijos, passamos então a viver inteiramente da "trama que ella tece para nos matar"...

Elcias Lopes, em poucas palavras, descreve-nos a artificialidade que caracteriza a mulher: "Teia de aranha... enredos de mulher. Mulher... aranha mestra da vida!...

Si o fado, alegre, descanta que
Nossa Senhora faz meia
Com linha feita de luz,
tambem a mulher faz sua teia com a linha do sentimento, de que é novello o coração da gente. Porque
Nous vivons de la trame
Qu'elle tisse pour nous tuer..."

O cearense nunca esquece a terra natal. Em qualquer lugar onde se encontre tem sempre as vistas voltadas para a terra querida. E' que nelle pulsa o coração soffredor, irmanado á sorte ingrata dos conterraneos presos á terra, lutando heroicamente pelo sagrado direito de viver.

Elcias Lopes guarda na retina a visão do Ceará e ergue-lhe um hymno fervoroso e ardente: "E, dentro de mim, no campanario emocional da minha inquietação sinos da minha saudade, a exaltarem em ti, minha terra, a gloria da fé dos teus filhos e da dôr que te rasga as entranhas para o parto floral da tua fecundação, quando mais derrama sobre ti o incenso e a myrrha do seu suave e santo mysticismo!..."

Outra pagina encantadora de "Teia de aranha" é "Menina e Moça". Longe da filha sente Elcias Lopes confranger-se-lhe o coração ao vêl-a passar da idade povoada de sonhos e illusões para aquella em que a mulher começa realmente a viver, a soffrer as primeiras amarguras da vida, que "para ser vivida, é preciso tambem seja soffrida". E o seu coração transborda ahi em conselhos que só um pae póde dar a uma filha.

Na época em que vivemos o romantismo já é considerado caduco, pois já tem mais de um seculo. O amor hoje é tido como uma fantasia dos poetas, pobres sentimentaes que vivem eternamente cantando á lua... Elcias Lopes, porém, acredita no Amor, canta o Amor, invoca o Amor, "divino e eterno", e acha que o homem, em qualquer época, "voltará a desejar e a colher, nos labios doces ou amáros de Eva Immortal, a violeta mystica do Amor.

Di quell'amor ch'é palpito
Dell'universo intero,
Misterioso, altero,
Croce e delizia al cor".

Uma das paginas que mais me sensibilizaram em "Teia de aranha" foi o "Semeador de felicidade". Lembrei-me — não sei porque — de Hermes Fontes, o poeta saudoso que até na morte foi procurar a felicidade, e talvez nem nella a tenha encontrado. Elle falava na felicidade dos "que se arriscam á ultima viagem", como si a felicidade não fosse somente essa ansia de renovação que nos impelle a um fim almejado, a um ideal nunca attingido mas que se espera sempre attingir... E o poeta, triste, dizia:

...E eu acredito
que os que se arriscam á ultima [viagem
vão mais felizes, mais tranquillos, [vão
embalados, suponho,
em seu ultimo sonho
pelas cantigas dessa Scherazade
mentirosa
e piedosa,
por essa voz de macio refrão,
que, macia e sonora,
ainda, á ultima hora,
vem prometter-nos a felicidade,
em troca dessa eterna inquietação.

Felicidade... que imaginação!

* * *

"Teia de aranha" é, realmente, uma verdadeira *teia*, onde o espirito se prende e só com difficuldade della consegue se desembaraçar.

Estylo suave, encantador, revelando uma sensibilidade exaltada e um temperamento finamente amoroso, Elcias Lopes nos deu um livro que poderá ficar, pois, além do mais, ha nelle finura de espirito, grandeza de sentimento, espontaneidade da phrase.

O AUTOMOVEL

De THOMAS JAY

— O desejo de ter um automovel — dizia-me, ha poucos dias, o senhor Simplonete — é uma enfermidade muito parecida com o sarampo. Bem poucos se salvam della, que, quando ataca uma pessôa maior, é que mais perigosa se apresenta. Indubitavelmente, ha pessôas que compram carros porque o necessitam, mas outras só o fazem por espirito de imitação: porque o vizinho tem o seu, e ellas não querem ficar atras.

Muitas vezes me pergunto a mim mesmo por que será que nós, os sêres humanos, nos mostramos tão empenhados pela posse de um automovel, do qual, no melhor dos casos, apenas poderiamos comprar uma roda, exhibindo-nos pelos salões de venda dos carros de luxo com uns ares de superioridade, como si estivessemos acostumados a só passear em carros mil vezes melhores do que esses.

Como todo mundo, tambem eu ansiava ter carro, e não deixou de chegar o momento de poder ter a satisfação de comprar um, que, embora de segunda mão, não deixou de encher-me de legitimo orgulho e de desejo, de quanto antes experimentar minhas disposições de mecanico. Podeis crer-me: não sou precisamente um entendido na materia, mas, pelo menos, sei como desmontar o apparelho de barbear-me para depois collocar a lamina no seu logar, como si fosse um grande engenheiro.

No emtanto, não é possivel destapar o motor do carro e encontrar alli alguma coisa que me pareça collocada com alguma intelligencia... Quando esquadrinho o interior de meu carro, aquillo me parece mais uma cozinha, cheia de batedores, de machinas para lavar louça, de abridores de nozes, de apparelhos para picar carne... Os intestinos de meu carro me parecem um mysterio inexcrutavel.

Creio que deve ser por isso que nunca me foi possivel chegar a ter relações amistosas com meu "Othelo", como baptizei o meu lindo, mas um pouco caprichoso automovel. Quando o comprei, não puz em duvida quanto delle me contou o vendedor, que, por alguma razão inexplicavel, parecia cheio de contentamento. Segundo o que me assegurava elle, era o mais docil, o mais suave e o mais obediente de todos os carros de segunda mão existentes e por existir. Certamente, nos dias de sua longinqua juventude, deve ter conquistado todos os premios de bom comportamento que se offereciam em sua escola.

Na opinião do vendedor, era "Othelo" de uma belleza perfeita. Além disso, era muito capaz de dar conta de certo numero de transeuntes por kilometro. Subia as mais empinadas colinas, como si fosse um brinquedo de menino, e até se collocaria nas patas trazeiras, servindo para pedir nafta quando precisava. Sem duvida, eu o escutava, deslumbrado...

O homem tudo me explicou: como devia fazer para dirigil-o com graça e, tambem, com efficiencia. Tudo o que tinha a fazer era mover para traz esta alavanca, para a frente esta outra, empunhar o volante e sahiria só...

Assim seria theoricamente, mas... na pratica a coisa me pareceu algo differente. Entretanto, o vendedor não se cansava de garantir-me que não havia nada mais facil do que aprender a guiar aquele carro. Disse-me que era algo muito parecido a aprender a andar em aeroplano, coisa que tinha uma grande semelhança em cahir da cama, porém de uma altura bem maior. Seja como fôr, um bom amigo meu me prometteu mais tarde iniciar-me naquella facillima arte de guiar.

E quando chegou o momento de fazêl-o, a primeira coisa que me disse foi que lhe désse corda. Naturalmente, isso me pareceu muito simples; e, apoderando-me do volante, comecei a fazêl-o girar alegremente... E tive, então, occasião de conhecer pela primeira vez os habitos pouco civis

"Othelo"... Seus dois pharóes deanteiros pareciam dois olhos que me olhavam airados, e eu senti, de repente, tal empurrão em meu braço direito, que por pouco fico sem elle, sendo o choque tão forte, que fui dar a alguns metros de distancia. Meu amigo procurou tranquillizar-me dizendo-me que taes coisas costumavam occorrer com os melhores carros; mas me parece que elle bem poderia ter-me prevenido desses costumes...

Depois começou a explicar-me o que eu devia fazer quando quizesse andar para traz. Não precisava, para isso, sinão apertar o pedal do lado esquerdo, mas tal proceder não me pareceu bonito para com meu "Othelo", pois o vendedor nada disso me havia dito. De qualquer maneira, não pretendo cansar-vos com a narrativa muito detalhada de minha primeira lição de guiar automovel, mas o que vos posso assegurar é que não tive culpa si, naquella occasião, o poste da illuminação não sahiu do caminho para deixar-me passar: toquei a buzina com bastante força e com sufficiente insistencia.

Só um pouco mais tarde consegui saber o passado cheio de maldades e de chicanas que já tinha vivido "Othelo". Soube, tambem, que seu antigo dono não pudéra domal-o, ficando-lhe igualmente estreito, como esses ternos que não são feitos sob medida e se compram já promptos. Meu "Othelo" era assim para mim. Era tão pequeno, que, ao sentar-me nelle, meus braços sobresahiam da capota, como si o carrinho pertencesse a meu neto.

Um dos costumes pouco delicados de meu "Othelo" consistia em teimar em não querer andar toda vez que, em seu caminho, se encontrava com algum formoso e poderoso carro de luxo.

Até me rebaixava a dizer-lhe toda sorte de amabilidades, comprehendendo que tambem os carros de segunda mão pódem mostrar-se sensiveis a ellas. Cumulava-o de epithetos carinhosos, de palmadinhas amistosas, sendo tudo completamente em vão. Quando aquelle infame "Othelo" tomava a firme resolução de não seguir para a frente, demonstrava uma força de vontade que muitos homens casados, poderiam invejar-me...

Naturalmente, em taes casos desesperados, não me restava outro remedio sinão decidir-me a leval-o para a casa — ou seja a garage — empurrando-o mais ou menos carinhosamente. E si alguma vez já vos vistes na necessidade de empurrar uma machina pesando pelo menos uns cem kilos, comprehendereis os sentimentos que me animavam contra "Othelo" quando eu me entregava a tal sport. Aprender a guiar era, na opinião do canalha do vendedor, um dos maiores prazeres que poderia proporcionar o tal automovel *modelo*.

"Othelo" era, sem duvida, um dos carros mais caprichosos que cheguei a conhecer em minha vida, e estou inteiramente certo de que algum de seus antepassados deve ter sido uma dessas mulas de Texas, que gozam de fama universal por sua teimosia.

De qualquer modo, já pouco ligo a elle. Ha poucos dias minha sogra me pediu emprestados uns duzentos mil réis. Disse-lhe que, na falta de dinheiro em moeda, lhe enviaria meu adorado "Othelo".

A bôa senhora mostrou-se encantada com o offerecimento, e dessa maneira consegui desfazer-me de meu automovel e vingar-me, ao mesmo tempo, das innumeras injurias de minha mãe politica...

O CASAMENTO

O sacerdote se viu de repente repetindo as palavras mecanicamente. Só occasionalmente — reflectia com certo cynismo — só de vez em quando elle havia sentido desejos de pôr todo o seu coração e sua alma na formulação dessas velhas e solennes palavras que tão irrevogavelmente unem uma mulher a um homem até a morte.

A intervallos, naturalmente, havia algumas uniões realizadas por verdadeiro amôr. Então elle que bem podia falar. Seu coração se enchia de ternura. A belleza da cerimonia e sua significação pareciam transformar e envolver em luz os nubentes, e elle bem sentia em seu interior que a claridade se projectava no futuro caminho.

Mas a maior parte das cerimonias eram como as daquelle dia. A igreja cheia de uma multidão de elegantes e de semi-elegantes. Os raios do sol da manhã projectando-se através dos vidros, pintando quadros azues, verdes dourados sobre os rostos dos assistentes. Sua fragrancia combinada de muitas flôres e a mais penetrante e viva das mulheres em traje de festa. Mais perto, deante mesmo de sua pessôa, a noiva e o noivo. Ella, uma figura envolta em véos e setim branco, e elle, teso e solenne, dentro da rigidez de seu traje de cerimonia. Immediatamente atraz do casal, a habitual fila de damas de honor vestidas de branco, e os homens que as acompanhavam de rigoroso traje negro. Um ou dois delles, inevitavelmente, piscavam o olho para algum outro do publico, que, como elles, considerava o casamento como uma brincadeira.

No emtanto, o casamento, na opinião do sacerdote, não era uma brincadeira. Escutou a si mesmo e não poude deixar de se surprehender ao som de sua propria voz. As palavras se ouviam solennes e claramente pronunciadas, sem que elle puzesse consciencia nem coração no que dizia. Era, naturalmente, por causa do costume. Elle havia unido muitos, multissimos casaes desde sua consagração de sacerdote.

Não conhecia o noivo. Ou, melhor, elle lhe fôra apresentado poucos dias antes. Era um rapaz tranquillo, um canadense sem dinheiro algum, mas possuidor de um titulo inglez de menor importancia. Um bom rapaz, um pouco deslumbrado deante de tanta pompa. Naquelle momento, muito teso dentro de seu traje, gôttas de suor brotavam em sua fronte larga. Nervos, talvez. Depois, ninguem póde dominar por completo os nervos, sobretudo quando se está casando com alguns milhões.

Emquanto o sacerdote proseguia com os ritos da cerimonia, não deixou de pensar em como e onde os Mattan haviam descoberto o rapaz. Ali, na primeira fila de bancos, estava Jennie Mattan, a mãe, conhecida em alguns circulos como "A Leôa". Uma pessôa de extraordinaria firmeza, segundo sabia o sacerdote por mais de uma experiencia. O rapaz não se casava meramente com a joven que tinha a seu lado. Casava-se tambem com uma sogra, que facilmente podia ser a causa da fama de todas as sogras.

Afinal de contas — reflectia o sacerdote — o assumpto interessava pura e exclusivamente aos Mattan. Propuzeram-se conseguir um titulo e o haviam feito por certo. Pelo menos, o casamento podia resultar num dos de maior êxito até então conhecido.

Nesse momento, o sacerdote se deteve. Fazia-o sempre, ao chegar a esse ponto da cerimonia. Era uma pausa quasi instinctiva, fructo de sua tendencia pelo dramatico, o que, provavelmente, o levára a desempenhar seu sacerdocio. Depois, ouviu a si mesmo dizer solennemente:

— A este sagrado estado pertencerão, desde hoje, estas duas pessôas. Si alguem conhece alguma causa justa que impeça esta união, legalmente, se manifeste agora; porque, depois, deverá guardar seu segredo para sempre.

Um murmurio abafado percorreu a igreja como de costume. Depois se fez silencio. Um dos do cortejo tossiu um pouco. Alguem, nos bancos, se assoou suffocadoramente.

Então um homem se levantou mais ou menos no centro da nave principal. Deteve-se uns momentos, movendo as mãos, nervosamente. Era um homem de meia idade, correctamente vestido.

— Um momento! — disse.

O sacerdote deteve-se, espantado. Todas as cabeças se voltaram, rapidamente. Sussurros, exclamações.

O homem permanecia ali, sem se mover. Seus dedos nervosos accusavam seu estado de espirito.

— Creio que posso indicar uma causa justa — exclamou.

Todo o publico se pôz de pé, procurando vêr o intruso. Os jo-

De Geralt Myga

vens do cortejo reuniram-se em torno delle.

O sacerdote, completamente atónito, ergueu a mão. Nunca havia occorrido coisa semelhante! Era incrivel! Espantoso!

Aproximou-se do homem. As pessôas abriram passagem ao ministro de Christo.

— Isto não melhorará a situação — disse a dois dos rapazes que tinham segurado o desconhecido pela gola do paletó.

Depois, fez um amplo gesto com o braço, com a cabeça firmemente levantada, o olhar sereno. Pouco a pouco, as pessôas, envergonhadas, occuparam seus logares. A calma se restabeleceu.

— Este homem deve ser ouvido — annunciou, por fim, o sacerdote.

Voltou-se para elle:

— Si tem algo a dizer, diga.

O homem vacillou:

— Já disse quanto tinha a dizer — replicou, com certa dignidade.

Tennie Mattan, "A Leôa", se approximou, ameaçadora, com os olhos rutilando. E disse:

— O senhor vae dizer aqui, e agora, a razão.

O homem moveu a cabeça, negativamente, sorrindo.

— Darei a razão, quando e como queira fazêl-o.

— Ponham-no na rua! — protestou um homem.

Varias vozes repetiram a ameaça. Os rapazes do cortejo olharam interrogativamente o sacerdote. Este olhou o homem, a assembléa, e inclinou, afinal, a cabeça.

— Vamos! — exclamou "A Leôa", com vehemencia. — Todos podem sentar-se de novo.

O sacerdote voltou ao altar.

A cerimonia continuará! — disse, por fim, a mãe da noiva.

Encontraram a noiva na sacristia.

— Vem, Nancy — ordenou a mãe, da porta.

A noiva encolheu os hombros.

— Não é preciso — disse; — Ralph foi embora.

— Foi embora? Dizes que Ralph foi embora?

— Apanhou seu chapeu e sahiu — respondeu a noiva.

* * *

ÁS nove em ponto daquella noite, o noivo, sentado no quarto de um hotel barato, falava com alguem que acabava de ali entrar. Era o mesmo homem que puzéra o pé no centro da nave principal da igreja.

O noivo puxou a carteira e contou cinco notas de cem dollars.

— Aqui tem seu dinheiro — disse.

O visitante guardou as notas.

— Devo dizer-lhe — falou, emquanto abotoava o paletó — que estive tentado em confessar a verdade alli na igreja: que eu era um actor pago para recitar umas linhas, e que você só me encontrára umas tres ou quatro horas antes da cerimonia. Francamente, aquillo não me agradou.

— Comprehendo — disse o noivo.

O visitante sorriu.

— Ella se consolou bem depressa — annunciou, batendo o bolso do sobretudo, em que se encontrava um jornal dobrado.

— Aqui está — proseguiu. — A senhorita Mattan fugiu immediatamente no fim da cerimonia com um tal Snafford, o *chauffeur* da familia... Que diz a isso?

— Estou satisfeito de ter tido essa decisão — commentou o noivo, com accento de approvação. — Não o esperava, porque ella nunca teve a coragem sufficiente para contradizer sua mãe. A senhorita Mattan nunca me falou disso, mas eu o sabia por Snafford. Bem, rapaz! Sempre estou contente. Estava esperando á sahida da igreja, não é verdade?

— Foram para a Polonia! — disse o actor.

O noivo sorriu novamente. E disse:

— A unica maneira de ganhar contra uma mulher dessa classe é aproveitando a opportunidade que ella mesma offerece. Já não tenho dinheiro...

— Você tinha, pelo menos, quinhentos dollars — disse o actor, ironicamente.

— Sim. Mas era tudo quanto tinha.

Do bolso do paletó tirou um cartão, que leu com evidente satisfação. Dizia assim: "A Ralph, no dia de seu casamento. De sua nova mãe."

Ao pé do mesmo se viam as seguintes palavras — simples e curta sentença, em fórma de mandato: "Use estes 500 dollars em alguma coisa que faça feliz a você e a minha filha."

OS CHINEZES E AS ESTRELLAS

Como aconteceu com todas as coisas celestes, divinas e terrestres, os chinezes foram os primeiros homens que se occuparam com as estrellas, planetas e todos os astros corpos que vagam no firmamento.

Os astronomos chinezes não eram, porém, como os Martin Gil e os abbades Moreaux dos nossos dias, que alternam os estudos do céo com vulgares partidas de poker.

Os astronomos da China imperial viviam numa continua tensão de animo, porque se tinham deante dos olhos um céo magnifico tambem tinham por traz das costas um terrivel phantasma se fracassavam nos seus vaticinios ou nos seus calculos sideraes. Em uma palavra: os astronomos da China antiga tinham uma difficil missão a cumprir — estudavam, cuidadosamente, os phenomenos celestes para ver se algum perigo ameaçava a côrte de Pekin. Desgraçado do homem de sciencia que se enganasse num calculo, num vaticinio.

A OFFERENDA DA PIEDADE

CHRISTIANA de Lusange fôra passar o verão com sua tia, no castello de Préfailles. A joven ia ali todos os annos para descansar de suas actividades mundanas, que lhe suffocavam o resto do tempo. Amava as grandes escadas, os corredores sonoros por onde havia corrido quando era menina, os tectos ponteagudos que recortavam o azul, o vasto pateo de lousas desiguaes, a capella silenciosa e serena, e, sobretudo, o grande parque cheio de sombra, frescura e poesia.

Frequentemente se perdia nos caminhos rústicos, atravessando os montes centenarios, e sonhava sob as arvores. Seus passos a levavam, quasi sempre, a um pequeno bosque natural, perto do muro circular, cujas pedras musgosas e semi-derruidas deixavam passar o mysterio do bosque proximo.

De temperamento um pouco selvagem e romantico, Christiana se sentia bem naquella soledade.

Um dia em que chegava a seu retiro favorito, um homem sahiu do matto e a cumprimentou galantemente. A joven castellã iniciou, a principio, um movimento de retrocesso. Mas o estranho tinha um bom typo. Declarou que se perdêra passeando, e que se encontrava veraneando na região e se chamava Jayme Arbel.

A senhorita Lusange olhou então melhor o seu interlocutor, e sorriu. Elle aproveitou a opportunidade para entabolar uma conversação em que se mostrou cheio de intelligencia e cortezia. Ambos se separaram encantados do encontro.

Nos dias seguintes se viram de novo, encontrando-se como por acaso, trocaram impressões e verificaram tal identidade em seus pensamentos e tanta similitude em seu gosto, que sentiram nascer viva sympathia em seus corações. Aquella aventura imprevista encantava Christiana. Joven, rica, linda, terrivelmente cortejada, ainda não havia amado. Nenhum dos éphebos de frac que mariposeavam em torno della, nos salões, conseguia emocional-a.

Mas sentia que com Jayme Arbel não se passaria o mesmo. Elle parecia a um tempo mais ousado e respeitoso que os outros, irradiando de toda a sua pessôa um encanto extraordinario. Seus grandes olhos sombrios sabiam envolver a moça com tão penetrante adoração, que ella estremecia sob a caricia nova e se sentia enlanguescer com emoção inexprimivel.

Sem que ninguem o soubesse, o idyllio continuou e em breve Christiana amava com todo o seu coração aquelle que primeiro lhe havia revelado a ternura. Vivia em plena felicidade e sonhava com uma união que illuminaria seu destino.

Agora via Jayme todos os dias. Accumulavam confidencias, forjavam projectos para o futuro. Ás vezes, pelo contrario, permaneciam silenciosos, sorridentes, perturbados e tão entregues um ao outro, que o mundo parecia não existir para elles.

O rapaz queria ser recebido officialmente em casa da senhora Préfailles. Mas não a conhecia, e ella, muito apegada á etiqueta, talvez recebesse mal um vizinho de passagem.

Christiana continuou assim, amando em segredo. Pouco a pouco, Jayme se mostrava mais exigente, mais apaixonado, sem abandonar, no emtanto, a mais estricta correcção. Queria que sua amada fosse a mais bella e achava um prazer infantil o vêl-a adornar-se para elle.

E, ai! daquelles que, como fazem habitualmente alguns institutos meteorologicos, annunciavam chuva e no céo apparecia um sol radiante, diaphano, sem signal de nuvens!

Esses infelizes, emprehendiam logo uma longa viagem para o mundo das trévas.

Deante disso, é facil verificar que a profissão de astronomo, na velha China, nada tinha de agradavel...

Os cometas e os bolidos que cruzavam a atmosphera numa velocidade phantastica foram particularmente estudados pelos chinezes, que chegaram a conclusões interessantissimas como estabelecer que, em certo periodo do anno, infallivelmente, o céo era sulcado por um cometa de presagios funestos para a familia do imperador.

Tambem em Roma e Athenas os cometas foram considerados como pregoeiros do fim do mundo.

Na edade média os europeus consideravam os cometas como condo as almas dos mortos que desejavam fazer-se lembrados pelos vivos.

E, ainda em nossos dias, perdura a crença de que o apparecimento de um cometa é presagio de guerra imminente.

UM ENIGMA

Nunca se poude averiguar a razão porque os trajes femininos são abotoados á esquerda e os masculinos á direita.

O SYMBOLISMO DAS CATHEDRAES

As cathedraes têem sempre a fórma de uma cruz, recordando, assim, a morte do Salvador. A absíde que fórma a parte redonda do côro é a figura da corôa de espinhos; o altar symboliza a cabeça do divino crucificado; as duas naves do cruzeiro são braços estendidos; as portas, suas mãos furadas, e as naves, suas pernas.

A fachada, em geral, tem tres portas em memoria da Trindade.

De Alberto de Teneuille

Pouco tempo depois, se realizava uma grande festa no castello. A' noite, um baile reuniu a grande multidão de convidados. Christiana de Lusange, a quem aquella barafunda enervava, procurou cêdo isolar-se.

Na sombra que a luz da lua prateava, ganhou lentamente o parque. Ella sabia que encontraria Jayme no bosquezinho favorito.

Apressou o passo. Os ramos, quando ella passava, açoitavam-lhe os braços nús. Não pensava em sua toilette de baile sinão com a esperança de que agradasse a seu amado.

Afinal, estava ao lado delle. Um pouco enjoada, se abandonou ás mãos que se extendiam para ella. Estranhamente commovida, comprehendeu que ia viver um minuto inolvidavel. Jayme attrahiu-a para si. Uma glycinia embalsamava as trevas. Christiana deixou cahir sua cabeça sobre o hombro que se lhe offerecia. Os olhos de seu amigo acariciavam-na. Deitou-se ligeiramente para traz e ia offerecer seus labios...

Mas, nesse momento, sentiu que uns dedos lhe apertavam a garganta, emquanto, com voz energica, seu companheiro ordenava:

— Nem um grito, eu te mato!

A joven, louca de terror, teve um ligeiro estremecimento. Mas notou em sua nuca o frio aço de um revolver. Jayme continuou:

— Vamos, depressa!... A comedia terminou... Teu collar, tuas perolas, teus anneis... Ha muito que eu esperava esta occasião.

Brutalmente, elle arrancou-lhe as joias, metteu-as no bolso, e saltou por uma brecha do muro. Depois, não sem antes mandar-lhe um ironico beijo de despedida, desappareceu na sombra.

Christiana, petrificada, exhalou um débil gemido e cahiu desmaiada sobre as folhas sêccas.

Só alguns momentos depois, um guarda, que fazia sua ronda, a encontrou inerte, com sangue nos dêdos e no peito. Comprehendeu o roubo e, para avisar ás pessôas do castello, disparou o fusil.

Começou, então, uma carreira frenética. Empregados e convidados se lançaram através do campo. As pedras, recem-cahidas, indicavam a passagem do bandido. E começou a caça do homem.

A senhora Prefailles fez conduzir sua sobrinha para o castello. Christiana demorou muito em voltar a si.

E procurava apenas balbuciar explicações, quando um bando furioso levou á sua presença Jayme, livido, com as vestes esfarrapadas, seguro por vinte punhos. O guarda explicou:

— Alcançámol-o na planicie. Não tem não tem mais as joias em seu poder.

— Sou innocente! — murmurou o prisioneiro. — Assustastes-me quando eu passava, e por isso fugi sem reflectir... mas não roubei nada.

— Minha filha, reconheces este individuo? — perguntou a dona do castello.

Christiana murmurou:

— Não... não é elle... Não o conheço... E' outro... um *desconhecido*...

Acabava de fazer ao amôr entrevisto a offerenda da piedade. Os punhos se abriram, e o homem, sem proferir uma palavra, se afastou.

E emquanto todos a felicitavam por se encontrar sã e salva, Christiana de Lusange chorava, silenciosamente, a morte de seu primeiro sonho.

O MOSQUITO

De ANDRÉ BIRABEAU

EM principios de julho, quando Lucette partiu para veranear com seu marido estava nervosissima. Muito pela tranquillidade que produz ter um marido; bastante e bastante pela alegria de ter um joven amigo commum.

Ao regressar, terminada a vilegiatura, Lucette estava de novo tranquilla. Muito bem. Mas, quem conseguiu acalmál-a? Devemos admittir que haja sido o joven amigo?

Lucette tem uma irmã, Edméa. O problema de sua irmã atormenta Edméa, que não ousa interrogál-a, naturalmente. Mas seus olhares, sua vóz, certa vacillação em seus beijos — tudo interroga...

E, um dia, Lucette responde:

— Sim, Edméa; quando partimos, Frederico se me tornára odioso. Sentia que, quando se aproximava de mim, quando me falava, todos os meus nervos se rebelavam. Nada tinha, em realidade, que censurar-lhe, ou melhor, não tinha nenhum sentimento por me ter casado, tres annos antes, com um homem um pouco enjoado. Em torno de mim vejo muitas mulheres que devem supportar outros tanto ou mais enjoados, e, no emtanto, vivem tranquillas: Germana Luceau, Theresa Vendry, por exemplo. E eu não tenho um genio peor do que o seu. Não me casei louca de amor.

"Nunca imaginei que meu grande, gordo e tranquillo Frederico me recitaria cada noite as grandes scenas amorosas de todos os segundos actos.

"Sei perfeitamente que a vida conjugal está baseada na lei de compensações: "Permitte-me meus caprichos de mulher vaidosa, e eu desculparei tua gulodice. Deixa-me dançar, e eu permittirei que jogues o poker. Consente em minhas pequenas sahidas, e eu te concederei que passes as noites fóra" etc., etc.

"O casamento é a viagem do cégo e do paralytico. Estou disposta a acceitar que Frederico caminhe por mim, comtanto que eu veja por elle.

"Apenas, elle suppõe que eu não tenho pernas nem olhos, e está persuadido de que bastam as pernas e os olhos delle. Como é forte, como não é estupido, como ganha tudo o que quer, pensa que é superior a mim. O rei dos animaes! E como eu sou pequena, frágil e não raciocino segundo o vento que sopra do norte ou do éste, me considera como uma boneca animada.... Julga que as qualidades se medem, se valorizam, se pesam de uma vez por todas... Imbecil! Não sabe que, quando quero, suas maiores qualidades, para mim, não chegam a um centimetro, e que suas virtudes não pesam uma gramma...

"Não sei si me explico. Nunca detestei Frederico. Sempre vejo nelle as coisas que me agradam. Para supportal-o commodamente, para não sentir-me aborrecida delle, não se precisa muito, não é coisa difficilima. Muitas mulheres, para supportar seus maridos, têm necessidade de enganal-os. Nunca eu senti essa necessidade. Sei que qualquer coisa me basta: qualquer coisa que me colloque em seu mesmo plano, que restabeleça o equilibrio. Si me expresso mal, procura comprehender-me. Um dia, por exemplo, estava no salão de Germana Luceau, salão que communicava com seu *boudoir*. Germana discutia com seu marido, que lhe dizia, furioso:

"— Tu vales muito pouca coisa!

"E ella respondeu:

— E's um fracassado...

E quando se reuniram commigo, no salão, sorriam ambos. E sem hypocrisia. Ambos se perdoavam mutuamente, porque ambos se viam insultado antes.

"Em compensação, eu nunca ou sei contestar Frederico. E' tão grande, tão forte, tão potente, tão superior, o imbecil! Seria de todo estúpido dizer que tenho médo delle, mas não teria a coragem de maltratál-o, de rir-me eu seu nariz!

"E, não obstante, Edméa, eu me sentia tão disposta a isso, esta primavera... Cada dia me afastava mais delle... Chegára a não poder supportar o cheiro de suas mãos nem escutar suas palavras mais affectuosas. Apesar de nada elle me negar, mal abria a porta, eu me sobresaltava como si entrasse meu tyranno... A's vezes, eu pensava que, si pudesse expressar-lhe maus sentimentos sobre seus pés ou seu ar ordinário, ficaria mais tranquilla... Mas, infelizmente, minha bócca nunca se abriu para lho dizer...

"E então, querida Edméa, quando Frederico e eu fomos passar fóra as férias de julho, estava certa de que ia enganar meu marido. Em tal disposição, me conduziu elle a Villebim, onde veraneia todos os annos Jorge Allégre, que me faz a côrte.

"E, effectivamente, tudo estava em condições. Allégre não me abandonava um instante. Minha virtude perigava. E uma semana depois de minha chegada a Villebim, estava pendente de um fio. Uma vez, cheguei a prometter a Jorge uma entrevista para o dia seguinte.

"Não obstante, sou uma mulher honesta e desejava que um obstaculo imprevisto, uma inesperada transformação de Frederico me impedisse de manter minha promessa. Mas, sim! Foi, durante o almoço, o homem de sempre: superior, superior, superior! Comeu tranquillamente, fumou com calma, bebeu senhorilmente seu licor, leu depois, na cama, o jornal, com

a mais firme simplicidade, emquanto que eu estava a seu lado, com os olhos muito abertos, sem ler nem falar, pensando em não sei que...

"Fazia calor. A janella estava aberta. Brilhava a lampada no dormitorio. Entrou um mosquito...

"Apenas um mosquito! Insignificante animalzinho... Sim, mas eu não posso supportar o seu zumbido... E Frederico tambem... E o mosquito veiu cantar em nossos proprios ouvidos...

"Afugentámol-o agitando lenços. Perseguimol-o. O mosquito brincava comnosco. Perseguia-nos com seu zumbido de minusculo aeroplano, e depois se escondia em refugios inaccessiveis. Ou, então, se fingia de morto, e, de repente, zás!, nos picava... Frederico, homem superior, que conserva seu sangue frio nas mais violentas discussões financeiras, estava, minha querida Edméa, completamente fóra de si. Si o houvesses visto, encarnado, com os olhos de louco, meneando desesperadamente a cabeça...

"— E' odioso! — gritava. — Não poderemos fechar os olhos durante toda a noite!

"— Olha-o, Frederico — disse-lhe eu; — o mosquito está em tua face...

"— Bem — respondeu-me. — Esmaga-o de uma vez...

"E offereceu-me sua face... E eu, zás!

"Unicamente para esmagar o mosquito, Edméa, eu te juro, sem outros pensamentos, mas com todo o coração...

"Que bofetada lhe dei! E que bem me fez! Immediatamente, me senti acalmada, tranquilla, conformada como a gente se sente após um pranto... Havia esbofeteado Frederico, meu marido, o homem superior! Esbofeteado! E não em pilheria...

"E a cara que fez elle, Edméa! Soltou um estupido "oh!", com as faces vermelha, e me contemplou com olhos tristes, assustados, com cara de idiota...

"Não tive necessidade de enganál-o... Bastou-me a bofetada... Comprehendes? O equilibrio se restabelecêra... Já não precisava eu de um amante...

"Sobre nossas cabeças, o mosquito — que eu não pudéra esmagar — zumbia ironicamente..."

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

De José Nucete - Sardi

E disse Pierrot:

— A festa já passou. Com ella passou o brilho de teus olhos e o carmin de teus labios de mentira. Tua magnificencia de gitana cheia de sol artificial fulgurou tres dias: um minuto em tua vida. Fomentaste sonhos com teu olhar allucinado pelo creyón que soube desenhar a olheira violacea e sorriste amores com teu sorriso purpurado pelo *kissproof* sob a mascara de sêda. A teus pés cahiram as serpentinas de todos os desejos e o papelzinho dos *confetti* de occasião. Durante a festa louca, foste rainha. Teu corpo outomnal — um tanto fôfo — sentiu, nos dias de ephemero reinado, caricias ligeiras, que avivaram as ultimas chammas de tua carne em crepusculo.

"Na furia do baile adormecias enlaçada pelo braço forte do galão e sorvias depois teu sonho louco nas taças de champagne.

"A festa passou. Com ella passou tua formosura de mascara. Esta cahiu, e, desconsoladamente, te miras ao espelho. Estás mais velha do que antes de iniciar-se o reinado fugaz. Sem duvida, o creyón violaceo, o crême de perolas e o *kissproof* são culpados do recrudescimento de tua velhice. Agora o comprehendes, emquanto contas mais umas rugas: uma, duas, tres... e recordas que em uma desses noites brilhantes desfolhavas margaridas, interrogativamente: *sim?... não?... sim?...* Tudo foi uma troça da Majestade louca e r i s o n h a. Já ironia do reinado ephémero, mas em teus ouvidos ficam as notas furiosas do *jazz*.

"Pensas que naquelle sorriso de teu galã — talvez porque elle te conheceu sob a mascara — havia um pouco de piedade. Suas palavras, antes que brotes de paixão, eram, sem duvida, bálsamo de piedade para teus annos em fuga.

"A festa passou. Com ella fugiu tua formosura de máscara! Contricta e avelhantada pensas oh, alma sonhadora de mulher! — apesar de tuas novas rugas, na modificação que deves fazer em teu disfarce para o proximo anno, e emquanto nisso meditas, a máscara que rodou e te espia do chão tem, nos buracos dos olhos, um gesto de ironia para seu sonho..."

Seara alheia

Os tristes humoristas

O humorismo dos literatos é reflexivo e toda reflexão é amarga. O unico optimismo reflexivo é o da resignação, que funda sua esperança nas coisas ternas.

Fazer rir pode ser, em qualquer homem, um acto espontaneo e sincero; nos literatos é um artificio. O homem profissional não pode deixar de sentir o contraste entre o regozijo que ha de produzir e seu estado de animo, entre o aspecto ridiculo das coisas e o que são em si.

Não é disparate admittir que não se pode ser um bom humorista sem levar na alma certa tristeza ingenita, mais ou menos dissimulada. O comico é contraste entre o real e o ideal, e não é possivel vêl-o sem sentir ambos.

Os humoristas profissionaes teem que ser mais tristes que os pensadores serios e os verdadeiros philosophos. Porque não vêem a vida senão no seu aspecto mais pessimista, que é o grotesco. Rir-se de uma cousa vale tanto como menos pregal-a. Dar á vida uma expressão burlesca equivale a não lhe conceder valor algum.

Peçamos á nossa boa sorte a alegria sadia e tranquilla que dimana dos gozos moraes intimos e da satisfação do dever cumprido e que ella nos preserve da inclinação e rirmos de tudo e, com mais motivo ainda, de fazer rir á custa de idéas e de pessoas.

Triste officio esse que nos habitua a ver em tudo seu aspecto disforme, levando-nos a ignorar, quer queira ou não queira, a relação do humano com o divino, que não faz rir nunca, mas que é a razão unica que, no mundo, vale a pena de viver. — ANTONIO ZOZAYA.

MOCIDADE FORÇADA

PERSONAGENS: ISABEL E ELIAS.

ISABEL. — Não sei o que achas neste vestido... Está no rigor da moda... Mas tens que resmungar e criticar, embora o faças apenas por costume.

ELIAS. — Limito-me a fazer-te uma advertencia... Além disso, não me parece bem que uma senhora com netos se pinte dessa maneira e ande com esses trajes...

ISABEL (*despeitada*). — Eu não sou tão velha.

ELIAS. — Ora!... E onde estão teus sessenta annos?...

ISABEL (*suffocada*) — Cincoenta e cinco...

ELIAS (*muito tranquillo*). — Essa é a idade *social*, mas eu sei da verdade... Quando nos casámos, tu diminuiste seis annos na tua idade... Soube-o muito depois, graças a uma *gaffe* de tua mamãe, que Deus tenha em seu reino... A pobre senhora se esqueceu de que ambas — você e ella — me haviam enganado como a um idiota, e começou a dizer: "Quando nasceu Isabelinha, no anno 71, estavamos em plena febre amarella... Era um horror! etc. De maneira que commigo não valem artimanhas.

ISABEL. — Como estás feito um velho acabado, não queres que eu represente menos idade.

ELIAS. — Si é ao contrario!... Si, quanto mais te pintas e mais ridicula te vestes mais annos representas! Si eu andasse com o cabello e o bigode tingidos, e recebesse massagens faciaes e banhos de vapor, ficaria feito um fantoche!...

ISABEL. — Na tua vontade, eu andaria de bata e sem um grão de pó.

ELIAS. — Não digo tanto. Mas vamos ver: por que pintas os labios e os olhos?... Pensas que dissimulas assim as rugas da bocca ou o *pé de gallinha*?...

ISABEL. — E' claro que sim.

ELIAS. — Isso é o que te ha de dizer *miss* Beuthram, uma espertalhona que soube explorar, de um modo admiravel, a astupidez feminina... E é lamentavel que tu e outras idiotas acreditem no que ella diz.

ISABEL. — Obrigado!... Estás cada vez mais educado, mais fino... Tu é que precisas de crêmes para *suavizar-te*...

ELIAS. — Pelo menos, não tenho rugas na lingua.

ISABEL. — Não ha coisa mais detestavel do que uma velhice desleixada.

ELIAS. — Ha coisa muito peor: uma velhice ridicula. Como a tua...

ISABEL. — Mas, afinal de contas, que faço eu?

ELIAS. — Quasi nada!... Teu quarto de *toilette* parece um laboratorio. Frascos e potes de todos os tamanhos: pós, crêmes, tintas, lapis, etc. Ha o oleo de mosquito para esticar a cutis. Ha a agua das onze mil virgens para branqueál-a. Ha as petalas de ananaz para suavizál-a. Ha o vermelho do pimentão para dar-lhe côr... E não quero falar dos lapis... Um pastelista encontraria alli côres para trabalhar tres annos... E si, depois de tudo, sahisses do toucador mais decente... Mas pareces uma máscara digna de figurar na *Dança da Morte*.

ISABEL (*indignada*). — O que te dóe é ver-me ainda joven, emquanto estás velho... Só isso...

Sempre me recordo do que se dizia daquella princeza: "Antes de fazer a sua *toilette*, tem sessenta annos; depois, trinta."

ELIAS. — Isso haviam de dizer os cortezãos para adulál-a e pedir-lhe depois o que desejassem... Mas eu estou certo de que, antes, tinha sessenta, e depois... cem!...

ISABEL. — Bem. E' inutil falar comtigo.

ELIAS. — E depois Isabelinha, embora eu te queira muito e haja sido um modelo de marido...

ISABEL. — Hum!...

ELIAS. — Sim, *hum!* E um modelo, repito. E não fica bem que pagues essa fidelidade pondo-me em ridiculo pela rua e dando-me todas as noites um susto.

ISABEL. — Um susto!...

ELIAS. — E' claro!... Eu estou dormindo tranquillamente. Desperto, e á luz da lampada, em logar de ver a meu lado uma mulher, vejo um monstro.

ISABEL. — Monstro?... Que dizes?...

ELIAS. — Sim: monstro, com um *emme* grande. Eriçam-se-me os poucos cabellos que tenho. Até que verifico que és tú, que te deitaste com a mascara de gomma para afinar os dedos... Si continúo assim, qualquer noite vou ter uma syncope..

ISABEL. — Irei para outro dormitorio... Assim não terás mêdo...

ELIAS. — Sim, filha, sim... E' o melhor que pódes fazer... E queira Deus que não entre em teu quarto nenhum pobrezinho ladrão nocturno, porque, si te visse assim... desmaiaria de susto, e teriamos que tratál-o...

FANFRELUCHE

ARTE BRASILEIRA. — A arte não tem patria. E' uma instituição da humanidade. Mas, realizada em diversos pontos do Espaço e em diversos instantes do Tempo, adquire, ao par do seu caracter geral de creação humana, o especial de lugar e de tempo. De sorte que ha uma arte da Antiguidade, uma arte da Idade-Media e uma arte da Era Moderna, como uma arte oriental e uma arte occidental, uma arte grega e uma arte romana, uma arte bysantina e uma arte musulmana, uma arte italiana e uma arte franceza... São factores que concorrem para a differenciação da arte, os que concorrem para a differenciação do homem: o meio physico e o meio social. São estes que inspiram a idealização e suggerem os processos technicos. A arte dos habitantes da zona temperada não é a mesma dos da zona torrida; a dos que vivem na planicie, differe da dos que moram na montanha; a dos que adoram fetiches e deuses, em communhão constante com os seus adoradores, é differente da dos que veneram deuses isolados no céu. A arte das civilizações conservadoras, essencialmente fixas, como as do Egypto e da Caldéa, differe muito da arte das civilizações progressistas, essencialmente moveis, como as da Grecia e de Roma. Eis por que a arte oriental da China e do Japão não se confunde com a arte occidental da Italia e da Espanha; a arte antiga de gregos e romanos, com a arte moderna de francezes e allemães. Eis por que deante de um poema, de um quadro, de uma estatua, de um monumento, de uma solfa, o critico póde determinar-lhes o grão da escala esthetica, marcando-lhes o lugar no tempo e no espaço. Não confundirá o templo egypcio, com a mesquita musulmana ou a cathedral catholica; o poema em versos brancos dos antigos, com a poesia rimada dos modernos; a pintura sem perspectiva da theocracia egypcia, com os quadros gregos do seculo de Pericles; as melodias sem harmonização de uma canção grega, com o canto gregoriano da idade-media, ou as composições symphonicas da musica moderna; não dirá assyrio um baixo relevo que representa uma scena religiosa, nem egypcio o que reproduz uma caçada; não classificará como jonia a columna persa de capitel bicephalo só porque ostenta volutas sob as cabeças unidas...

Ora, se ha caracteres differenciaes entre as artes, conforme o meio physico e social em que medram, é logico, é natural, que exista, senão em toda a sua plenitude, ao menos em pleno desenvolvimento, uma arte que é funcção do meio physico e social do Brasil, uma arte brasileira.

Que é que a caracteriza, ou que é que deve caracterizál-a?

Preliminarmente o caracter commum: a arte occidental de origem iberica, especialmente portugueza. Os brasileiros, quer queiramos quer não, somos portuguezes da America, como os outros sul-americanos, e os centro-americanos, são espanhóes, e os norte-americanos, inglezes ou britannicos. Em segundo lugar, como qualidade complementar, a que resulta da influencia physica da terra e do concurso physiologico e psychico do aborigene americano e do negro africano. De sorte que a nossa arte, a arte essencialmente brasileira deve ser a que idealiza a realidade vista através das influencias ancestraes da civilização occidental, transmittidas pelos portuguezes (hoje, e desde mais ou menos cincoenta annos, transmittidas tambem por italianos e allemães), e modificadas pelo concurso do indio e do negro.

NOTAS DE ARTE

Semelhante concurso age directa ou indirectamente. Directamente fornecendo os motivos de idealização. Indirectamente transfundindo em a nossa sensibilidade occidental os sentimentos primitivos das populações fetichistas, oriundas do solo brasilico ou emigradas das plagas africanas. Mas num e noutro caso, a verdadeira obra de arte brasileira é essencialmente de arte occidental, arte de civilizados, e não arte de selvagens americanos, ou dos barbaros africanos. Os themas indo-africanos só constituem objecto de arte brasileira quando estylizados. Taes, em poesia, o **Y-Juca-Pyrama** de Gonçalves Dias, e a **Cachoeira de Paulo Affonso**, de Castro Alves; em musica, **O Guarany** e o **Escravo**, de Carlos Gomes, e a **Suite brésilienne**, de A. Nepomuceno; em pintura, **O ultimo tamoyo**, de R. Amoedo e **A morte de Moema**, de Decio Villares; em esculptura, **Maria e Lucas**, de Eduardo de Sá, e alguns outros em que os motivos colhidos no meio fetichico de indios e de negros são tratados com mestria e com belleza pela arte occidental dos grandes artistas brasileiros.

A reproducção quasi exacta das palavras e dos sons, das linhas e das côres, como todo o seu primitivismo de manifestações embryonarias do genio artistico da Humanidade, não constitue, não póde constituir arte brasileira, no sentido de arte representativa da civilização brasileira, mas apenas arte das populações primitivas e incultas do Brasil de hontem ou de hoje.

A arte brasileira, a que aspira, ou póde desde já, collocar-se ao par da arte de outros povos, é, repetimos, a arte humana herdada da civilização occidental através principalmente da raça portugueza e secundariamente de outras raças européas, e influenciada pela acção do selvagem americano e do preto africano. Não é, não póde ser, arte de indios e de negros, no estado rudimentar da sua civilização.

OSCAR D'ALVA

Alguma cousa aconteceu na casa fronteira!

Quantas scenas como esta V. S. teve ensejo de presenciar no seu bairro?

A taboleta "Vende-se" desappareceu... e outra familia vem occupar a bella vivenda. Outras creanças começam a brincar no jardim e outra dona de casa se delicia com o confôrto e a commodidade da morada.

Mas, que é feito da senhora e das creanças que eram os donos desse paraiso? Quando, pela ultima vez transpuzeram os seus humbraes, ingressaram num mundo onde "não ha logar para viuvas sem recursos e para filhos orphãos de pae". E as pobres creanças deveriam ter dito: — "Papae nunca pensou na sorte que nos estava reservada!..."

Os paes que estão vivos e gozam bôa saude ainda pódem reflectir e agir. Si desejam que os entes queridos se mantenham no seu lar, não é prudente protelar a realização de um seguro de vida, que ha de protegel-os contra as vicissitudes futuras. Será uma excellente e carinhosa lembrança a de um pae que, em vida, presentea a esposa e filhos com uma casa. Muito mais criterio, porém, demonstrará si souber, em tempo, garantir-lhes os meios de sustentar esse lar.

Procure um Agente da Sul America e V.S. encontrará o meio facil de realizar a obra mais meritoria que se póde exigir de um pae e esposo affectuoso.

CC

Caixa 971 — **SUL AMERICA** — Rio de Janeiro

Queiram enviar-me, sem compromisso de minha parte, informações detalhadas sobre "Seguros de Vida".

Nome..

Rua e No...

Cidade...*Estado*...................

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 11

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 12 de Março de 1932

OS HOMENS E AS MULHERES

SEM duvida alguma, o falar mal das mulheres é, presentemente, um thema encantador e amavel. Um chronista, para ser elegante, necessita fazer de mestre Schopenhauer — o homem que classificou as mulheres de "animaes de idéas curtas e cabellos compridos..." Um sociologo, para ser bizarro, está no dever de demonstrar que um homem, segundo ensina Mahomet, "vale por duas mulheres, e uma mulher não vale outra mulher." Um romancista deve defender a these de que, sem o nosso alto prestigio, as filhas de Eva são todas insignificantes e vulgares.

Eu mesmo já fiz garbo de atacál-as, pelo simples prazer de lhes negar meu louvor. Cheguei até a crear, em torno á minha obscura pessôa, a lenda de que era inimigo ferrenho das saias.

E, na verdade, eu achava que a mulher era apenas um lindo motivo de esthesia e de arte, com que a nossa penna se divertia, quando faltava assumpto.

Mulher? Bôa para um *flirt*, para um amôr ephemero, para uma camaradagem, que logo enfastiava, como certos "marrons glacés" — deliciosos no começo, mas enjoativos no fim.

Hoje, não. Penso de modo differente da maioria dos meus illustres confrades. Primeiro, para pensar pelo meu cerebro, e ser, de certa maneira, original; depois... Depois, porque, vivendo mais com as saias do que com os bigodes e as calças, pude estudar melhor as representantes do sexo fronteiro ao meu. E, francamente, — cheguei á conclusão de que, apesar de todos os seus defeitos mais graves, de todas as suas malicias e do seu instincto cruel (mas isso, senhoritas, não é para falar mal) é preferivel uma mulher mesmo com a cabeça decepada, como a do martyr S. Diniz, — a uma duzia de homens, angelicos e puros, como Santo Antão. Juro que é!...

A mulher, na peor das hypotheses — si, quasi sempre, nos engana — a verdade é que tambem nos dá o seu affecto, o seu applauso, o seu estimulo, a sua alegria, a sua bondade. Si temos valor, si se trata de um escriptor, ellas nos compram o livro (o diabo é que o emprestam a toda gente...) e o lêem. Depois, — como falam muito, fazem a nossa propaganda, entre as suas amigas intelligentes. Guardam-nos o retrato, carinhosamente, com o respectivo autographo e, quando a sua admiração é exaltada, não raro nos defendem com ardor, não permittindo que sejamos atacados pelas costas.

Não se diga que as feministas "enragées" são nossas concorrentes e inimigas acerrimas. As feministas são um sexo á parte — são ex-mulheres, — simples creaturas que nasceram para fingir que são homens...

As mulheres — mulheres são más, infieis, mentirosas, ingratas e crueis. (Não é para falar mal). Têm, no emtanto, o destino de certas flôres bonitas, da flora medicinal: — curam e embellezam a vida amarga dos homens.

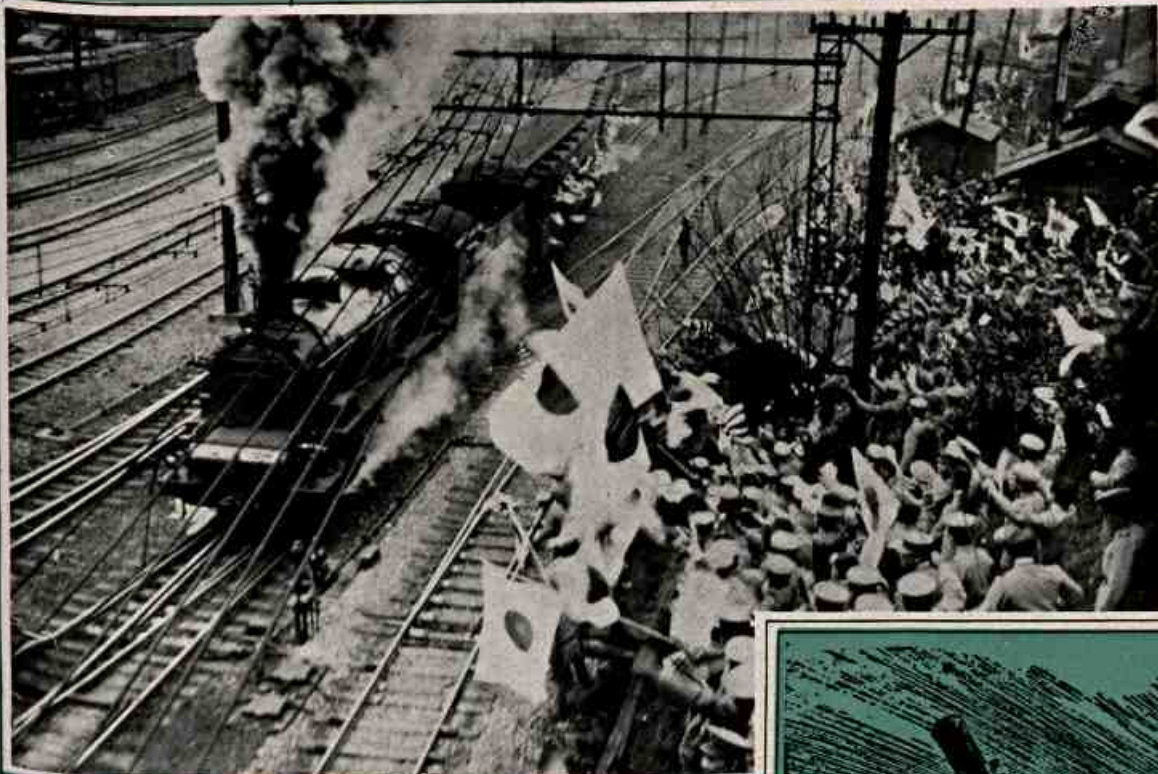
BASTOS PORTELA

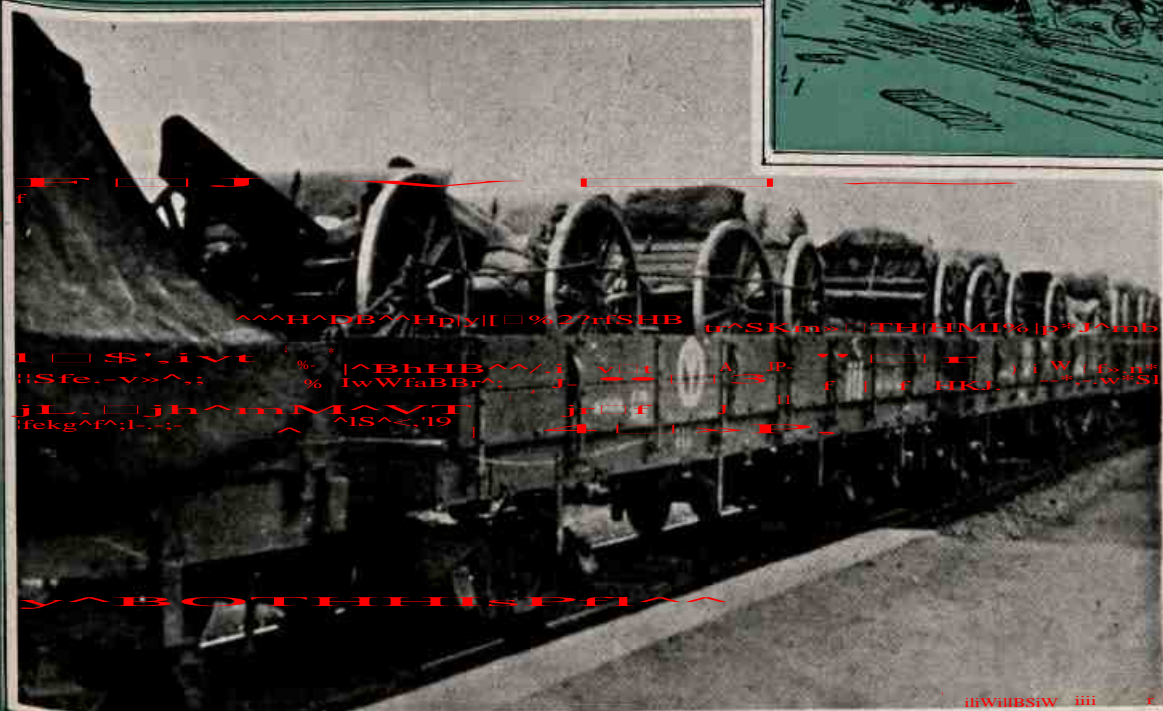
ASPECTOS DA GUERRA SINO-JAPONEZA

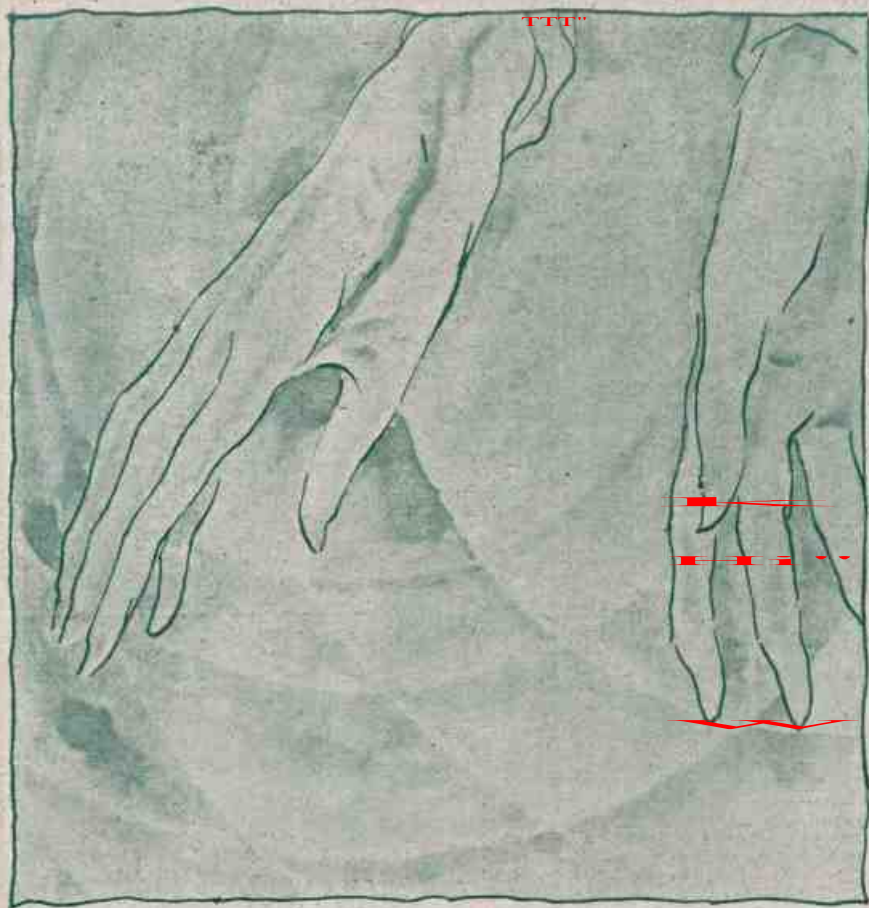
As mulheres, no Japão, não são menos ardorosas do que os homens nas manifestações publicas em prol da victoria das armas nipponicas no conflicto com a China. A photographia acima fixa um aspecto de um «meeting» feminino em Tokio, a favor da guerra e contra qualquer idéa de paz que não seja honrosa para o Japão.

Um flagrante da população civil da China apavorada deante da pilhagem de seus proprios compatriotas. Quando as tropas japonezas se approximavam de Simmim, os chinezes alli residentes abandonaram, precipitadamente, a cidade, para ir ao encontro de seus inimigos pedir garantias de vida.

O general Jiro Minami, ministro da Guerra do Japão, ao embarcar em Tokio, com destino á terra chineza, afim de inspeccionar as tropas nipponicas que operam na Mandchuria.

(Photographias do Serviço Especial de FON - FON em Paris).

ASPECTOS DA GUERRA SINO-JAPONEZA

A partida de um trem conduzindo tropas japonezas para Shangai. Os soldados nipponicos recebem da população de Tokio, e dos seus collegas que ficam, enthusiastica manifestação de patriotismo. Vêem-se bandeiras japonezas agitadas com delirio por sobre as acclamações populares.

Trens carregados de armas e munições partem, diariamente, de Tokio, com destino ao campo de operações das tropas japonezas, em Shangai.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

MÃOS FLORIDAS

PADUA DE ALMEIDA

Tuas mãos são tão brancas, de uma alvura
igual ao céo mais alto... e são tão finas
como a doce algidez das turmalinas
e a agua mais pura...

Além das tuas unhas pequeninas,
de aérea doçura,
a tua alma vive e transfigura
num iris tudo, tudo que illuminas.

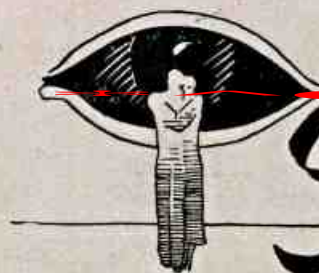
O sol nos dedos pállidos resumes,
e o ar se desdobra em flores, quando acenas
ou quando gesticúlas... E' que, no ar,

todo embebido de perfumes,
radia um halo de açucenas
que seguem tuas mãos, sem nunca se apagar...

PAULO WERNECK

ILLUST.

A nota chic, poderiamos dizer «glacial», do Tijuca Tennis Club, domingo ultimo, foi o seu «sorvete dançante». Não dizemos «nota glacial» nem «gelada», porque o ambiente, — apesar do sorvete que se derretia nos labios lindos das damas — estava animado pelo calor do enthusiasmo choreographico e, certamente, dos corações felizes, que rodopiavam, aos pares, abrazados e candentes.

O 28.º anniversario da avenida Rio Branco foi solennemente commemorado na ultima terça-feira, por iniciativa do Club de Engenharia, da Associação dos Empregados no Commercio e do Centro Carioca, que, além de promover uma romaria de saudade ao tumulo da madrinha da grande arteria — a condessa Paulo de Frontin, fizeram celebrar, na igreja da Bôa Morte, uma missa em homenagem ao conde de Frontin, autor do plano e presidente da commissão de technicos encarregada da execução da notavel obra de que se orgulha a nossa capital. A photographia acima foi tomada após a missa, vendo-se o conde Paulo de Frontin entre as pessôas presentes.

CASQUINHAS do carnaval?

Parece, porque o primeiro *reconhecimento* foi feito pelos moradores da pacata ladeira do bairro chic, a partir de quarta-feira de cinzas, quando lá appareceu a elegante *barata* amarella.

Desde então, o vehiculo surge, estaciona longo tempo, em posição estratégica, e o casal, descuidado e feliz, por vezes suppõe que está no deserto do Sahara...

O *chauffeur* amador e mais a linda rapariga morena, entretidos, ficam horas esquecidas, recordando, certamente, historias da Carochinha...

E, de quando em quando, elle não resiste aos encantos da boquinha vermelha, expandindo-se com maior enthusiasmo...

Um brinquedinho muito interessante, mas que precisa acabar quanto antes, porque, afinal de contas, a assistencia está fatigada com a repetição da bela...

O homem mysterioso apparece invariavelmente depois da meia noite na rua deserta do bairro *chic*, salta do automovel e penetra numa casinha simples, onde suppunhamos morar gente morigerada.

Entretanto, quem vê cara não vê coração...

A garota de physionomia doce, tranquilla, olhos rasgados, negros, inspira confiança, e ninguem seria capaz de suspeitar que tivesse coragem de permittir visitas nocturnas ao seu lar, quando o companheiro está ausente.

Mas, temperamento ardente, ella não quer saber de viver como sombra perdida no interior da sua casinha modesta e vazia.

O homem mysterioso comprehendeu perfeitamente que a garota tinha um coração sensivel...

Logrou vencer a partida, sem difficuldade, porque chegou no momento preciso, e todos sabem que a occasião faz o ladrão...

Por isso, depois da meia noite, o automovel apparece, abre-se o portão e a rua cáe na pacatez habitual...

UMA VOZ DOS PAMPAS

A cantora gaúcha senhorita Sterlina Gomes annuncia para breve um recital em que revelará expressões interessantes do «folk-lore» de sua terra. Bonita e dona de uma voz rica de nuances magnificas, a joven astista possúe uma sensibilidade delicada e uma arte de dizer original. Dahi o motivo por que essa audição das coisas que caracterizam a vida rude dos pampas, com a sua poesia impressiva, e os seus costumes bizarros, desconhecidos para o carioca, ha de assignalar um acontecimento artistico de larga repercussão, entre nós. A sua festa, que é patrocinada pela colonia sul-rio-grandense, deverá realizar-se no edificio da Casa do Rio Grande.

A paullistinha surgiu como uma nota bizarra para o encanto da nossa capital.

Quando passa na Avenida, pisando firme, martelando o salto na calçada, ha um movimento geral de attenção. Os *mirones* perdem o geito, abandonando os postos, para a corrida atraz da avesita vinda da Paulicéa.

De um *gajo* sabemos que está pelo beicinho...

Depois que o telephone trabalhou, permittindo uma visita ao arranha-céo onde ella vive, perto das nuvens, o rapaz ficou totalmente *grog*. Houve uma sessão literaria e a promessa de melhores dias...

A *paulistinha* é um numero de sensação, que ficará na historia da cidade, assim que realizar o seu grande sonho *posando* para modelo na nossa Escola de Bellas Artes...

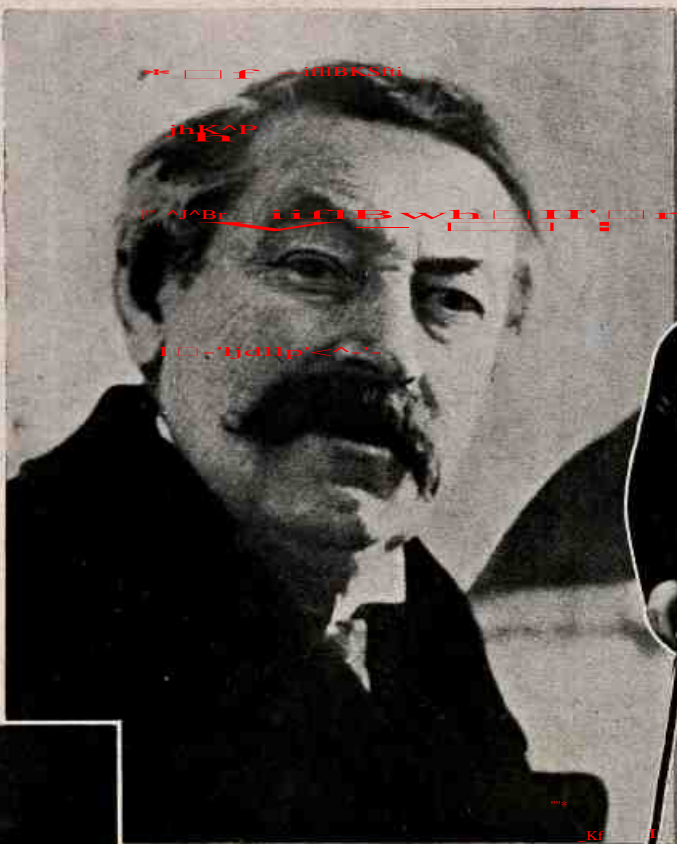
Que novidade!

A galante senhorita está exhibindo, presentemente, o decimo noivo official. Espantoso, mas é verdade. Quem puder decifre a charada, porque nós confessamos que não percebemos nada do negocio. Si, mais tarde ella vier a variar de marido com a mesma displicencia como tem substituido os noivos, vae ser um caso sério...

Na praia, a galante senhorita, quando apparece, uma semana acompanhada do mesmo rapaz, os commentarios fervem. As piadas saltam de todas as bôccas maliciosas, e não ha quem deixe de indagar o que está para acontecer... O diluvio, talvez, porque a regra é a renovação constante de figurinha sem expressão, ao lado da menina volúvel, cujo encanto enche de alegria aquelle doce pedaço de praia.

Quando o actual companheiro de *mademoiselle*, souber da sua mania, é capaz de cahir na...

O ANIMADOR da paz

ARISTIDES BRIAND, o grande estadista francez, que acaba de fallecer em Paris, depois de longa e afanosa existencia dedicada á solução pacifica dos problemas humanos, era o animador da Paz. Pela palavra, pela penna e pela acção directa, elle se esforçou, anno após anno, infatigavelmente, pela approximação e pela associação economica dos povos, visando o bem estar do mundo e a segurança da civilização. No tapete das realizações politicas, elle teve a coragem de lançar a velha these pacifista hugoana dos Estados Unidos da Europa. Elle não poude nem poderia completar sua obra, mas preparou o terreno em que no futuro ella se possa elevar triumphalmente.

Aristides Briand, o animador da paz, em varias atitudes photographicas, que dão bem a idéa da sua grande figura de prestigio universal. Em baixo, o eminente estadista em companhia do marechal Foch e de Lloyd George, por occasião da conferencia de Londres.

Caverna de Ali Babá

Godofredo Filho pertence ao grupo dos «novos» escriptores bahianos. E' uma intelligencia expressiva, com originalidades que caracterizam sua destacada personalidade. A taciturna cidade de Marilia forneceu materia para o primeiro livro de Godofredo Filho. Um poema da hora avançada... Como a cidade mineira, o poema tem altos e baixos. Mais altos do que baixos, felizmente. Não somos apreciadores do «genero» explorado de preferencia pela mediocridade das letras. Isto, porém, não nos impêde reconhecer no autor qualidades apreciaveis de escriptor de fina sensibilidade e os seus meritos de artista.

A REVOLTA DAS MACHINAS

Entre os grandes factores da actual crise por que passa a humanidade está, no dizer de muitos commentadores, a machina. Saumel Butler, o notavel novellista inglez moderno, desenvolveu esse thema no seu estupendo romance A republica de parte alguma. *Elle chega a prever a possibilidade das machinas adquirirem razão e vontade, mesmo de se reproduzirem como os animaes. Então, a sua revolta expulsará o homem do planeta, que ficará nas mãos de aço dos machinismos. E, assim, estes destruirão a civilização e a sociedade que os creou. Será mesmo esse o futuro do mundo.*

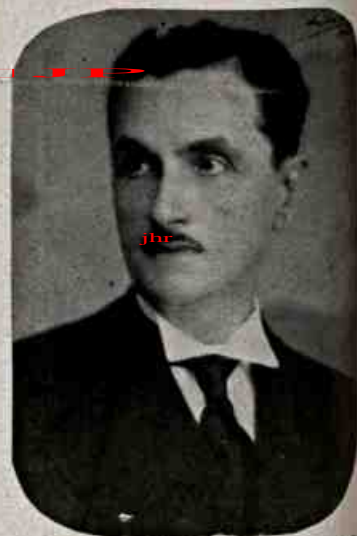
JANE ADAMS

A mulher mais illustre dos Estados Unidos é, sem duvida, miss Jane Adams, que ganhou, com o doutor Nicholas Murray, o premio Nobel da Paz em 1931. Conta setenta e um annos, tendo dedicado sua vida inteira ao aperfeiçoamento da humanidade. Em 1889, fundou no bairro mais pobre de Chicago a Hull-House, onde procurou approximar a alta classe social da gente desfavorecida da fortuna, para crear entre ambas um laço de sympathia, estimular a ambição e o trabalho da ultima, como a piedade e a generosidade da primeira. Essa casa teve grande exito e se converteu em poderosa instituição. Bateu-se continuamente com palavras e obras contra a guerra e todos os premios que recebeu destinou aos pobres. Organizou em 1915 a Liga Internacional Feminina em prol da Paz. Propugnou grandes movimentos de opinião em favor do desarmamento.

O dr. Francisco Pereira de Andrade Netto, illustre membro da nossa classe medica e figura de relevo em nossos circulos sociaes, gozando de grande prestigio entre seus collegas, foi, recentemente, nomeado assistente effectivo da enfermaria de clinica gynecologica do Hospital Hahnemanniano, director-scientifico da sociedade de estudos supermentalistas «Tattwa Nirmanakaia» e director da Faculdade de Odontologia e Pharmacia do Districto Federal e do Instituto Psychico Infantil. Seus amigos e admiradores, que são muitos, estão preparando varias homenagens para significar ao dr. Andrade Netto a sua alegria pelas ultimas victorias do acatado medico patricio.

LITTERATURA EXOTICA

Nestes ultimos tempos, tem surgido, com um certo caracter epidemico, a litteratura exotica. Para ir ao encontro do gosto do publico, imitadores de Robinson buscam novas ilhas desertas. Os herdeiros de Bernardin de Saint Pierre e de Chateaubriand intentam com novos navios rhethoricos, naturalmente aereos e submarinos, outras expedições aos mundos virgens e ás regiões desconhecidas. O orientalismo dos romanticos de ha quasi cem annos renasce. E' pena, porem, que o mundo já não tenha muitos mysterios a serem explorados...

SESAMO

J. H. de Sá Leitão é um fino e elegante chronista, que sabe fixar os factos com a graça e a leveza de um estylista fidalgo. Tudo nelle é sereno, exacto, preciso, sujeito a uma linha de apuro que dá logo a idéa clara do homem de pensamento e de visão arguta, penetrante. A sua prosa é rica de sonoridade e de cor, motivo por que as suas paginas encantam e conseguem prender a imaginação mais irrequieta. E' isso o que se sente no seu livro de chronicas «Entre montanhas», onde as impressões, colhidas pelo autor, se succedem como pequenas aquarellas. «Entre montanhas» é uma obra interessante, e que justifica o seu exito de livraria.

Um Escriptor de Conto…

—

DEVO á obra literaria de Berilo Neves um e… tudo longo e minucioso. Tenho … esse trabalh… amadurecido no pensamento, saltou-me aí hoje só a opportunidade de escrevê-lo, essa opportu… nidade que é como um estado de graça, a cuj… poder me escravizam as influencias de um velho habito.

A feição literaria de Berilo é das que mais podem interessar o espirito de um critico, situado nos amplos dominios das letras de ficção.

Senti essa superioridade desde o primeiro momento, relendo as paginas do seu livro de estréa.

A Costella de Adão, de que se esgotaram cinco edições, em pouco tempo, revelou um escriptor novo, um conteur differente dos outros conteurs brasileiros.

A novidade suggeriu depressa o luxo das approximações: Wells, "*A machina de explorar o tempo*", "*O homem invisivel...*"

Nada disso. Não ha neste caso nenhuma imitação consciente. Berilo Neves está longe de Wells, como Alberto de Oliveira estava longe de Shelley, a quem até desconhecia, quando nasceu para as letras, com o seu immenso coração e o seu glorioso talento.

A simples coincidencia de serem os contos de Berilo Neves armados sobre hypotheses scientificas, taes como explorou em seus romances o novellista inglez, não basta para significar a presumpção de um modelo, de linhas geometricamente distinctas.

No escriptor de "A Costella de Adão" sente-se, em substancia, um temperamento. Na escolha dos processos literarios, esse temperamento, tendendo pela cultura para o gosto e a curiosidade multiforme de certos corollarios scientificos applicados á arte literaria, revelou o escriptor que, para sua maior fama, nascêra tambem sob o signo de Apollo.

No mundo do pensamento, o poder de receptividade da intelligencia é formidavel.

Berilo Neves captou ondas, que teriam, noutros climas, tocado a sensibilidade de outras antennas.

Que importa? Primeiro entre os escriptores brasileiros, que faz o conto sobre hypotheses da sciencia, Berilo não tem parentesco, nem affinidades espirituaes, com quem quer que seja.

Se os conhecimentos scientificos não são privilegio de ninguem; se os nossos escriptores de contos leram, com certeza, ha vinte annos atraz, actualizados, e novos, Wells e seus emulos,—por que não enriqueceram elles a bibliographia nacional, produzindo obras desse palpitante, curioso e saudavel genero literario? Simplesmente porque não se improvisam caracteres e o escriptor authentico é, antes de tudo, sob o ponto de vista literario, um caracter. Um caracter, porque não se fingem qualidades substanciaes; caracter, porque se revela a si mesmo, com o imperativo cathegorico da sua personalidade.

B…
pe…
con…
«A c…
meiro,
a quin…
de existe…
está sende…
doras do irre…
rarios Povina …

Duas são as virtudes … Neves, cujos contos se re… intrinseco de sua especiali… petição dos assumptos, ou mel… são de que os assumptos se re… tudes são: imaginação e bom … caracteristicas essenciaes, que dão a … gar á parte entre os nossos escriptores.

Imaginação bem humorada, eis como eu … sobriamente o espirito de sua obra, sem fito … apologetico.

Seu novo livro "A Mulher e o Diabo" confirma o autor da obra precedente. Confirma-o de sobejo e resarce do primeiro livro certa ligeireza de estilo, que é, aliás, muito propria dos escriptores nacionaes.

Livro excellente a todos os respeito, "A Mulher e o Diabo" recreia o espirito e faz a gente amar a literatura brasileira.

A MULHER CHIC

CREAÇÕES *Jean Patou*

Velours et satin noir.

Béret de fil de [illegible] or monté sur un [illegible] satin noir.

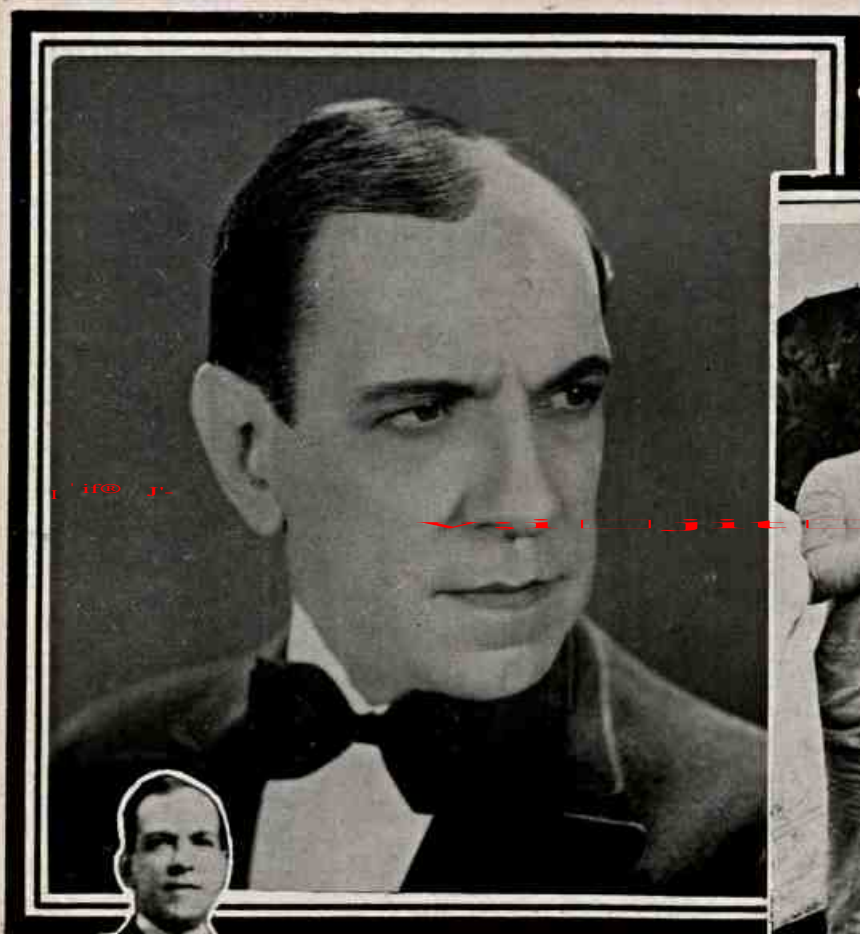
Pour le soir. Résille de tulle noir garnie de crosses.

Béret de feutre marron.

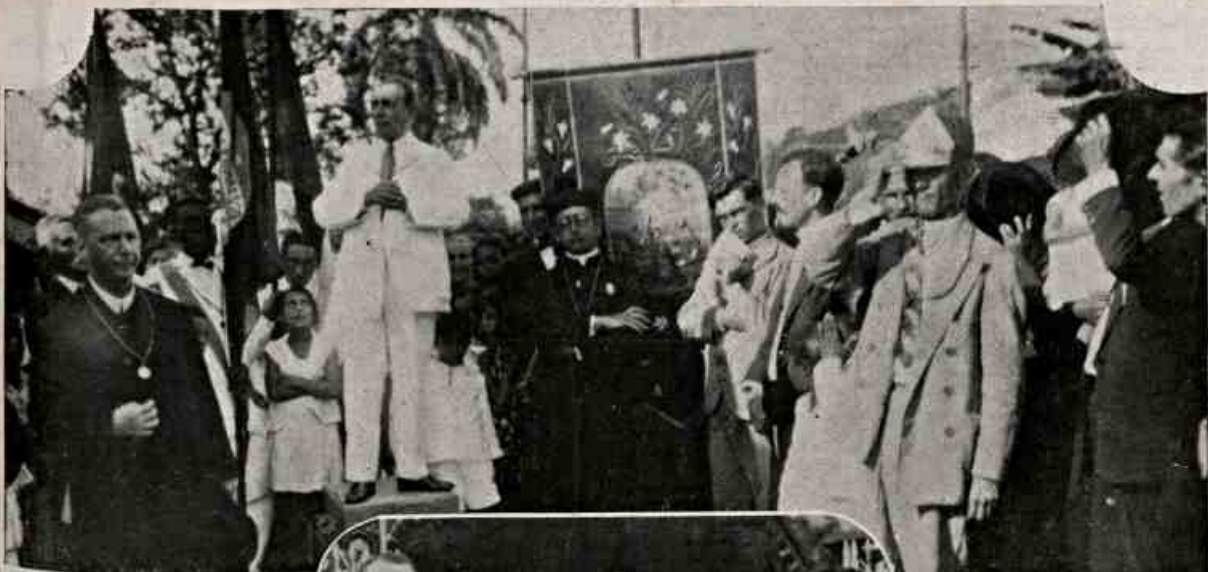
Capeline blanche crin et laine gros grain noir et blanc.

Feutre noir gar[illegible] plumes metal.

Paillasson naturel. Gros grain rouge.

(Photos especiaes para o FON-FON).

Leopoldo Fróes

Publicamos, nesta pagina, em homenagem á memoria de Leopoldo Fróes, além da sua mais recente photographia, dois instantaneos do artista brasileiro, que num delles apparece ao lado de Chaby Pinheiro, seu grande collega de Portugal.

O theatro brasileiro acaba de perder, com a morte de Leopoldo Fróes, em Davos-Platz, o seu mais alto valor histrionico, a sua maxima expressão no momento. O eminente artista alliava a uma cultura invulgar e a uma educação primorosa a mais espontanea das vocações, que se traduzia no dom de naturalidade, no realismo artistico, marcando fortemente a sua individualidade de actor. Foram essas altas qualidades que o tornaram o idolo das platéas brasileiras e portuguezas, e que o obrigaram, pela exigencia tyrannica do publico, a sacrificar por vezes mais altos ideaes artisticos. Leopoldo Fróes fez muito pelo theatro do seu paiz, mas muito mais teria feito, si o meio, e, principalmente, o tempo em que viveu o não acorrentassem ás futilidades de uma arte ligeira, em que se debatia a sua alma de grande actor. Sacrificou-se realmente ás exigencias do publico, mas, mesmo através dessa transigencia, havia um clarão de belleza em tudo quanto aquelle espirito vibrante punha a nota inconfundivel da sua arte alegre e sadia. Leopoldo Fróes faz falta ao theatro brasileiro pelo muito que ainda havia a esperar do seu talento, mas, sobretudo, porque, olhando-se em volta, não se encontra um nome que possa, com justiça, occupar o logar que elle deixou vago.

A Liga Jesus, Maria e José da igreja de Santo Affonso promoveu, no ultimo domingo de fevereiro, uma visita dos seus associados á Matriz de São Sebastião, do Barreto, prestando, assim, uma dupla homenagem ao padroeiro daquelle bairro de Nictheroy e aos seus collegas da Liga de São Sebastião, que, naquelle dia, commemorava mais um anniversario de sua organização. Essa iniciativa, de tão bellos resultados para a propaganda da fé, partiu do revmo. Padre João Baptista Smith, director geral das Ligas no Brasil, e sacerdote de virtudes edificantes, a quem se devem outras iniciativas igualmente proveitosas para a Igreja Brasileira. Os visitantes partiram desta capital em barca especial que deixou o fluctuante da Cantareira ás 16 horas e 10 minutos, dirigindo-se logo, ao chegar á vizinha cidade, ao largo do Barradas, onde já os aguardavam os membros da Liga de S. Sebastião, que se incorporaram, então, á caravana de peregrinos que foi levar as suas homenagens de veneração ao glorioso padroeiro do Barreto. Nas photographias desta pagina vêem-se os liguistas na gruta de Lourdes, em companhia do bispo de Nictheroy, d. José Pereira Alves, do vigario de Barreto, padre João Raeder, do padre João Baptista e demais sacerdotes presentes.

Uma bandeira gloriosa

PARA ser offerecida ao Museu Historico Nacional, o sr. Adolpho Martins de Menezes, filho do glorioso general da monarchia Bento Martins de Menezes, barão de Ijuhy, remetteu de Uruguayana, onde reside, ao nosso companheiro Gustavo Barroso, organizador e fundador daquelle instituto patriotico, a gloriosa bandeira do 17º corpo provisorio de cavallaria da Guarda Nacional gaúcha na Guerra do Paraguay, acompanhada desta significativa carta:

◆◆◆◆◆◆

"Exmo. Sr. Dr. Gustavo Barroso

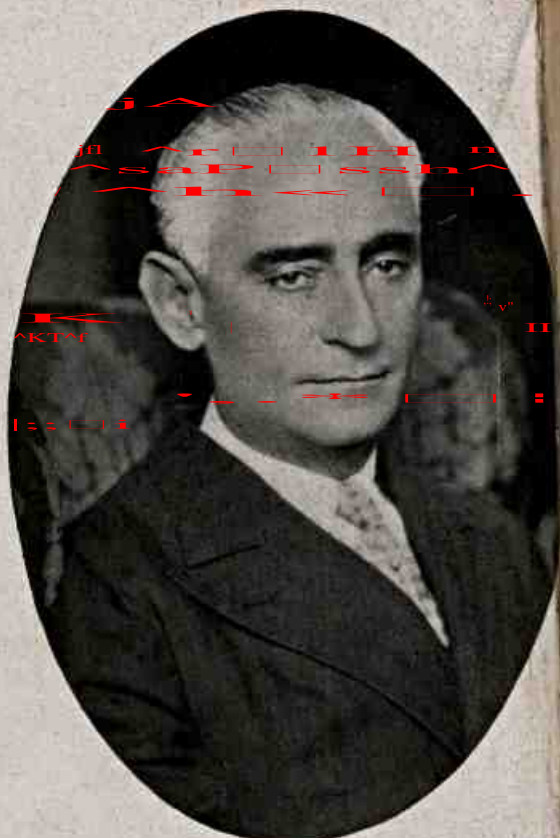
Respeitosas saudações.

Tenho a honra de apresentar a V. E. o meu filho Bento Martins de Menezes, que segue para a nossa capital em assumpto de seu particular interesse. Meu filho é portador da bandeira nacional brasileira que guiou nos campos do Paraguay os oitocentos e tantos riograndenses commandados por meu pae, o então tenente-coronel Bento Martins de Menezes, mais tarde promovido por actos de bravura ao posto de brigadeiro honorario do Exercito e agraciado com o titulo de barão de Ijuhy.

Lendo o "Diario de Noticias" de Porto Alegre (julho de 1931), deparei com a publicação — *Um inimigo do Rio Grande!* por Gustavo Barroso, da Academia Brasileira de Letras. Não podia nem levia dar credito á accusação que se vos fazia e de que vos defendestes cabal e brilhantemente. Desde então, concebi o plano de remetter-vos a dita bandeira nacional, nosso glorioso pendão, como ora o faço, rogando-vos o obséquio de a offerecer ao nosso Museu Historico Nacional o por V. E. em tão bôa hora organizado e onde devem ficar depositados todos os documentos que disserem respeito á nossa historia. O objecto que vos remetto está nesse caso.

Na retirada ou extravio de Sapucayal, meu pae commandava o 17º corpo provisorio de cavallaria, vio-se cortado do resto da força, cuja retaguarda elle fazia e em protecção a milhares de pessoas paraguayas (velhos, mulheres e crianças), que fugiam á sanha do feroz Solano Lopez. O precioso e glorioso lábaro foi extraviado e bem assim toda a bagagem do 17.º corpo. Mais tarde, houve a *revanche* e a bandeira, gloriosa sempre, voltou ás mãos dos seus legitimos donos.

Quando, nesta cidade, em 1922, commemorámos o nosso centenario politico, e o fizemos com brilho verdadeiramente excepcional e grandioso — a nossa bandeira gloriosa, empunhada por tres gloriosos veteranos do 17.º, figurou num carro triumphal com grande applauso da multidão que a reverenciava.

Essa bandeira foi bordada por minhas tias, irmãs de meu pae, em Porto

O ex-interventor do Ceará, dr. Fernandes Tavora, é uma figura de prestigioso relevo no scenario da nossa vida publica. Quando da victoria do movimento revolucionario de outubro de 1930, o povo de sua terra natal, num gesto da mais larga e legitima confiança, investiu-o nas funcções de chefe do governo do Estado, posto em que, posteriormente, o confirmava o chefe do governo provisorio, nomeando-o interventor do Ceará. Durante oito mezes, o illustre medico e escriptor patricio dirigiu os destinos da terra cearense. E fêl-o com o patriotismo e com a abnegação que sempre inspiraram seus actos e attitudes como homem publico, prestando á sua terra inolvidaveis e valiosos serviços. Espirito elevado e nobre, ponderado e tolerante, Fernandes Tavora, no curto periodo em que esteve á frente do governo cearense, revelou-se um administrador de pulso, conhecedor das coisas publicas, e, consciente das obrigações e responsabilidades que lhe foram attribuidas, realizou uma obra administrativa digna dos melhores applausos. Publicando, recentemente, «Oito mezes de administração» — volume em que expõe, de modo claro e sincero, o que foi sua actuação á frente do governo daquelle Estado nordestino, o illustre cearense offerece ao paiz um documento que merece ser lido e devidamente apreciado.

A bandeira do 17.º corpo provisorio de cavallaria da Guarda Nacional gaúcha na guerra do Paraguay.

FLAGRANTES INTERNACIONAES

No medalhão: o mais bello rosto da França, que pertence a mlle. Arlette Dubreuil, encantadora estudante, victoriosa num concurso ha pouco realizado em Paris. Ao centro: o «Salão 1940», que se inaugurou em Paris, e nos dá uma idéa do que seria a pintura dentro de oito annos. Naturalmente, na opinião e no desejo dos artistas modernistas.... Em baixo: o primeiro presidente da nova Republica Hespanhola, sr. Alcalá Zamora, em companhia dos membros de seu governo, srs. M. Azama, chefe do gabinete; Marcellino Domingo, Francisco Largo Caballero, Santiago Cacareo Quiroga, Luiz de Zulneta, Alvaro de Albarnoz, Jayme Carner, Indalecio Prieto, Fernando de los Rios e José Giral.

(Photographias do Serviço Especial do FON - FON em Paris).

De regresso de Buenos-Aires, onde disputaram os torneios internacionaes de natação e «water-polo» promovidos pelo Hindú Club, para inauguração de sua piscina, chegaram segunda-feira passada, a bordo do paquete «Baependy», os applaudidos «players» brasileiros que alli conquistaram, com o titulo de campeões sul-americanos, brilhante victoria sportiva para o nosso paiz.

«FON - FON» EM DANTZIG

O corpo consular de Dantzig reunido após a recepção dada pelo presidente do Senado, sr. Ernst Ziehm, em janeiro ultimo. Ve-se no grupo o consul do Brasil naquella cidade, dr. Oliveira Almeida.

Em Cambuquira. Um grupo de veranistas cariocas em «pose» tranquilla de quem não sente calor...

Alegre, e a elle remettida, antes de sua partida para o Paraguay, onde ia combater, com seus fieis soldados e amigos, a tyrannia do dictador Solano Lopez, de execranda memória.

Confiei á guarda de meu parente e amigo coronel Valentim Benicio da Silva, rua Paysandú, 123, alguns documentos de meu archivo de familia e que dizem respeito ao meu inolvidavel pae. Ha uma carta sobre o extravio de Sapucaya. Si V. E. deseja consultar esses documentos, tenha a bondade de dirigir-se ao referido coronel Benicio.

Rogo a V. E. perdoar-me a prolixidade destas linhas e receber os agradecimentos antecipados de quem tem a honra de ser de V. E. compatriota e profundo admirador.

Adolpho Martins de Menezes

Uruguayana, 20 de fevereiro de 1932"

O dr. Gustavo Barroso remetteu a bella reliquia do nosso passado ao Museu Historico com estas palavras:

"Rio, 2 de Março de 1932

Illustre amigo Sr. Rodolfo Garcia.

Um neto do general barão de Ijuhy acaba de entregar-me, a mandado de seu digno pae, a gloriosa bandeira do 17.º corpo provisorio de cavallaria riograndense na guerra contra o Paraguay. Cumpro com prazer o mandado que me foi conferido na carta inclusa, enviando ao Museu Historico esse bello trophéu. Rogo-lhe o obsequio de communicar officialmente ao autor da missiva e generoso doador o recebimento da offerta, e tambem o de devolver-me a referida carta, depois de fazêl-a copiar e registrar na secretaria do Museu. Sem mais, ao seu inteiro dispôr amigo e admirador. — *Gustavo Barroso.*"

«FON - FON» NO EGYPTO — Junto á Esphynge e á Pyramide de Gizeh, no Cairo, um grupo de membros do Congresso de Imprensa que alli se reuniu, vendo-se o nos o correspondente especial Britto de Abreu, o segundo á direita.

"PIRATARIA"

ENCONTRARAM-SE no Copacabana Palace, residencia de Harry. Claudio fôra de smoking. Quando Harry, que estava de calças de flanella e camisa aberta, o viu, desatou ás gargalhadas:

— Oh, doutor Claudio! Vae ao Pólo?

— Pois então? Vim protocollarmente.

— Veiu como um selvagem. Absoluta falta de senso mesologico. A elegancia deve ser topographica. Tudo topographico, excepto o homem.

— Então estou fóra da indumentaria prevista para estas brincadeiras?

— C o m p l e tamente. E amanhã, ou depois, si você voltar, vae ser de maillot. Maillot de gaze...

— Trazes a tua barata?

— Sim, somente ella.

— E quanto somos?

— Seremos dois e mais duas.

— Sem contrapeso?

— Com lastro.

— Toca.

Copacabana. Tunnel Novo. Botafogo. Flamengo. Stop. A barata buzinou para uma pensão familiar.

— Allô, girl!

— O' inglez de uma figa!

— Jenny não está.

Harry fez signal si não havia outra qualquer. Resposta negativa de Eunice, que se approximou alegre, lourissima, sacolejante. Bateu affavelmente com a mão no rosto de Harry, que lhe beliscou o braço. Claudio, firme, mettido no seu smoking, olhando, curioso. Eunice fixava-o insistentemente.

— Ah, que distracção! Esquecia-me de apresentar. A senhorita Eunice. O doutor Claudio da Gama.

— O valoroso player! O baluarte do Continental! Eu sou Continental. Até o dedinho do pé. Que Jogo! Que elegancia! Que firmeza! Dá sensação na gente. Nem imagina quanto prazer!

Claudio deu um pontapé por baixo, em Harry. Este comprehendeu:

— Então, Eunice, como vae ser? Por hoje desistimos do passeio?

Eunice, porém, que não desviava os olhos de Claudio e não queria perder a grande occasião, a soberba opportunidade, poz o dedo na face, e pensou:

— Iremos, sim! Iremos! Olhem, eu quasi que estou indo sozinha... Mas, não fica bem... Esperem!... Achei... Achei!... Façam o seguinte: eu telephono agora para Marisa; vocês vão até lá buscal-a. Provavelmente, traz o irmão, e assim iremos todos juntos. Está bem?

Concordaram. Eunice foi preparar-se.

A barata rodou.

— E?...

— Repito-lhe que isto é ultra-pulha!

— E' fino, é o costume, é, como se diz aqui, pirataria.

— E' espantoso como seculos de civilização podem ruir assim, pela audacia de um máo britannico. Por que então você, em logar de andar alimentando as tolas vaidades e o sabor do peccado dessas coitadas, não vae, por exemplo, descobrir o motu-continuo?

O escriptor gaúcho Alexandre da Costa, autor da novella «Corações Leaes», a apparecer dentro de poucos dias, e da qual publicamos um trecho nesta pagina.

Claudio estava pensativo:

— Que?

— Que tal achas?

— Uma i m b e c i lidade! Você está ficando tapado, insensivel, suburbanissimo. Não lhe posso desculpar o máo gosto em apandilhar-me em taes bobagens, em semelhantes ridiculos!

— A pequena não é interessante? E' uma camaradinha!

— E' o meio. Eu sou mesologico.

— Você é uma besta quadrada!

A barata, com um solavanco, parou defronte á casa do Guedes. Fonfonou. Veiu a creada correndo, assomou á janella e desappareceu. Veiu a tia de Marisa, espiou, e depressa reentrou o rosto quadragenario. Deu a cara a irmã divorciada de Marisa e tambem recuou. Finalmente, dona Bertha appareceu em pessôa:

— Bôa noite, Harry.

— Bôa noite, madame Bertha.

— Então, dando um passeiozinho?

— Sim. Visitando.

— Não quer entrar um pouco?

— Não, senhora, obrigado; vinha convidar Marisa para dar uma volta.

— Exactamente, já sabia. Eunice avisou pelo telephone. Esperem um momento; vou ver si Marisa está prompta. Harry parecia satisfeito. Claudio suspirava:

— Que pulhice! Que pulhice!

— A mãe tratar affavelmente um candidato á mão da filha?

— Não, o facto de você arrastar-me para esta chatice de supportar taes...

— Bôas garotas! Bôas pequenas! Camaradinhas!

. . . .

Marisa mordeu o labio. Não estava certo. Não era direito — calculava. Ergueu-se:

— Muito bem! Bravos pela victoria de Eunice. E como eu agradeço! Sim, porque, do contrario, eu não iria, assim como ella não teria o prazer de passear com Harry!

Fez um signal a Lalico, que saltou da parte de detraz, immediatamente.

— Entre, doutor Claudio, convidou Marisa, empurrando Claudio para a caixa trazeira e tomando assento ao seu lado.

Eunice, comicamente, coçava a cabeça. Tinha verve, a pequena. Lalico, dando outra vez o cinematographico movimento de rotação aos hombros, saudou:

— Então, bôa noite para todos!

E ante a surpreza geral e sob o olhar instructivo de Marisa, accrescentou:

— Lembra-me agora que devo estar sem falta num encontro aqui mesmo, pertinho.

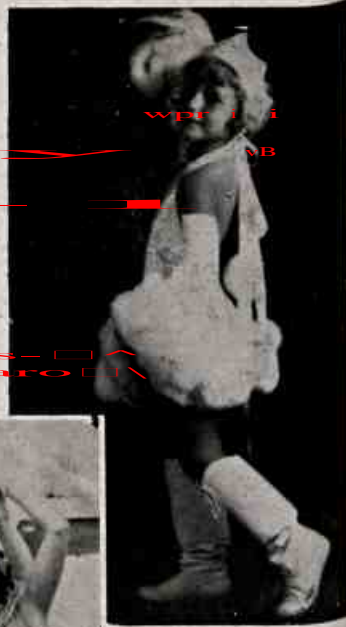
Harry, com E u n i c e amuada ao lado, imprimiu velocidade ao carro...

ALEXANDRE DA COSTA

A grande parada civica de
24 de fevereiro em São Paulo

ECOS DO CARNAVAL

Em Pelotas, no Rio Grande do Sul, o «Grupo dos Biribas» que, sob o «commando» do capitão-tenente Alberto Jorge Carvalhal, delegado da capitania do porto, fez brilhante successo no «baile sertanejo» do Club Commercial, daquella cidade. As «commandadas» eram: senhora Alberto Jorge Carvalhal e senhoritas Lourdes e Gilda Sant'Anna, Maria Mattos, Iracy N. Cruz, Dulce Gorgot, Zilinha Perdigão, Cecy Nova Cruz, Ethel Perdigão e Maria da Graça Carvalhal.

A galante Celia Maria, filhinha do dr. Armenio Flarys e de d. Nair Gusmão Flarys, e sobrinha do dr. Alvaro Gusmão. Uma linda «Valesca».

Vestida na sua original fantasia, a interessante Norma, filhinha do major Raul Tavares, illustre official do nosso Exercito, conquistou varios premios nos bailes infantis do Carnaval e fez inveja a muita garota da sua idade...

Esta «princeza russa» de cinco annos, que se divertiu a valer nas mascaradas infantis do Momo, é a linda Mariazinha, filhinha do sr. Manoel Alves Teixeira e de d. Antonieta Alves Teixeira. Parece estar perguntando: «Que tal a minha fantasia?...»

Estas «morenas do outro mundo» são as senhoritas Albertina Quadros, Janice Selles, Marylene Costa, Jacyra Selles, Custodia Feres e

Milby Ribeiro, de Manhuassú, Minas, que formaram, no Carnaval, um blóco... que não era mesmo deste planeta...

FON-FON no cinema

Não a levariam.

MARY - ANN

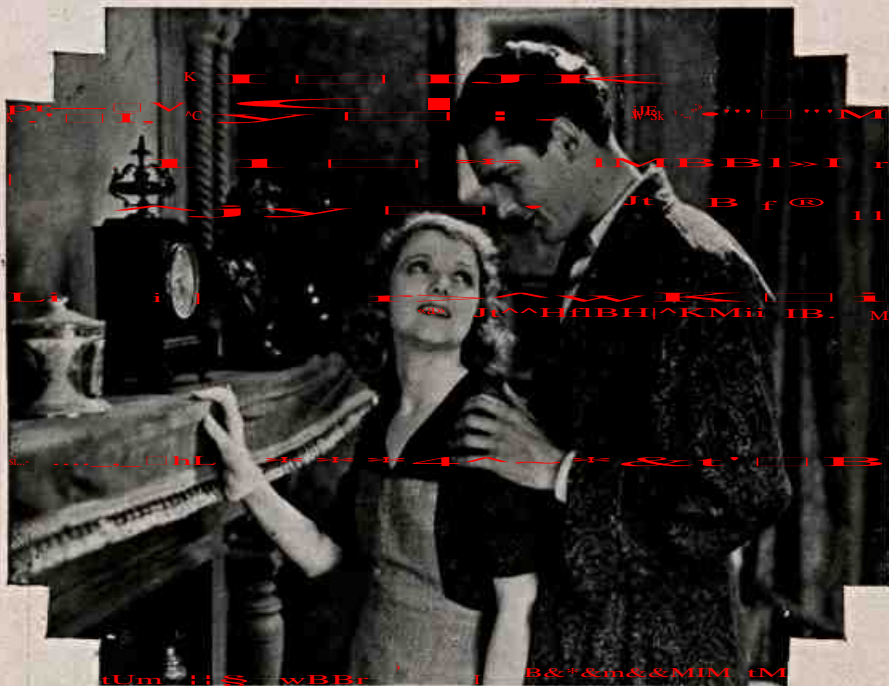
Da FOX PICTURES

Direcção: Henry King

com Janet Gaynor
Charles Farrel
Beryl Mercer

Pedia-lhe que ficasse com o seu companheiro.

Felicidade!

MARY ANN, a pequena orphã, fôra entregue aos cuidados do reverendo Smedge, que a recommenda á sra. Leadbatter, para os serviços domesticos em sua pensão. Dentre os pensionistas, destacava-se o joven John Lonsdale, rico, que, desprezando a fortuna paterna, procurara, mesmo sm Londres, aventurar a vida pelo seu proprio esforço. Dotado de talento musical, Lonsdale pro-

Elle reconhecia afinal que lhe tinha amôr.

curava sempre na imaginação compôr alguma coisa que despertasse exito.

Lutando, entretanto, com falta de recursos financeiros, elle se vira obrigado a devolver o piano para execução dos seus estudos. Mary Ann, que logo sympathizára com o rapaz, muito embora os seus modos rusticos, chama á parte os carregadores e com suas minguadas economias salva o primeiro aluguel daquelle movel precioso.

Quem não gostara muito da idéa do piano fôra Mrs. Leadbatter, porquanto Lonsdale estava devendo tres mezes de pensão. Sempre solicita e carinhosa, Mary Ann sentira crescer em seu mimoso coração um grande e sincero amôr por quem era tão brusco para ella. Não importava; amava-o e era o bastante.

Impossibilitado pelos meios e falta de conforto, Lonsdale confessa um dia a Mary Ann o seu completo fracasso como compositor. Ella anima-o, encoraja-o a vencer, porque horas e horas, Mary Ann, ás escondidas, sentia, na alma, a doçura infinita de suas melodias. Grato, arrependido agora pela maneira com a qual havia tratado uma noite Mary Ann, Lonsdale dá-lhe um beijo na mimosa face. Aquelle beijo, delicado, terno ella guardou como seu maior thesouro.

Um dia, chegou, do maior emprezario de Londres, um convite para Lonsdale compôr uma opereta, e, radiante, elle abandona aquella sordida pensão, indo habitar num romantico e pitoresco recanto á beira-mar. Levara comsigo Mary Ann, a sua dedicada e fiel companheirinha, que tomara a si os encargos de cuidar da casa.

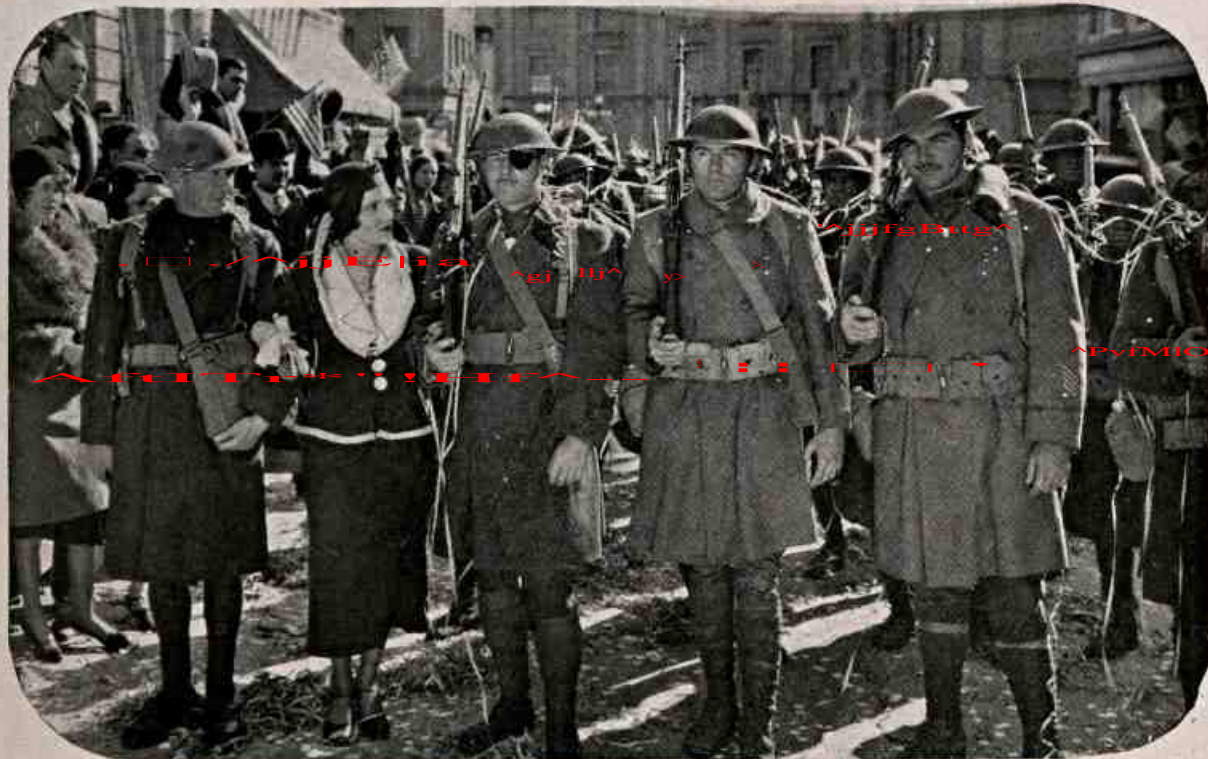
Maldosa e arrependida de ter perdido a sua empregada, com satisfação, Mrs. Leadbatter, em companhia do reverendo Smedge, vem buscar Mary Ann, para que ella tivesse uma educação melhor, pois herdara uma colossal fortuna, avaliada em um milhão de dollars.

Não querendo, por cousa alguma, abandonar o seu John amado, elle aconselha-a a partir, pois, sendo ella agora rica, nada mais lhe restaria do que recordar-se dos instantes felizes que juntos haviam passado. Vencida, Mary Ann parte, deixando comtudo o seu pequeno Dick, um mavioso canario, como lembrança do seu immenso amôr.

Passado algum tempo, no principal theatro de Londres, representa-se, com um exito absoluto, a opereta —"Mary Ann" —, cujo autor, John Lonsdale, é alvo dos mais enthusiasticos applausos.

Aquella opereta era todo o seu cantico de amôr, era toda a symphonia de seu coração amargurado, era toda a sonata de sua felicidade perdida. Dentre aquella turba aristocratica, havia uma só pessôa capaz de comprehender aquelles lamentos musicaes, que as notas harmoniosas daquella opereta transformavam em sons, duma melancolia terna, apaixonada e saudosa!

Essa pessôa agora — Mary Ann — que, não resistindo ao appello de seu amado, corre aos seus braços, para não mais deixal-o, alcançando infinitamente uma felicidade, que ambos julgavam perdida...

Em plena gloria.

Entre os bravos.

O ULTIMO DESFILE

COOKIE LEONARD e Mike O'Dowd são amigos intimos. Ambos gostam de Molly Pearson, que se mantem imparcial na sua amizade para com elles. Mike é da policia. Cookie, que havia sido reporter de jornal, depois de procurar emprego, torna-se um contrabandista. Esta profissão lhe rende o bastante para adquirir um café. Torna-se bastante conhecido entre os contrabandistas. Adquire notavel reputação entre todos elles.

Estabelecido e tendo acumulado grande somma, Cookie renova sua velha amizade com Mike e Molly. Geralmente, sáem juntos, frequentam o mesmo restaurante. Uma vez, encontram Larry, irmão de Molly, que trabalha na imprensa.

Marino, um contrabandista, no auge da fama, está seriamente preoccupado com as noticias de Larry com relação a sua pessoa, noticias essas que Larry havia mandado publicar no jornal em que trabalhava.

Junto de Cookie, Marino protesta, ameaçando acabar com Larry, se elle escrevesse outra

Producção da COLUMBIA
Direcção: de *ERLE C. KENTON.*

com JACK HOLT, Tom Moore e Constance Cummings

reportagem, chamando a attenção da policia para pôr um paradeiro ás actividades delle. Cookie declara que se Marino offender Larry elle, Marino, terá o seu fim.

Entretanto, Larry, apesar dos avisos amigaveis de Cookie, escreve a reportagem. O bando põe em pratica a sua ameaça e Cookie immediatamente vinga Larry.

Cookie é preso e condemnado á morte. Mike e Molly fazem o possivel para que o velho amigo supporte os ultimos dias de vida. Finalmente, Cookie faz a grande viagem, com os seus amigos ao lado para confortal-o. E' o seu ultimo desfile.

A ameaça da sombra.

UMA PALESTRA COM JOAN CRAWFORD

RITA GALE

Ha dias estivemos com Joan Crawford nos estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer e ella, muito gentil como sempre, offereceu-se a nos levar para casa em seu automovel.

Estavamos já "abancadas" no seu lindo automovel, quando Joan, ao entrar, retirou do estribo seu delicado pé, calçado num elegante sapato raso.

— Esqueci-me das folhas do meu dialogo no scenario. Vamos procurál-os, disse-nos ella com um lindo sorriso.

Já estava anoitecendo e os trabalhos, nos estúdios, já haviam terminado. O scenario onde entrámos em companhia da elegante Joan parecia deserto. Ella apanhou as folhas do dialogo e estavamos sahindo do scenario, quando ouvimos o som dum piano que vinha do fundo do immenso "set".

Joan nos fez signal para esperarmos. O pianista, ignorando nossa presença, continuou tocando. Quando por fim acabou, fomos até onde estava o piano e descobrimos, com grande surpresa, que era um dos simples empregados dos scenarios.

Este rapaz, conforme soubemos pelo que nos contou, tinha estudado musica e havia tirado o curso de pianista num dos conservatorios mais famosos da Europa. Mais tarde, quando suas repetidas tentativas de dar concertos fracassaram, pensou no cinema, ambicionando tomar parte nas orchestras que tocam nos filmes. A posição mais próxima que encontrou, comtudo, foi a de simples empregado de scenarios.

Joan moveu a cabeça tristemente.

— Este rapaz toca muito bem, não é verdade? disse ella quando sahimos do scenario.

— Maravilhosamente, respondemos.

— E assim são muitos... accrescentou Joan, como para si, sentando-se no volante do automovel. Mas a verdade e o mais lamentavel é que Hollywood está cheia de gente como esta. Em qualquer parte se encontram pintores, esculptores, músicos, cantores, que exercem a profissão de porteiros, tachigraphos, empregados de guarda-roupa, carpinteiro, costureiras, etc., emfim pessoas que ambicionam entrar para o cinema, e que, não podendo realizar seu sonho, se contentam em trabalhar nos estúdios, certos de que assim estão mais perto duma opportunidade.

— Hollywood é "a cidade de esperanças frustradas", murmurou a estrella, e também poderia ser chamada "a cidade de esperança perpetua". De esperança vive essa multidão de illudidos, alguns com talento e outros absolutamente desprovidos de dotes.

"Nossa pequena aventura desta noite está muito longe de ser extraordinaria. Norma Shearer também descobriu recentemente, na pessoa dum electricista, um genio que vivia na sombra. Certo dia, durante a producção dum de seus filmes, Miss Shearer, voltando ao scenario um pouco mais cedo do que de costume, ouviu um dos electricista, cantando com vóz não só intensamente musical e potente, mas muito bem educada.

"Miss Shearer, reconhecendo as qualidades daquella vóz, chamou o electricista, inteirando-se então de que este tinha estudado canto por muitos annos. Com o advento do cinema falado, o joven viu, como dizem vulgarmente, "o céu aberto", ju[lgan]do que lhe seria muito fácil en[trar] nos "talkies". Mas todas as suas [ten]tativas fracassaram, e, como [tinha] alguns conhecimentos de electric[idade] decidiu acceitar o emprego que [o]cupava, certo de que, cedo ou tar[de] sua habilidade seria reconhecida.

"Numa outra occasião, Greta [Gar]bo encontrou no departamento [de] guarda-roupa uma costureira [que] emquanto a estrella experimen[tava] um vestido, parecia absorta traç[ando] linhas num pedaço de papel. [Miss] Garbo então se aproximou sem [ser] vista, descobrindo que o desenho [em] questão era seu proprio retrato, um retrato ao qual, como disse a [pro]pria Greta, nada faltava senão fal[ar]. Miss Garbo descobriu então que [a] obscura desenhista tinha sido [dis]pula dum famoso pintor europe[u e] tinha vindo a Hollywood com a [espe]rança de conseguir commissões [fa]zendo retratos de estrellas. Não [conse]grando o que desejava, e, [depois] de muitos mezes de luta inútil, [em]pregou-se como simples costureira [no] estúdio, com o fim de estar, pelo [me]nos, perto do objecto de seus [sonhos].

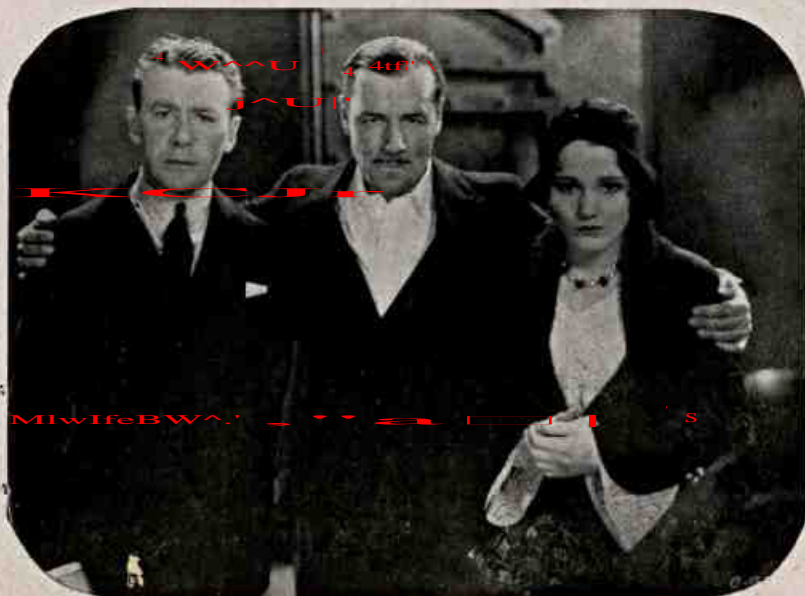
"E desta maneira, prose[guiu] Joan, poderia continuar citando [exem]plos sem fim... mas, com que [fim?] Basta dizer-lhes que já ninguém [em] Cinelandia se surprehende de [encon]trar um genio com o "overall" [dum] pedreiro ou com um uniforme [de] policia.

— Miss Crawford, aventurámos [en]tão, não julga que algumas [dessas] pessoas encontrarão a opportun[idade] que desejam?

— Quem poderia dizer? resp[ondeu] a estrella. Não é muito provav[el], mas também não é impossivel. [Como] exemplo, temos Dorothy Arzner, [a] única directora cinematographica, que principiou como stenographa [nos] estúdios, ganhando vinte dollares [se]manaes. Francês Marion, a [celebre] escriptora de argumentos, autora [de] "The big house", "The secret [six"], etc., ha vários annos era secre[taria] de Hobart Bosworth, ganhando [a] doze dollares por semana! [Mr.] Levee, um dos funccionarios da [Pa]ramount, era varredor dos [estudios] em 1917...

"Como vêem, não se deve [des]animar por completo. Comtudo, necessito dizer-lhe que estes [felizardos] fazem parte da minoria... Quasi que se poderia dizer que [são] verdadeiras excepções."

A idéa triste dos dias sombrios.

ILLUSTRAÇÕES DO FILM «O ULTIMO DESFILE»

O adeus!

SANTA THEREZINHA

Em seus dias terrenos occupada
Em colher flôres para o ceu, dizia
Que, logo que no ceu tivesse entrada
Flores, tambem, de lá nos mandaria.

E ao ser á eterna Gloria transportada
Gozava já de tanta e tal valia,
Que logo foi por Deus autorizada
A cumprir a promessa que devia.

Para esse fim, além de mais favores,
Deus lhe entregou direito absoluto,
Em seus regios dominios sobre as flôres.

E dos jardins que o paraiso encerra
De soror Therezinha ao simples nuto
Cáem chuvas de rosas sobre a terra...

PADRE ANTONIO THOMAZ

Quem passou pela terra amando as rosas,
E a Deus amando como lhe devia;
Quem fez das rosas, castas, perfumosas,
Confidentes e socias de alegria;

Quem de Jesus as chagas dolorosas
Enfeitava de rosas, todo o dia,
E a Cruz nas mãos, pequenas e mimosas,
Com seu Crucificado, conduzia;

Uma chuva de rosas prometteu
Mandar á terra, quando para o Ceu,
Se partisse daqui, de seus irmãos.

Não se esqueceu! E sobre nossas dôres,
Tormentos, afflicções e dissabores
Cáem chuvas de rosas de suas mãos.

JOSÉ CARVALHO

A NOITE, A SOLEDADE E O HOMEM

Vae. Que Deus te proteja e te guie na jornada.
Eu fico só. Só e tristonho. E o mar defronte.
Quando a saudade vier, mostra-lhe-ei o horizonte,
O azul do céo... o longe... a distancia ignorada.

A saudade! E eu, que fiquei aqui para lembrar-te
sempre, e te ir evocar nas paragens desertas.
Eu sei quanto essa dor será funda, e libertas
as lagrimas serão, ali, ao recordar-te!

Vae. Eu fico. Eu te aguardo o regresso. Deus queira
Que por lá não te assalte o atroz esquecimento,
e eu fique a te esperar, sonhando, a vida inteira
e mais a te querer no meu isolamento.

Ha coisa mais atroz, para quem soffre e ama,
do que se ouvir dizer adeus, em despedida?
A gente vae perdendo a metade da vida,
e a saudade da gente em lagrimas se inflamma!

Um, vae partir; o outro, que fica, soffre mais.
Isto porque, ficando, os sitios, familiares,
hão de evocar ao pobre os caminhos e os luares
por onde andaram sós em noites ideaes.

A saudade é isto mesmo. E' a saudade que fica.
Não; não vae, não! Que vae fazer longe, a saudade!
Si ali o ambiente é alegre e a paizagem é rica,
que dirá o que fica em plena soledade?

Vae. Sê feliz! Entre destinos tão diversos
o coração não póde exigir coisa alguma.
Parte que eu fico aqui, pobre, fazendo versos,
inconsolavel, só, triste e saudoso, em summa.

Pedir-te uma memoria minha, uma lembrança?
Não, isso é o que eu não faço a nenhum coração.
Eu sei que uma mulher, sendo uma eterna creança,
não vae fazer de amor uma recordação.

Não vae... E sendo assim, que a saudade não diga
coisa alguma do poeta a alguem que parte assim.
E' melhor. Acabou-se. A minha pobre amiga
ha de apenas dizer que já gostou de mim.

E nada mais... E nada mais. Só levarei
o que lhe prometti levar, quanto me fosse?
E isso levo: E' a saudade, essa saudade doce
que Deus me deu... que ella levou... que eu lhe [deixei...

ESDRAS-FARIAS.

Edmond Jaloux, famoso critico e escriptor f r a n c e z, publicou, em fins de janeiro, no *Excelsior*, uma interessante critica sobre um *Manual de literatura ingleza* que acaba de apparecer na Inglaterra, de autoria de um professor e feito com o intuito de guiar os alumnos nos cursos de literatura. "O autor dessa palhaçada, — diz o critico, — parece que pediu a collaboração dos senhores Bouvard e Pécuchet, os celebres personagens de Flaubert".

Transcrevemos, aqui, algumas opiniões do autor sobre escriptores celebres, feitas para guiar seus alumnos: "*William Shakespeare*. — Este autor, — diz elle (pag. 73), — não inventou nada. Shakespeare é um simples plagiario, escravo da m o d a. Mas, roubando os seus assumptos e "demarquant" seus rivaes, elevou um monumento que desafia a passagem dos seculos". "*Charles Dickens* (que Edmond Jaloux considera como um dos creadores mais prodigiosos que existiram) — Tinha um real talento, — diz elle (pag. 144) — mas, ao em vez de empregal-o para guiar as massas, serviu-se delle para lisongear a si proprio! Elle vendeu uma simples "mercadoria" que se espalhou rapidamente. Não foi mais do que um folhetinista de prodigiosa habilidade, um incomp a r a v e l mostrador de sombras chinezas. Como o cerebro humano se aperfeiçôa dia a dia, sua obra romanesca tombará infallivelmente na literatura infantil". "*Rudyard Kipling*. — Seus escriptos em prosa são mais duraveis que seus versos. Seus romances sobre a vida militar na India cahirão como os seus versos, imperialistas. As obras da maturidade de Kipling são bem discutiveis, salvo si as considerarmos como simples relato para a juventude". E como essas, outras definições existem, que causaram indignação a varios escriptores inglezes e francezes, que pedem, em altas vozes, ao governo inglez, a demissão desse professor do ensino publico.

Livros que acabam de apparecer

— «La litterature anglaise», estudo, por Paul Dottin. (Armand Colin, editor).
— «Les derniers terroristes», por M. G. Lenôtre. (Firmin-Didot, editor).
— «Nicole se marie», romance, por Mme. Suzette Desty. (Quignon, editor).
— «Radieuse aurore», romance, por Jack London. (P.on, editor).
— «L'Angevine», romance, por André Foucault. (Flammarion, editor).
— «Gustave Doré», por Edouard Tromp. (Editions, Rieder).
— «Vengeance», romance policial, por J. S. Flechter. (Lib. des Champs Elysées).
— «Deux Coeurs», romance, por T. Tilby. (Flammarion, editor).
— «La Guinguette a Deux Sous», policial, por G. Simenon. (Fayard, editor).
— «La pupille sanglante», por Anthony Wyne. (Lib. des Champs Elysées).
— «Ardant le chevelu», por Jean Veber. (Lib. Alcan).
— «Etat present des etudes shakespeariennes», por G. Connes. (Didier, editor).
— «L'homme de tous les jours», por P. Lely-Pujol. (Editions Montaigne).
— «Poesie religieuse». Antologia poetica desde a Idade-Media, por Maurice Allen. (Garnier, ed.).
— «Telepathie scientifique», por Mlle. Yvonne Gordy. ((Nouvelles ed. Argo).
— «Un mystere en Forêt», romance, por Roger Sausset. (Jules Tallandier, editor).
— «Jonchées fleuries et glanes rouges», versos, por O. Dolinger. (Ed. ART).
— «La vertige des impurs», por Jean Lapeyriére. (Editions Lamerre).
— «Le progrés du plan quinquenal», por Knickerbocker. (Lib. Valois).
— «Commerce rouge» (U. R. SS. Contre l'Europe), por Knickerbocker. (Flammarion, editor).
— «Saint Louis», de Franc Nohain. (Flammarion, editor).

OS ROMANCES

DE «FON-FON»

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeira thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

Michel Zevaco.

PREÇO DAS COLLECÇÕES:

OS PARDAILLAN, 12 fascs., 6$000, pelo correio 7$200 — EPOPÉA DE AMOR, 9 fascs., 4$500, pelo correio 5$400 — FAUSTA, 10 fascs., 5$000, pelo correio 6$000 — FAUSTA VENCIDA, 9 fascs., 4$500, pelo correio 5$400 — PARDAILLAN E FAUSTA, 8 fascs., 4$000, pelo correio 4$800 — AMORES DE NANICO, 8 fascs., 4$000, pelo correio 4$800 — O FILHO DE PARDAILLAN, 16 fascs., 8$000, pelo correio 9$600 — CAPITAN, 14 fascs., 7$000, pelo correio 8$400 — BURIDAN, 19 fascs., 9$500, pelo correio 11$400 — PONTE DOS SUSPIROS, 8 fascs., 4$000, pelo correio 4$800 — AMANTES DE VENEZA, 7 fascs., 3$500, pelo correio 4$200 — O CASTELLO SAINT POL, 9 fascs., 4$500, pelo correio 5$400 — JOÃO SEM MEDO, 6 fascs., 3$000, pelo correio 3$600 — HEROINA, 14 fascs., 7$000, pelo correio 6$400 — NOSTRADAMUS, 13 fascs., 6$500, pelo correio 7$800 — DON JUAN, 7 fascs., 3$500, pelo correio 4$200 — REI AMOROSO, 9 fascs., 4$500, pelo correio 5$400 — A GRANDE AVENTURA, 8 fascs., 4$000, pelo correio 4$800 — A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO, 7 fascs., 3$500, pelo correio 4$200 — O RIVAL DO REI, 7 fascs., 3$500, pelo correio 4$200 — TRIBOULET, 8 fascs., 4$000, pelo correio 4$800 — PATEO DOS MILAGRES, 10 fascs., 5$000, pelo correio 6$000 — A RAINHA ISABEL, 8 fascs., 4$000, pelo correio 4$800 — PASSAVANT, 9 fascs., 4$500, pelo correio 5$400 — MARIA ROSA, 8 fascs., 4$000, pelo correio 4$800 — FLORES DE PARIS, 20 fascs., 10$000, pelo correio 12$000 — FLORINDA A BELLA, 5 fascs., 2$500, pelo correio 3$000 — O CONDE REI, 6 fascs., 3$000, pelo correio 3$600 — A RAINHA DO ARGOT, 13 fascs., 6$500, pelo correio 7$800 — O FIM DE PARDAILLAN, 8 fascs., 4$000, pelo correio 4$800 — O FIM DE FAUSTA, 8 fascs., 4$000, pelo correio 4$800.

Pedidos a EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

RUA REPUBLICA DO PERÚ, 62 -- Rio de Janeiro

OVOS DE DINOSAUROS COM DEZ MILHÕES DE ANNOS. — Um correspondente do "Times", de Londres, destacado na Mongolia, enviou um artigo á redacção desse jornal, sobre o achado de 14 ovos de dinosauros, descobertos pela expedição de Historia Natural da cidade de Chigaco, em um dos desertos daquella região asiatica. Em um dos ovos, quebrado longitudinalmente, poude-se observar na materia já petrificada o embryão de um dinosauro.

Esses ovos foram encontrados formando dois grupos: um de cinco e outro de nove. Junto ao primeiro grupo foi achado o esqueleto completo de dinosauro, em posição que faz suppor que estava pondo os ovos quando foi surprehendido (isso ha dez milhões de annos) por uma tempestade de areia que o teria soterrado bruscamente.

Essa caravana scientifica sob a direcção do professor Andrews soffreu um verdadeiro calvario através dos desertos da Mongolia, tendo morrido 47 dos camellos da sua tropa.

*

UM CLUB DE... CACHORROS — Os cães já tinham em Londres um sanatorio e um cemiterio. Agora teem, tambem, um *club*. E' um diario inglez que dá a noticia, nestes termos: "*Seu cachorro já faz parte do club dos Bons e Velhos Cães! Se já, nada temos que adeantar. Mas, se ainda não é socio, trate de enviar sua adhesão ao club, onde, por modica somma men-*

O VAGABUNDO

— Mamãe... Esse typo está sempre a nos seguir.

— Não o olhes... Não te voltes... Não ha perigo.

Mas o menino sentia tremer na sua a mão que o arrastava, e a vóz da joven mãe, embora se esforçasse por tranquillizál-o, era opprimida e cheia de ansiedade.

Succedia isso desde que juntos haviam reparado na insistencia daquelle desconhecido, isto é, depois de ter descido do trem que os trazia do Rio de Janeiro.

— Dize, mamãe: si elle nos quizer fazer mal, pediremos soccorro?

— Que idéa, Totó!... Não ha necessidade disso.

— Então, por que nos segue e nos olha?... Bem percebo que tú tambem tens médo. E' um ladrão.

— Não, meu filho! Deixa de bobagens! Elle não passa de um pobre homem.

— Tens medo! — repetiu o menino.

E era verdade. A mãe tinha medo. Embora procurasse disfarçar, nervosamente, apressava o passo, arrastando Totó.

— Elle vem sempre atraz de nós... Aproxima-se! — disse o menino.

A mão tremeu mais forte.

— Já chegamos. Não tenhas medo.

O medo dos dois não era razoavel? Não era um desses terrores que provoca a chegada da noite e que se communica aos seres fracos e impressionaveis?

Totó não saberia dizer si era elle ou sua mãe que havia notado primeiro o obstinado perseguidor, nem como este chegára a assustál-os. O que, sem duvida, o tornára suspeito era que estava afastado á chegada do trem, com a gola do paletó levantada e o chapéo molle sobre os olhos. Seguira-os sem se preoccupar com os outros passageiros. Espreitava-os, então?

Elles o haviam imaginado com um principio de inquietude depressa transformada em terror. A noite cahia. As ruas da pequena localidade estavam desertas. E' muito natural que a gente se inquiete vendo-se seguida por um individuo de aspecto sombrio, que occulta seu rosto, deixando de fóra só dois olhos de expressão estranha. Mas podia ser tambem que, por coincidencia, fosse aquelle seu caminho, e o palmilhasse sem suppôr o temor que despertava. Podia ser um transeunte inoffensivo ou então, um curioso, um galante indiscreto, interessado em uma silhueta agradavel.

A joven senhora, evidentemente, não admittia essas hypotheses. Visivelmente se transtornava. Attrahindo seu filho, se precipitou para o portão de ferro e fez soar violentamente a campainha. Sob seu curto *robe-manteau*, seus joelhos tremiam.

— Mamãe, ahi vem elle! Ahi está! — murmurou o pequeno, que partilhava do terror de que era testemunha.

Mas a criada attendeu e abriu a porta. O homem passou sem se deter, lançando apenas um olhar ao portão e aos que, atraz delle, se refugiavam.

— Depressa, Maria, fecha! — ordenou a joven senhora com vóz alterada.

— Vem, mamãe, vem depressa! Entremos! — dizia, por sua vez, o menino, arrastando sua mãe.

Atravessou correndo a sala de

sul serão proporcionados ao mesmo exercicios, bom sanatorio e veterinario, sempre que for preciso, e gratuitamente."

*

O PARAISO DOS ANIMAES — A expedição zoologica anglo-norte-americana, enviada para explorar ás ilhas Galapagos regressou a Nova York com uma verdadeira collecção de animaes raros e que se destinam aos jardins zoologicos daquella cidade e de Londres.

Entre os animaes mais interessantes figuram alguns vagabundos gigantes, cinzentos e pretos, de uma tal phosphorescencia na parte posterior de seu corpo que brilham com a mesma intensidade da chamma de um phosphoro.

Tambem despertaram grande attenção dois pinguins minusculos, cuja existencia era por completo ignorada alli. Uma tartaruga pesando cerca de duzentos kilos e com mais de trezentos de edade foi outra presa curiosa. Esta, porem, morreu de fome durante a viagem, não porque lhe não déssem alimentação, mas porque recusou ingerir qualquer alimento.

Foi numerosa e variada a captura de macacos.

As ilhas que formam o archipelago dos Galapagos são completamente desertas, com excepção de uma que é habitada por pobres e raros pescadores. São, por isso, considerados o paraiso dos animaes.

*

CURIOSIDADE — Uma pessoa morre, em cinco minutos por falta de ar; em sete dias, por falta d'agua e, em dez, por falta de somno.

*

ANEDOCTARIO — Henrique IV, de França, tendo presenteado uma rica joia a uma dama do palacio, perguntou-lhe, depois, serenamente:

— Por onde se vae á sua casa?

— Senhor — respondeu-lhe a joven serenamente — pela igreja...

De H. J. Magog

jantar e levantou uma das cortinas da janella.

— Elle parou — annunciou o pequeno. — E olha nossa casa como si quizesse entrar... Oh, mamãe! E si vier matar-vos?... Por que não tenho papae? Por que o deixaste partir para uma longa viagem? Si elle estivesse aqui, como o de todos os outros meninos, nos defenderia e correria com todos os bandidos. Não teriamos mêdo.

Impotente para dominar seus nervos, a joven senhora escondeu de repente o rosto entre as mãos e rompeu em soluços.

Em seguida, Totó lamentou as palavras que acabava de pronunciar e correu a atirar-se ao pescoço de sua mãe.

— Não te afflijas, mamãe querida! — Eu te defenderei. Si o homem máo se atrever a entrar, eu o matarei com o revolver de papae.

* * *

Durante todo o jantar não se falou mais do vagabundo. E Totó parecia tel-o esquecido, quando sua mãe o levou para a cama.

Mas era só para tranquillizál-a. Mal ella o deixou, suppondo-o adormecido, o pequeno se levantou silenciosamente e se approximou da janella.

Encostada á grade do jardim, uma silhueta immovel parecia estudar o meio de saltál-a. O menino reconheceu o vagabundo.

Sua delgada carinha tomou uma expressão energica.

— Agora vaes ver! — ameaçou, cerrando os pequenos punhos.

Devagarinho foi ao dormitorio de sua mãe, que havia descido ao andar de baixo, abriu a gaveta da mesinha de cabeceira. Tirou o revolver.

— Agora não tenho mais mêdo... Vou mostrar-te, bandido! — murmurou.

Em camisola, com os pés descalços para não fazer barulho, desceu ao vestibulo, cuja porta entreabriu o mais silenciosamente que poude.

Conseguindo-o, appareceu na escada externa e apontou belicosamente sua arma na direcção da grade do jardim.

— Fóra! — gritou ao vagabundo, gelado deante daquella inesperada apparição. — Fóra, ou o mato!

Sua vóz tremia um pouco. Seu coração pulsava com mais força. Mas o resultado que obteve sobrepujou suas esperanças.

O vagabundo olhou-o... E, de repente, com um gemido, deixou cahir para a frente sua cabeça, que bateu na grade. Ao mesmo tempo, suas mãos se agarravam desesperadamente aos ferros para sustentar o corpo sacudido de soluços convulsivos.

— Totó... Que fazes?

Apparecendo atraz delle, a mãe, transtornada, lhe arrebatou o revolver, que atirou para longe, horrorizada.

Depois, tomando pela mão o pequeno desconcertado, desceu a escada e se approximou da grade.

Após uma curta vacillação, sua mão acariciou a fronte inclinada do homem, que chorava. Levantou seu filho.

— Não é um malfeitor, Totó — disse, com vóz que a emoção fazia tremula. — Abraça-o... E' teu papae, que volta, afinal, de sua viagem... e que ficará para sempre comnosco, afim de proteger-te...

GRACIETTE (Pernambuco) — O seu retratinho é lindo. Elle é bem a effigie de uma *graciette*...

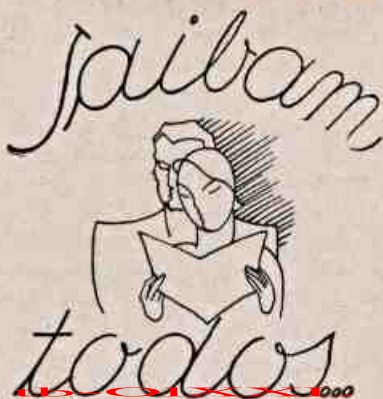
V. ex. escreve bem. Tem talento. Mas o conteúdo de sua carta pede uma resposta que não pode ser dada nesta pagina. Não lhe parece?

HERALCAR (Capital) — O sr. começa a impressionar mal pelo pseudonymo: Heralcar. Que vem a ser tal coisa? Um homem que não sabe escolher um appellido, não pode tambem saber escrever. "Ex digito"...

Depois, o sr. é de um mau gosto sem par. Quem escreve uma carta num pedaço de papel, e tem a "sans façon" de envial-a a uma pessoa, que não conhece, é, positivamente, de uma falta de elegancia, a toda prova. E por ahi logo se pode julgar si o sr. é escriptor d'agua doce ou salgada...

Uma prova? Eil-a, neste trecho da sua fantasia literaria:

AMORES PASSADOS...

"Suave luz de prata caia sobre a natureza, era noite!

Aromas languidos perfumavam n'uma caricia leve os caminhos em flôr. Noitevagos passarinhos, emprestavam, com seus cantos dolentes, àquella perfeita harmonia de noite enluarada, a melodia de seus gorgeios maravilhosos... (Quá, quá, quá!)

Jardim sublime! A um canto, entre cercas vivas de formas caprichosas, a agua de uma fonte murmurava mysteriosamente... Claro banco em forma symbolica de throno completava o scenario deslumbrante!

Indifferentes ao esplendor d'aquella noite tropical, appareceram juntinhos, trazendo um o pensamento do outro, duas felizes creaturas.

Moça e bella. O seu vestido branco de cauda tinha tomado as formas de seu corpo, era tão linda!

Osculando de leve os caminhos chegaram ao banco, que era illuminado em cheio pela luz argental da lua. As magnolias inundavam o ambiente com o seu perfume penetrante.

Pode-se vêr, então, o companheiro de tão divina joven, — era alto, tinha no semblante uma poesia vaga, elegante no traje, ao lado esquerdo pendia um espadin de ouro, que denunciava o militar.

A indiscreta briza da noite levava, segredando ao mutismo impenetravel na vegetação, a conversa intima dos dois, que era uma canção de amor..."

Francamente, sr. literato: o seu trabalho é um desastre. O sr. diz que a moça levava um vestido branco de cauda que tomava as formas do corpo della... Então, não era moça, era um pavão...

JULIA (Capital) — Sou muito sensivel ás palavras gentis que me dirigiu por occasião do meu anniversario.

AVÓSINHA (Capital) — A sua carta é uma maravilha. Vejamos o que v. ex. me escreve com a singeleza daquelles que vão entrar no reino do céo...

"Deus te abençoe, meu filho! Lendo no Fonfon a tua interessante secção "Saibam todos"... a resposta a Tilia em que dizes, ser com tristeza que vez passar o teu anniversario?

Então, o dia que viras mais uma folha no livro de ouro da tua preciosa existencia, e que quanto mais volumoso, mais rico será de ensinamentos, achas triste? O motivo que ha, é de jubilo, e não de tristezas.

Perdôa-me, é da idade... — *Avósinha*"

Na impossibilidade de encarnar a pessoa de Calino, do conselheiro Accacio, e outras figuras do mesmo quilate, limito-me a balançar a cabeça, como as lagartixas, fazendo uma cara de missa de setimo dia. — Amen.

ISA DE HUGOMAR (Santos) — Não me recordo de haver recebido a sua correspondencia. São tantas as cartas que me chegam ás mãos, diariamente... Quando ellas me vêm de pessôas que estão ligadas a mim, por qualquer laço ou interesse, é claro que as guardo de memoria, e saberei dizer até mesmo o texto, a côr do papel, a data. A sua, porém, se confunde com as demais. Mesmo porque ella só interessa á sua pessôa, e não a esta secção.

M. M. SANTOS (Santos) — Já seguiu pelo correio sob o registro 14.160 o exemplar de "Uma garçonne carioca", para o qual me enviou o seu vale postal.

Este romance está á venda em todas as livrarias do Rio, inclusive Freitas Bastos a rua Bithencourt da Silva, 21-A e Flores & Mario, á rua do Ouvidor, 145. O preço é 6$000, brochura.

AIMERY (S. Paulo) — Sim, V. ex. diz esperar com ansiedade a minha resposta confidencial. Dá a entender que eu lhe propuz essa correspondencia de caracter particular. Mas não se trata disso. O que eu quiz dizer foi o seguinte: dado o assumpto da sua primeira carta, que só interessava á minha pessôa, — e não a este consultorio — declarei que a resposta só podia

ser confidencial. Mas não sou eu que tenho a lhe fazer confidencias; v. ex. é que me força a essa confidencia.

Está bem?

DISSIMULADA (S. Paulo) — A graphologia, para mim, é uma sciencia muito séria. Não a exploro como a maioria dos graphologos de jornaes, que não fazem graphologia, mas "adivinham" a letra ou lhe dizem o significado por "palpite". (E nisso estou tão seguro que lanço um desafio, aos que fazem graphologia apressada, para que me desmintam).

Ora, dado o caso da sciencia do abbade Michon ser, para mim, uma coisa importante, é claro que cada estudo me dá um trabalho insano. Geralmente, porém, o leitor não avalia esse trabalho. Resultado: não faço graphologia, senão de pessôas conhecidas que me procuram para isso.

N. MOURÃO (Minas) — Esta secção não é um banal repositorio de perguntas insulsas de poetas e de respostas frequentemente pouco doces. Não é um consultorio de graphologia, para senhoritas bisonhas e de letras escassas. Não é uma pagina vulgar de informações de livros e de marcas de pó de arroz. Não! E' tudo isso, concedo; mas é, sobretudo, uma *vitrine* de espiritos, onde têm mais destaque os interessantes, os que podem trazer, para ella, um pouco de verve, de bom humor, de espiritualidade. Uma carta literaria, um inquerito, um thema que provoque debates, a publicação de uma curiosidade, tudo isso é coisa que interessa a esta pagina, que tanto elogia como ataca.

Eis porque a sua missiva aqui apparece, embora um pouco fora da sua época.

Leiamol-a:

"Bello Horizonte, 6-2. Yves. Voltei, ha poucos dias, das serras. Chamo de serras á minha terra, Diamantina, topographica e espiritualmente uma especie de Torges, aquella villa onde o "precioso" Jacintho foi procurar e achou a pureza do ar e a quietude da vida, que lhe restituiram o vigor ao corpo e a tranquillidade á alma, vigor e tranquillidade que Paris, já o Paris daquelle tempo, lhe haviam roubado. Como Jacintho, encontrei tambem vigor e tranquillidade que Bello Horizonte, já o B. Horizonte de hoje me roubou... Lá nas minhas serras, minha vida foi quasi selvagem: caçadas, excursões, pescarias e um alheiamento completo das coisas do espirito civilizado: literatura e amor.

Lá não me chegava o Fon-Fon nem a tentação dos olhos, fingidamente languidos.

E como eu estava selvagem, nem ao menos um cartão de Boas Festas pude mandar para você. E' por isso que hoje mando lhe meus votos de feliz... carnaval.

De feliz carnaval, Yves, porque desejar um anno inteiro de felicidades, é desejar algo impossivel. Tres dias, principalmente tres dias em que você estará fatalmente alegre, creio que serão de muita felicidade, conhecendo em você alguma coisa do seductor Arlequim, ainda mais um Arlequim desejado por tantas Colombinas. Felicidades no carnaval, Yves. Diga á sua Colombina bem baixo, bem baixinho, para que Pierrot não ouça, aquellas palavras lindas, que só a bocca de um poeta póde fallar. Falle com ella daquelle amor que você sabe amar, ameno, delicado, todo cheio de um suave enlevo... Beije sua Colombina e extasie se, com seus beijos porque você que é poeta sabe que

O beijo e uma symphonia louca
Que a sonata do amor improvisa
[na bocca.

Ame-a, Yves, com ardor, com paix... mas precisarei eu de ensinar um poeta a amar?

Quando chegar a quarta feira, esqueça sua Colombina. Deixe que Pierrot a ame pelo resto do anno, seductor Arlequim, porque fora do Carnaval o amor é perigoso e Pierrot é eternamente um trouxa. Tirando sua phantasia de Arlequim, Colombina o deixará, porque um Arlequim sabe beijar e um poeta só sabe gemer...

Adeus Yves. Não ame Colombina alem de terça-feira.

Um abraço do —N. *Mourão*."

LILI E NA (Capital) — Eis o texto do bilhete que vv. exs. me enviam.

"15 de Fevereiro de 1932 Yves:— Para você, uma grande felicidade, é o que lhe desejamos. Parabens. —*Li e Na*."

Penhorado, agradeço as palavras que me dirigem... embora sejam palavras de mulher...

LILIA FERNANDES (Capital) — Pois sim, minha illustre feminista de trinta e cinco annos e picos... Que Deus a faça muito intelligente, para gloria das letras e da sua distincta familia...

LUCIA (S. Paulo) — Muito grato pelos votos de felicidade que fez pela minha pessôa, por occasião do meu natalicio.

Quanto á secção "Escriptores e Livros" ella nada tem com a minha pessoa, e sim com o nosso companheiro Mario Poppe. Entendeu?

NANCY (Maranhão) — Impossivel attender o seu pedido. E' muito trabalhoso para mim que não tenho tempo para nada. E v. ex. não deve ignorar que tempo é dinheiro...

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "*Saibam todos*" deve ser dirigida a *Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.*

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 12-3-932

Data da consulta.............

Nome do consulente.............

....

O HOMEM QUE NÃO CONHECEU A FELICIDADE...

MARIO LIMA fôra um homem que não conhecêra a felicidade. Tudo lhe tinha sido adverso na existencia. O seu passado se resumia num punhado de imprevistos e desventuras... O seu silencio e a sua physionomia profundamente triste, representavam bem o quanto esse homem soffria... Até então, a vida para elle fôra, apenas, uma sequencia de dolorosas decepções... Vêl-o era ver a imagem do soffrimento; têl-o junto era tambem sentir proximo a melancolia... Soffrer, ter os olhos encharcados de lagrimas e a alma estraçalhada pelo desgosto, era a maior parcella da sua existencia desgraçada... Raramente sorria, e quando o riso lhe afflorava aos labios era como um grito de desespero que lhe sahia do interior e que não podia conter...

Mario Lima era um revoltado. Os seus gestos, as suas phrases, curtas e entrecortadas de lamentações, exprimiam o seu completo desprendimento pela vida...

Vivia isolado dos amigos, tinha essa existencia mesquinha de quem dentro da vida só deseja a morte. E, de facto, nella sómente confiava.

Perdêra por completo a vontade de se illudir a si proprio, de fantasiar a dôr, de esconder na garganta a lagrima que lhe ia rolar pela face...

Já não tinha esperanças, nem aspirações... O seu destino era viver amargurado. Portanto, se entregava a elle...

O despertar da sua mocidade fôra o despertar para a dôr, para a luta e não para o sonho...

Elle comprehendêra cêdo demais que qualquer aspiração nobre, sensata, teria o desprezo daquelles que o cercam, o riso zombador dos maliciosos... Sentira que só a falsidade, a traição venceriam no combate arduo da vida...

E só esperava a morte! Queria sómente o silencio dos cemiterios, queria desertar da vida...

Já experimentára tudo em busca dessa felicidade que todos julgam alcançavel, porém que não passa de méra fantasia da imaginação...

Buscou o amor julgando ahi encontral-a e, ao envez da ventura, maiores padecêres vieram atormentar o seu farrapo de existencia... Amou uma mulher julgando-a uma santa... Eternizou-a. E depois, quando esperava que seus labios deixassem escapar sorrisos, dos seus olhos correram lagrimas de amargor...

Amou-a... E ella fugiu-lhe como até então tudo lhe tinha fugido na existencia... Zombou victoriosamente delle quando comprehendeu, na franqueza de seus gestos, a fraqueza de sua alma... Não lhe quiz dar o conforto de que tanto neces-

sitava; pelo contrario, mergulhou sua alma na saudade, fazendo-o soffrer mais...

E Mario Lima, que jamais conhecera o lado bom da vida, que só a comprehendia através da lagrima e da dôr, tinha por natureza o espirito revoltado! Repugnavam-lhe tanto as nuvens e as estrellas, como a poeira que o vento levanta e os seixos que rolam para a lama... Tudo que o cercava tinha o mesmo valor e em tudo via a mesma miseria que o fizéra infeliz...

E foram tantas as suas desgraças, que a razão se lhe foi turvando aos poucos... Seus pensamentos não mais se firmavam quando desejava, as idéas se embaralhavam no seu cerebro. Ora dizia uma coisa julgando dizer outra.

E bebia para se distrair, embriagava-se para se isolar da terra, e esquecer, não mais a vida que levava, mas a si proprio...

Fazia-o já sem sentir, não tendo forças mais para se dominar... Innumeras vezes fôra encontrado cahido nas calçadas completamente embriagado, e levado a dormir nas prisões...

Sua desgraça não podia ser maior; chegára ao auge... Elle não podia acceitar a vida que lhe davam para viver... E lamentações de desespero lhe sahiam dos labios arroxeados... Sahiam sem elle sentir; eram os ais da sua propria dôr...

E, apesar de louco, elle ainda podia comprehender toda a extensão do seu soffrer...

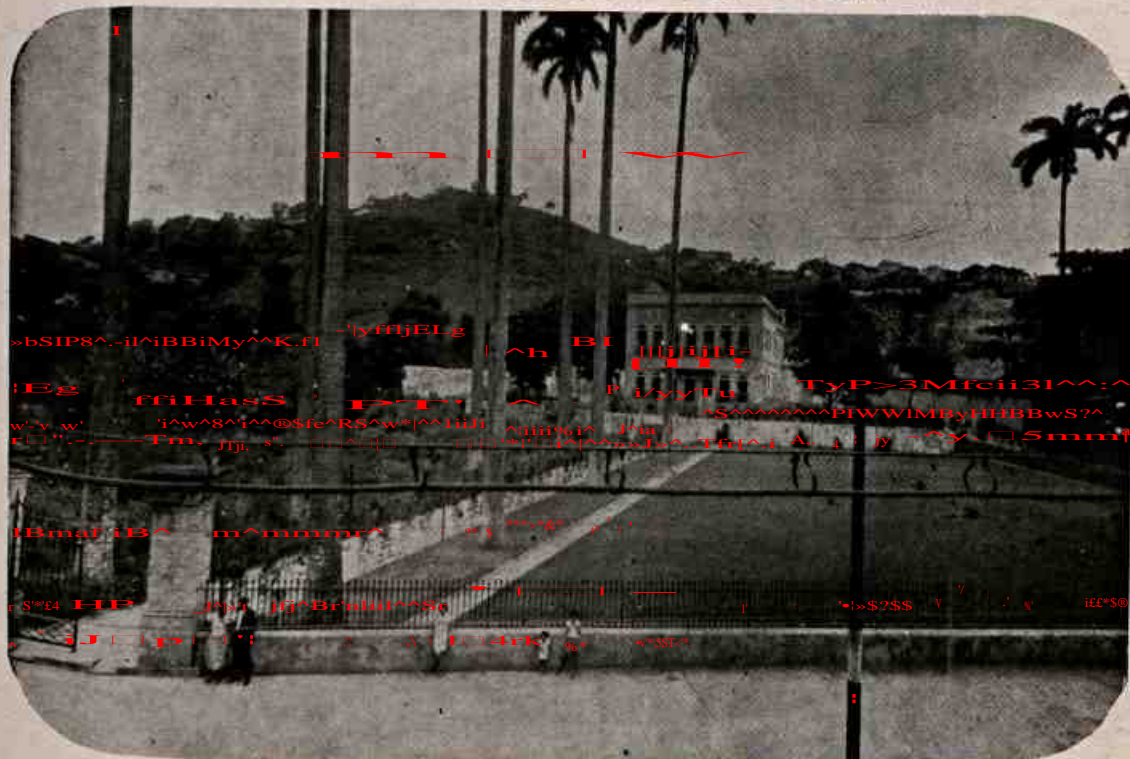
Era o destino que assim o queria... E, pois por ser elle um brinquedo nas mãos desse destino, resolveu acabar com a vida para tambem acabar com elle... Não levou saudades, nem deixou adeus... Fôra, apenas, um homem que nunca conhecêra a felicidade... A verdadeira felicidade: a fé!

J. M. Brinckmann

CARTA

Vae no mudo papel o meu "Bom dia"...
E' talvez esta, a unica alegria
que ainda posso ter...
Fallar ao telephone... Não tem tempo.
Si reclamo, é maior o contratempo.
E... parece que não quer mais nem me vêr.
Que saudades eu tenho do passado!
Quando ainda não se havia collocado
entre nós dois, o amôr de outra mulher.
Nesse tempo, ia vê-lo todo o dia.
E você reclamava, com energia,
a presença, que hoje não mais quer.
Sem vê-lo, meu olhar vae ficar triste.
O pensamento bem sei que não resiste
de em si pensas...
Só o magoado coração perdôa...
Mas, nos meus labios vão morrer atôa
todos os beijos que não pude dar...

Selene

A VIAGEM SENTIMENTAL

PEDRO MONESTIER voltou de sua longa viagem esmagado pela solidão daquelles tres mezes. Como poude elle se lembrar de viajar só, sem levar uma companheira que o distrahisse?

O amor e a viagem se completam. Ambos se acham constituidos de surpresas e descobertas. A mais bella paragem perde todo o seu encanto si uma só pessôa a admira.

Monestier era um desses homens de temperamento indeciso e muito affectuoso, cuja timidez paralysa a inquieta vontade. As mulheres o atrahiam e o assustavam ao mesmo tempo. Julgára encontrar na viagem um derivativo á angustia sentimental que o opprimia.

Primeiro, tudo contribuiu para augmentar a impressão de sua soledade durante a viagem. Os casaes enchiam os *autocars* e os hoteis. As criadas, em accordo tacito, o faziam sentar em mesas postas em plena corrente de ar, e o quarto proximo ás cozinhas.

Ao regressar, vinha resolvido a casar-se para pôr fim áquella situação intoleravel de solteiro aborrecido de tudo.

A senhora a quem Monestier participou suas intenções matrimoniaes ouviu a confidencia do joven com certo enthusiasmo.

A alludida senhora se occupava em arranjar casamento, mais por prazer que por necessidade, e considerava todo enlace effectuado por seus bons officios como um triumpho seu.

Começou por fazer a Monestier algumas perguntas muito indiscretas sobre suas affeições individuaes e o estado de suas finanças. Depois, uma vez convencida de que o joven era um bom partido, ajuntou:

— E' o senhor joven, livre e rico. Por que se quer casar tão depressa?

— Para não viajar só — respondeu Pedro, sem vacillar.

A senhora Matoux reflectiu um minuto e depois perguntou:

— Prefere casar com uma loira ou com uma morena?

— Não tenho preferencia por nenhuma.

— Perfeitamente — exclamou a casamenteira, contente. — Conheço uma pequena loira que, certamente, lhe convirá.

A menina loira chamava-se Herminia, e dirigia com sua mãe uma pensão de familia.

A clientela da casa compunha-se

IGUAL AO HOMEM...

GENOVEVA andou em volta do pequeno repuxo, caminhou ao longo das margaridas que as abelhas assediavam e sentou-se sob o caramanchão. Marcos, o sobrinho do cura, abriu então a porta do jardim e se dirigiu para a moça, saltando sobre os rectángulos de arbustos.

— Bom dia, Genoveva! — disse.

A joven corou até a raiz de seus cabellos loiros e retrocedeu suavemente, afim de dar logar ao rapaz, junto della, no tronco esburacado que fazia as vezes de banco rústico.

De repente, Marcos declarou:

— Está decidido... Parto depois de amanhã... E você?

Ella encolheu os hombros, tristemente.

— Papae quer ficar aqui até o inverno.

— E seus estudos?

— Oh! meus estudos... Papae diz que uma mulher sabe sempre muita coisa. Elle pertence á velha escola.

— E você?... Não lhe interessaria continuar até o bacharelato?

— Não sei — confessou ella.

Olhou dissimuladamente seu vizinho. Admirava-lhe o perfil duro, a pequena bôcca apertada, que sempre só pronunciava phrases razoaveis, a expressão energica, a fronte saliente...

Ella perguntou:

— Você gosta que uma mulher saiba tanto quanto o homem?

Marcos estava nessa idade em que a vida se reduz a fórmulas. Declarou, num tom que não admittia réplica:

— A mulher deve ser a companheira, a igual ao homem.

— Ah! Deveras? — exclamou a pequena.

— Por minha parte, eu só me casaria com uma mulher que pudesse seguir-me em meus trabalhos, secundar-me nas operações e servir-me de auxiliar.

E como tudo elle relacionava com a preoccupação de sua carreira, accrescentou:

— Está vendo daqui, não é verdade?... A sala branca, o enfermo preparado, minha mulher occupando-se do chloroformio, e eu com o espirito livre e o bisturí na mão.

Tomou familiarmente Genoveva pelo queixo:

— Minha pobre menina! E' certo que lhe falo neste momento em hebreu.

Ella não fez nenhum movimento para libertar seu rosto daquella mão desdenhosa e quente. Seus olhos se encheram de lágrimas. E respondeu, humildemente:

— Comprehendo, talvez, mais coisas do que você imagina.

Houve grande surpresa na localidade quando os paes de Genoveva annunciaram que iam voltar a Paris para a abertura dos cursos.

O pae de Genoveva não tinha pressa. Mas a joven, com o cenho franzido, declarou a seus paes, á hora da mesa:

— Si eu não quizer perder a entrada do lyceu, é necessario que nos vamos depois de amanhã.

— Estava resolvido que não seguirias teus estudos até o bacharelato. Não havias feito, até este momento, a menor objecção séria. Não sei quem te metteu na cabeça essas idéas novas.

Genoveva volveu para seu pae seus grandes olhos limpidos.

— Ninguém, papae — respondeu. — Reflecti durante este verão, e eis tudo. A mulher deve ser

---

De Albert Jean

Quasi que exclusivamente de refugiados italianos e de alguns inglezes, que Herminia e sua mãe alimentavam com talharins e tortas.

A menina, com sua vivacidade seu bom humor e seu lindo aspecto resoluto, agradou immediatamente a Monestier.

Não cabe duvida que Herminia era muito baixinha e muito loira, ou antes, vermelha. Mas, na vida, convém ás vezes não se mostrar muito exigente. Por isso Pedro, com um pequeno tremor na vóz, perguntou á joven:

— Gosta das viagens?

— Enthusiasmam me — respondeu Herminia; — ou antes me enthusiasmam, mas a vida é muito dura e até agora só pude viajar com o pensamento.

Herminia recebeu como um dom do céo a noticia do pedido de sua mão, feito por Monestier, dias depois. Resolveu-se, de commum accordo, que o joven casal se alojaria provisoriamente na pensão familiar, emquanto montariam sua casa particular, arranjado o que, Herminia e seu noivo prepararam sua viagem de lua de mel.

Depois de ter vacillado muito entre uma viagem á Noruega e um circuito pela Hespanha, ambos resolveram permanecer uma temporada nas ilhas Borroneas.

Pedro não cabia em si de contente. Já, afinal, poder realizar o sonho de toda sua vida, e, graças á companhia de Herminia, saborear os verdadeiros prazeres de uma viagem.

A joven sahiu para ir á estação, afim de tirar passagens.

Quando voltou, Pedro, ao vêl-a tão feliz e tão satisfeita, se sentiu possuido da mesma felicidade e da mesma alegria.

— Toma os bilhetes, querido.

Pedro, recebendo-os, deu um grito:

— Isto não é possivel!

— Que tens?

— Olha. Repara nas duas passagens. Têm datas differentes. Enganaram-se quando tas venderam.

— O erro é teu, Pedro — respondeu-lhe Herminia, com a maior calma. — Deves comprehender que não podemos deixar mamãe sozinha neste momento, com todos os clientes que chegarão na proxima semana. Então, mandei tirar as duas passagens de modo a poder eu partir na noite de nosso casamento, e tu quando eu voltar. Dessa maneira poderemos ambos gozar a viagem nupcial. E' claro que é lamentavel não nos ser possivel fazêl-o juntos...

De Albert Jean

sabia, si quer ser a companheira, a igual ao homem.

— Tua filha está louca! — gemeu o senhor Bentancourt. — Quer ser igual ao homem!... E tem, apenas, quinze annos!... Aonde vamos parar, meu Deus?...

Durante os annos que se seguiram áquelle dia memoravel, Genoveva amontoou diplomas sobre diplomas, com grande escandalo de seu pae.

Quando terminou com exito o curso de bacharel, declarou gravemente á familia, assustada, que queria estudar medicina.

— Por que não cirurgia, já que estás nisso?! — rugiu o senhor Bentancourt.

— E' verdade... Por que não? — respondeu Genoveva.

Ella tinha sempre presentes as palavras do formoso rapaz, no jardim.

A igual ao homem! Marcos fôra categorico. Os encantos de uma mulher não podiam compensar, a seus olhos, a falta de um titulo universitario.

O rapaz fazia breves apparecimentos na localidade onde Genoveva passava suas férias laboriosas entre um diccionario de anatomia e um esqueleto, armado sobre arame, cujos ruidos exasperavam o infortunado senhor Bentancourt.

Marcos installára uma clinica em uma localidade vizinha, e o trabalho excessivo marcava sua fronte com tres profundas rugas. Corriam a respeito delle rumores desagradaveis: "Sacrifica-se com pouco proveito" — diziam as pessôas bem informadas.

E Genoveva pensava:

— O que lhe falta é uma auxiliar. Uma pessôa que o ajude em seus trabalhos e o allivie na medida do possivel... Vamos!... Ainda dois annos de esforços, e eu serei essa mulher.

A approximação do término de seus estudos excitava a joven, e foi com as felicitações da mesa examinadora que obteve o ansiado titulo.

Quando chegou a sua terra natal, o primeiro cuidado de Genoveva foi perguntar ao cura por seu sobrinho.

— Como vae Marcos?... E sua clinica?

O cura moveu a cabeça:

— O pobre rapaz não tem muita sorte, senhorita. Melhor do que eu a senhorita deve saber como é ingrato o inicio de sua profissão.

— Sim... sim... e então?...

— Então, elle julgou de bom aviso não deixar passar a opportunidade que se lhe offerecia... Cedeu sua clinica a um collega de Paris e se casou com...

— Marcos se casou?! — exclamou a moça.

— Sim, senhorita... Ha seis mezes, com a filha de um fabricante de moveis... Dedica-se, actualmente, ao commercio, com seu sogro... E parece que ganha bastante dinheiro.

A ILLUSÃO

ENTREI ruidosamente no quarto sem mesmo pedir licença.

— Como! Ainda deitado, preguiçoso?!

— Oh, Alberto! Que horas são?

— Nove.

— Já? Abre os postigos, por favor.

Abri de par em par a janella, e o cálido sol de outomno invadiu aquelle aposento bonito de estudante rico, fazendo re saltar, com seu resplandor rosado, todos os objectos que estavam na sombra: a mesa, onde os livros se achavam amontoados; a ottomania, em que o sobretudo semelhava outra pessôa que dormia; as pequenas cadeiras de sêda, cada uma das quaes tinha em cima um par de meias, ou as calças, ou o paletó, ou o chapéo, pareciam alternar-se até a cama branca, de onde Dino não se decidia ainda a sahir.

Elle indicou-me a mesinha de cabeceira.

— Não fumas?

Estava sobre ella a cigarreira de prata. Tirei um cigarro e elle outro.

— Tens pressa? Por que não te sentas?

Sentei-me junto a cabeceira da cama. Dino sentára-se tambem e com os cotovelos apoiados sobre os travesseiros, fumava a grandes baforadas. Disse:

— Sabes? Hoje completo vinte annos!

— Vinte annos, e mo dizes assim, sem mais preambulos! Si eu o soubesse, te offereceria nem que fosse apenas um ramo de flôres. Agora só me resta desejar-te sinceramente mil felicidades.

Abraçámo-nos, commovido.

Porque Dino era um dos meus poucos amigos. Da mesma cidade, seu palacio de nobre se apoiava em minha decrépita casa, que ostentava bem dignamente as rugas e os signaes de quatro seculos. Meninos haviamos crescido juntos, e Dino seis annos mais moço do que eu, foi por mim carregado, muitas vezes, nos braços. As varias vicissitudes que nos haviam separado para seguir cada qual o seu caminho, agora nos faziam encontrar de novo na mesma cidade: elle um joven desenvolto, que mantinha com elegante prodigalidade seu nome patricio, a ponto de terminar seus estudos; eu, poeta, cahido de meu estupendo castello de nuvens, em contacto com as primeiras realidades quotidianas.

— Meu caro Dino! Vinte annos! Primavera de sonhos, festa da vida! E és tão generoso, tão pródigo, que me emprestas esta noite tua idade, tua bella juventude, tua elegancia, teu nome patricio para que eu me transforme hoje em outro tú!

— Não me lembrava mais.

— Mas... lhe escreveste?

— Juro-te que sim. Hontem á tarde. Deitei immediatamente a carta no correio. Já a deve ter recebido.

— E dize-me que lhe escreveste?

— Um bilhetinho simples: — "Distincta senhorita: Desejando falar-lhe de um assumpto muito importante, muito sério, espero-a amanhã á cração, sozinha, no jardim. — *Dino Aldobrandi*". Como vês, poucas palavras e um sentido mysterioso. Parece-te bem?

— Optimo, querido Dino — respondi-lhe. — Mas ella irá?

— Imagina! O anno passado me fazia implacavelmente a côrte. Tanto que, para livrar-me, tive até que evitar cumprimental-a. Em summa, pódes estar certo de que tudo irá magnificamente. Mérito meu particular.

— Meu caro Dino! Não sei como agradecer-te. Vens almoçar commigo?

— Obrigado. Estou convidado.

— Então nos veremos depois do almoço. Espero-te no Café Central.

— Sim, Alberto. E esta tarde, ás cinco horas, em minha casa.

Sahi. Voltei á rua. A cidade despertava agora negligentemente naquella clara manhã de domingo outomnal. Alegre bater de portas e postigos. Ruido argentino de grandes vasos de leite carregados por camponio apressados. Vozes dos vendedores de jornaes, que lançavam as primeiras noticias frescas. E, no alto, nas torres, esplendorosas na púrpura do sol, uma symphonia polyphônica, em extase entre a terra e o céo.

* * *

— Mas tenho que despir-me?

— Tudo. Até a camisa.

— E si eu fosse como estou?

— Bravos! Si achas que farás melhor figura... Sem contar que, com roupas alheias, terás mais desenvoltura, te sentirás mais livre para falar de ti mesmo. "Dae ao poeta uma máscara e elle se revelará completamente" — disse não sei quem...

— Então... ponhamos o disfarce.

Essa conversação tinha logar no aposento de Dino. Sobre o leito, dispostas em bôa ordem, estavam suas melhores peças, sua roupa branca mais fina.

Minhas meias cederam logar ás suas, de sêda, finas, transparentes, que pareciam acariciar minhas pernas, dando-lhes uma fórma mais perfeita. Com suas botinas, meus pés pareciam menores. A linha das calças cahia excellentemente, e o paletó, bem cortado, se tornava mais esbelto.

— Espera! — disse Dino. — A gravata eu ta manjarei.

E desfez cinco ou seis vezes o laço.

E como as cordas de um violino que pertenceram a um grande violinista conservam as symphonias mais divinas, as roupas do joven elegantissimo conservavam sua distincção sobre meu corpo que começava já a perder a esbelteza.

Poz-me seu chapéo, seu abrigo de meia estação, seu cache-col de sêda branca. Só me ficavam visiveis o nariz e a bôcca. Mas a bôcca e o nariz de todos os homens se parecem.

O dom dos vinte annos era completo.

— Dino, pareço-me muito comtigo.

— Sim. Mas, para falar-lhe, occulta um pouco a bôcca no cache-col e procura imitar minha voz.

* * *

Eu caminhava só, depressa, respondendo aos cumprimentos dos amigos de Dino, que me tomavam por elle. Ia encontrar-me com Yolanda, uma rapariguinha fascinante em sua coqueteria juvenil. Amada seriamente n'algum tempo, abandonada depois por um capricho, e que agora me esperava... Talvez aquella noite eu a conquistasse para toda a vida... Eu dizia a mim mesmo: "E si eu não souber fingir? Si Yolanda me reconhecer?"

Tranquillizaram-me um pouco a sombra, os plátanos cuja ramagem quasi occultava as estrellas, o pensamento de que meu disfarce, quasi perfeito, só descobria um pouco os olhos, o nariz e a bôcca.

Detive-me de repente sobresaltado. Um ligeiro riso argentino se fez ouvir no escuro. Da sombra da noite se destacara uma figurinha esbelta,

uma voz travessa exclamou:

— Ha meia hora que espero.

— Oh, senhorita! — disse eu, fazendo menção de tirar o chapéo.

Felizmente, me lembrei a tempo de que não devia tirál-o, porque, nesse caso, iria por terra todo o meu magnifico plano de conquista.

Yolanda extendeu-me sua pequena mão. Disse:

— Senhor Dino! Depois de tanto tempo! Quasi eu receiava que estivesse aborrecido de mim.

— Senhorita, como póde ter pensado em semelhante coisa?

E ella, cariciosa, em um sôpro:

— Então não falemos mais nisso.

Fez uma breve pausa, e ajuntou:

— Sabe que mudou um pouco?

Tive outro sobresalto. Eu procurava falar-lhe com a cabeça baixa e a conduzia para onde o jardim se tornava mais espesso pelas arvores.

— Pareço-lhe mudado? Para melhor ou para peor?

— Para melhor, sem duvida. Está mais alto, um pouco mais gordo. Desenvolveu, emfim. Antes era um formoso menino. Agora é um bello rapaz. Eis tudo. Até o timbre da voz me parece um pouco differente. Ha quasi um anno que não lhe falava.

Yolanda tinha sua mão sobre meu braço. Aquella mãozinha, tão leve que mal a sentia, tão cálida que parecia inflammar-me o braço, me deu coragem. Comecei, sem mais preambulos:

— Venho em nome de meu amigo Alberto...

A cálida mãozinha se agitou.

— ... para dizer-lhe que elle quer falar-lhe...

— Falar-me sobre que?

Yolanda mudára de tom, indifferente quasi hostil. E eu conclui rapidamente, como si recitasse uma licção:

— ... Elle se sente muito só, muito triste. Em torno de si, ha um grande vacuo, desde ha um anno, em que, por causa do destino, teve que deixál-a...

Yolanda sorriu, incrédula.

— Creia-o, senhorita: o rapaz anda muito triste...

Ella se inflamou. Interrompeu-me:

— Claro! Depois de tudo o que disse de mim.

E eu, baixinho, baixinho:

— As más linguas, senhorita.

— Más linguas? Depois que andou propalando que eu sou uma mulher intellectual e que as mulheres como eu são o martyrio dos homens, mas que se casaria mesmo commigo, porque sou myope e, com minha myopia, eu não perceberia si elle o *senhor Alberto*, me fazia a côrte a mim ou a meu dote...

Não pude conter uma exclamação.

— Isso, senhorita, eu não disse nunca!

Talvez o cache-col, tão perto da bôcca, houvesse coberto aquelle "eu não disse". Ou talvez ella não o entendesse, em sua excitação.

— Não o disse nunca? Como você é ingenuo! Desculpe. Em sua idade, Dino, se é muito bom amigo.

Aproveitei para approximar-me mais, afim de estreitar-lhe a mão que conservava ainda sobre meu braço, e a levei até um banco, onde nos sentámos um ao lado do outro. Com minha bôcca quasi junto á sua, apaixonadamente, comecei a falar. De que? De tantas coisas! De tudo.

Dos defeitos dos homens, mesmo dos melhores, das murmurações dos mal intencionados, das aspirações do meu amigo, isto é, de mim mesmo.

O dinheiro. Ahi estava o escolho. Mas meu amigo o procurava só para multiplical-o com seu cérebro, para livrar-se da gente mesquinha que o cercava, para cumprir seu destino e triumphar, triumphar...

Não sei quanto tempo falei em tom apaixonado. Recordo-me que de vez em quando me preoccupava em imitar a pronuncia de Dino e quando terminei estava quasi commovido exaltado com minhas proprias palavras, e tão aturdido, que a culpa foi minha si aquella aventura acabou de um modo tão inesperado.

Tinha ainda perto de mim o rosto de Yolanda e sentia sua respiração em meu rosto.

Ella tinha os olhos fulgurantes e a pequena bôcca entreaberta, como uma menina que ouvisse uma fábula maravilhosa e não quizesse acreditar que havia terminado.

E daquella bôcca exhalava todo o perfume da adolescencia e da juventude. E eu não vi nada mais: nem a dança das folhas mortas que cahiam das arvores, nem a mystica claridade incandescente sobre a cidade distante. Esqueci tudo: o plano de conquista, meu nome falso, o amigo Dino, suas recommendações, meu disfarce...

Só uma coisa vi: aquella bôcca pequena, mórbida, com os labios finos que se me offereciam como uma flôr...

* * *

De volta á casa de meu amigo, tirei a máscara dos vinte annos, lenta, tristemente, como depois de um baile de mascaras a gente se despoja de um pierrot de setim branco, de um traje de sêda, do qual vemos cahirem, a cada pequena agitação *confetti*, algum pequeno cabello loiro, como cahem do coração do homem os ultimos sonhos de juventude. Dino, vendo-me tão abatido, me perguntou, timidamente:

— E... como te foste?

— Como querias que eu me fosse, meu caro Dino? A's mil maravilhas!

— Então... vaes casar breve?

— Casar-me? Nunca!

— Como? Mudaste de idéa?

E eu, com ar burlescamente trágico:

— Não. E' que me trahi, sabes? Trahi-me a mim mesmo!

E Dino, com seu bello rosto de adolescente em chammas:

— Então te descobriste? Disseste que eras tú? Bravos! Bonito papel me fizeste representar tambem!

— Não, meu caro Dino. Acalma-te. Deixa-me falar. Não me descobri para nada. Fiz teu papel, representei sempre tua sympathica e aristocrática pessôa. Estive eloquentissimo. Commovi-a. Tive um êxito estupendo. E como todo êxito me exalta, me faz perder a cabeça, esqueci tudo. Esqueci que Yolanda estava certa de que eu era Dino e não Alberto e que qualquer gesto amoroso de minha parte seria um adulterio espiritual commettido contra um amigo com sua futura esposa e, afinal... lhe dei um beijo, muitos beijos...

— Deveras? — perguntou Dino.

— Deveras. E ella não se revoltou, não protestou, não condemnou a trahição, o engano... De onde...

— E que fez ella, Alberto? — perguntou Dino, com os olhos brilhantes de ansiedade.

— Devolveu-me meus beijos e... aqui está o melhor... Sabes o que que disse ella?... Apenas isto: "Meu Dinozinho, como és sympathico e como te quero! A ti, somente a ti eu quiz sempre..."

MARIO GAZZONI

A CERTEZA

De

DANIEL RICHE

TREMULA, em sua fragilidade de menina loira, Antoniêta exclamou:

— E' espantoso!

— Sim — respondeu o industrial. — Encontraram esse infeliz com o craneo rebentado a martelladas, a carteira aberta e vazia a seu lado...

— E' horrivel!

— O mais terrivel é que meu secretario, que consentira em hospedar esse engenheiro durante sua estadia, desappareceu sem pedir-me autorização para ausentar-se.

— Mas, papae — disse a joven, indignada pela suspeita que adivinhava, — tú não vaes suppôr que Gastão Miot, teu braço direito ha cinco annos, nosso amigo...

— Eu não supponho nada, minha filha: tenho a prova. Viram hontem os dois homens juntos, passeando. Hoje, um delles foi assassinado e roubado numa somma importante, e o outro desapparece... Oh, quanto me felicito, minha querida, por ter retardado teu casamento com Miot, quando elle me pediu tua mão! O escandalo recahiria, então, sobre nós...

— Mas, papae — interrompeu a garota, — que dizes?... Que pensas?... Ha, nesse drama, uma abominavel coincidencia. A ausencia de Gastão, no momento de ser descoberto o crime, não prova nada. Esse horrivel malentendido se dissipará, em seu regresso.

— Si elle não voltar entre dois investigadores de policia...

— Isso não provaria sua culpabilidade... mas, simplesmente, que a verdade não estava ainda restabelecida.

O industrial olhou sua filha. Com a cabeça para traz, os braços cruzados sobre o peito, a moça parecia interpôr-se no caminho de todos os que quizessem atacar a sombra do ausente atraz della. Commovido por taes sentimentos generosos e nobres, o pae abraçou-a.

— És uma heroina. Desejo que tenhas razão.

Formulada, sem convicção, essa esperança, o industrial, novamente absorvido por suas preoccupações de negocios, pediu a Antoniêta, que, frequentemente, quando havia pressa, o auxiliava no escriptorio, que redigisse as cartas cujas respostas annotára para que pudessem ser enviadas no mesmo dia. Depois, com seu passo de homem fatigado, o patrão se dirigiu ás officinas, temeroso de que os operarios, distrahidos com o drama, esquecessem suas obrigações.

* * *

Antoniêta penetrou no escriptorio do secretario e quasi desfalleceu de emoção: inclinado sobre sua mesa, Gastão Miot despachava, como de costume, a correspondencia da fabrica.

Recostada á parede, a joven balbuciou:

— Voltaste?

— Ha um quarto de hora — respondeu elle. — Esperava o senhor seu pae para desculpar-me por minha ausencia e explicar-lha.

— Por que se ausentou?

Sem deixar de escrever, muito senhor de si, o rapaz se explicou. Na vespera, á hora de fecharem as officinas, inquieto, porque não tinha noticias de seu irmãozinho enfermo, partira de bycicleta afim de visital-o. Pensava cortar o caminho tomando pelo bosque. Mas se perdêra de tal modo, que errou até o amanhecer sem encontrar viva alma. Achando, afinal, o caminho direito, preferiu tomar meio dia, que ganharia em um serão, contando com a indulgencia do patrão, e ir ver o menino... Outra razão tambem o impellira... Mas aqui se calou, mordendo os labios.

Aproximando-se, Antoniêta precisou sua pergunta:

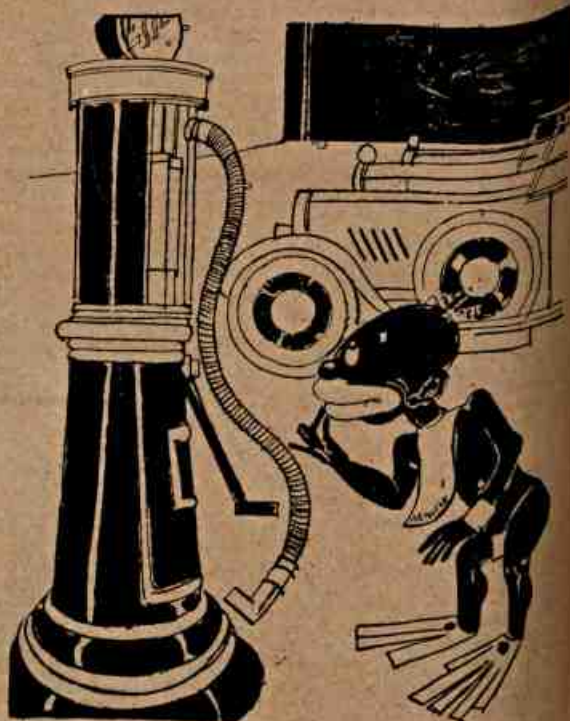
— Já soube a horrivel noticia?

— Sim, desde minha chegada. O porteiro da fabrica me informou... Tão bom rapaz! E' espantoso... E pensar que, sem a recahida de meu irmão, eu estaria ahi!... Esse crime tão atroz não teria sido commettido, por certo. No andar de baixo, um policia está á minha espera para levar-me a fazer declarações deante do juiz de instrucção. Diz que sou o unico que lhe poderá dar algumas informações. No emtanto, não sei absolutamente de nada...

— O martelo é de nossas officinas... Você não lhe conhecia algum inimigo?

— Nenhum — respondeu elle, consultando outra carta.

Mas, antes de tomar da penna, o joven secretario consultou o relogio. O policia devia já estar impaciente. Não quereria a sua collega ter a amabilidade de pôr as cartas em seus envelloppes? Isso o adeantaria um pouco.

Tranquillizada pela calma do rapaz, ella foi sen-

Nenuphar (que descobre o mundo civilizado). — Como são engraçados os seus elephantes!...

-se deante delle, como costumava fazêl-o, desde e uma casta ternura os unia. A meude haviam abalhado assim juntos, alternando as occupações m doces projectos para o futuro.

Emquanto traçava rapidamente os endereços com-rciaes, o rapaz via as lindas mãos brancas de a collega agitarem-se graciosamente. Então a ten-ção foi muito forte. Tomou um objecto collocado rto de seu papel seccante e, com impulso apaixo-do, aprisionou os dois punhos, sem que ella ten-sse libertál-os. Em seguida, timidamente, metteu um de seus dedos o anel symbolico.

— Está disposta a ser minha esposa? — rmurou.

— Sim — respondeu ella, fechando a mão, signal de assentimento e fidelidade.

— Esta compra foi a verdadeira causa meu atrazo — confessou elle. — Per-ri todas as joalherias sem poder en-trar saphyras tão azues como os seus os...

De repente, a porta se abriu, empurra-de maneira violenta e brutal, pelo poli-, cansado de sua inutil espera no pateo. ante de Gastão Miot, o mantenedor da em lançou um suspiro de allivio.

— Acabou de pôr em ordem sua corres-dencia? E' preciso partir. O juiz deve r impaciente.

rapaz deixou a correspondencia não cluida, apanhou tranquillamente seu cha-e, passando perto de Antoniêta, mur-rou:

— Até logo, minha noiva querida!

echada a porta atraz daquelle a quem va, a joven escutou, angustiada, os pas-dos dois homens perdendo-se no corre-. Tinham vindo prendêl-o? O innocente feria a dôr de ver-se na prisão?

evantou-se, aterrada. Ouviu um clamor fóra, se elevava, terrivel e sinistro ao mo tempo:

— Lyncha o assassino! Lyncha! Lyncha!

s operarios e o publico, reunido á sa-, trataram assim o infortunado. Todo ido o julgava, então, culpado?

ntoniêta se pôz a tremer. Suas palpe-, com longas pestanas, occultaram seus s extraviados, suas faces descoloridas clinaram sob a mata dourada de seus llos, e ella não se moveu, suspensa um ante, sua vida, pela violencia da tortura.

* * *

n longo mez depois, descoberto o ver-iro assassino, os dois jovens, noivos almente, se encontravam de novo no no escriptorio onde o policia fôra bus-o supposto culpado.

Aproveitando a solidão, Gastão formulou a pergunta que o preoccupava desde a injusta accusação:

— Antoniêta, meu amôr, no dia em que acceitaste meu anel de noivado, sabias da monstruosa accusação que pesava sobre mim?

Com a cabeça baixa, como si confessasse uma falta, ella balbuciou:

— Sabia-o.

Elle tomou-lhe, então, devotadamente, a mão para leval-a aos labios. Mas foi primeiramente uma lagrima que a acariciou.

UM POUCO DE AMOR

PERSUADIRA-SE a si mesma de que não fôra feliz no primeiro matrimonio. Tinha abundancia de dinheiro, que, si não basta para comprar a felicidade, ao menos dá tempo para pensar nella. Desejaria um amor romantico, viver entre o céo e a terra, em um sonho de exótica espiritualidade. Mas não encontrava a pessôa adequada para fazer-lhe companhia.

Aquelle que tinha dinheiro não era um homem fino. O que era esquisito em suas paixões tinha que ganhar a vida. E aquelle que não era nem grosseiro nem occupado estava apaixonado por outra mulher e era insensivel a seu encanto melancolico.

Aos quarenta e cinco annos se convencêra de que uma grande paixão era coisa difficil fóra do alcance vulgar da maioria dos mortaes. Sua vida se tornou de uma languidez insipida. Culpava aos annos por seu fracasso.

Que attráe os homens fóra da juventude?

Ella era ainda formosa, com um gosto impeccavel para vestir. Ignorando a moda, se envolvia em véos de pesado bordado, em côres pállidas, *fraise* desmaiado, prata velha, amarello-mel, azul e violêta opacos. Era singularmente graciosa e, a despeito de seu profundo descontentamento, de apparencia tranquilla.

Aquelle anno havia encontrado Roberto Lestrange e depressa este constituiu o fóco de sua ambição desesperada: um pouco de amor. A antiga canção franceza vinha a sua memoria:

La vie est brève
Un peu de espoir,
Un peu de rêve
Et puis... bon soir..."

Lestrange era poeta, pobre, excêntrico e sem amigos. Si chegasse a amál-a, nada poderia interpôr-se entre elles.

Não era, tambem muito moço (embora o fosse mais do que ella). Não seria capaz de estimar a belleza de seu desdenhado outomno?

Havia ella abandonado Londres e vivia em uma austéra casa de ladrinho vermelho, quadrada, simples com um espaçoso jardim cercado de paredes, um repuxo com nenumphares e a data de cento e cincoenta annos de existencia na fachada.

O tempo era delicioso. Uma primavera tardia dava uma nota de delicadeza aos primeiros brotos timidos. No ar havia uma vaga doçura Por traz de finos véos de névoa lavante, o sol brilhava com suave resplandor. Mas além do jardim os bosques se tingiam nos crepúsculos de ouro e purpura. No jardim, os rácimos opulentos dos jacynthos ostentavam, sobre o solo húmido, seus tons rosados, azúes ou branco-crême, e grupos de pequenas folhas e botões, em fila, nos canteiros cavados de novo.

O logar era magnifico, e Constancia Finlay o escolhêra tambem porque ficava perto de Londres, onde elle morava. Pediu-lhe que fosse visitál-a, que lhe escrevêsse. Elle a visitava raramente, escrevendo-lhe tambem raramente. O pretexto era seu trabalho. Ella era intelligente, mas não lhe agradava o papel de Egenia, a não ser como prólogo de outro mais satisfatorio. A primavera se tornava esquisita, enervante, á aproximação do verão Constancia Finlay começou a emmagrecer de desespero. Via no futuro uma successão de dias monótonos como uma longa fila de cavallos cansados, uns atraz dos outros, arrastando o pesado carro do tempo. Depois o fim, a morte de uma mulher que não fôra ama-da, o assento junto ao fogo, a en-fermidade, o medico, o escrivão e nem uma recordação que dissipa-se o tédio ao chegar o fim de todas as coisas para Constancia Finlay:

La vie est vaine,
Un peu d'amour,
Un peu de peine
Et puis... bonjour...

Si ella pudesse conseguir aquelle *peu d'amour*...

Não era, por certo, muito tarde. Seu espelho lhe mostrava ainda uma graciosa imagem. Mas não tinha a coragem de contemplal-a a plena luz.

Um dia, chegou uma carta delle. Dizia:

"Posso ir? Tenho algo importante a communicar-lhe. Não sei de onde tirarei a coragem para fazêl-o. Mas você é tão comprehensiva..."

Levou a carta para debaixo de uma arvore semeada de fructos doirados ao longo de seus ramos esbeltos. Releu-a em doce solidão. Entregou-se a sua delicia, deu franca expansão a sua fantasia sob a arvore, silenciosa, em meio da inquietação dos passaros.

O modesto apartamento delle não tinha telephone. Ella redigiu um telegramma, como meio mais

A familia de Tom Joe

ALGUMAS vezes, Tom Joe nos fala do tempo longinquo em que era menino. Deve ter sido um menino curioso com sua cara encardida e enrugada e sua barba grisalha, redonda, como a de um lobo de mar.

Mas Tom Joe fala com emoção de seus fallecidos paes.

— Elles só tinham um defeito: uma susceptibilidade ridicula acerca da conservação de minha pessôa. Um genio absolutamente inverso do meu... Minha mãe era como uma pata que houvesse empollado um leão. Si eu permanecia ausente durante cinco minutos, elles me faziam reclamar com cartazes pelas ruas, ou por meio do pregoeiro publico. Este era seu amigo e vinha avisar-me. Si eu houvesse dormido uma noite fóra de casa antes dos dez annos, minha mãe teria morrido prematuramente. Uma noite, ha já muito tempo, festejávamos a partida, para as colonias, de um velho amigo, Fileas Gibson. Pobre Fileas! Perdemol-o quando era joven...

De M. Bowen

...do de mandar-lhe sua resposta: "Certamente. Venha."

Elle não foi.

Dois dias ella o esperou, absorta, ...cionada.

...vie est telle
...Dieu la fit
...telle quelle... elle suffit...

Seus trajes eram sempre fres..., delicados. Esperava no jar... cercado, onde o sol ia cada ... pretendo a austeridade fria ... inverno.

Elle chegou, afinal, de mão hu... Notou ella que vinha devas... por alguma grande emoção, tremeu.

— Recebeu minha carta?

A voz de Lestrange era áspera, ... si não falasse desde muito ...po. Suas mãos estreitaram-se.

— Sua carta?

— Sim. Pensei que me seria ...ito mais facil dizer-lho por es...pto e... vir depois em busca de ... resposta.

— Recebi uma carta sua ha dois ... Estamos no terceiro. Você perguntava si podia vir. Res...ndi-lhe por telegramma: "Cer...mente. Venha."

— Já sei. Recebi-o. Escrevi-lhe ...amente hontem.

...tinham caminhado machinal...ente sobre o chão esmaltado de margaridas, em direcção á arvore de fructos doirados.

— Não recebi essa carta.

— Não a recebeu?!...

Elle parecia perturbado, incrédulo.

— Eu pensei... Estava certo...

— Sem duvida, você perdeu o correio.

Ella falava serenamente, confiada em seu destino.

— Ha de vir esta tarde... Estamos um pouco tarde para o correio.

— Comprehendo... — disse elle.

Parecia desolado pelo inconveniente. Proseguiu:

— Nunca eu teria vindo si não tivesse certeza de que você havia lido essa carta...

— Custou-lhe muito escrevêl-a?...

— Muito!

A aversão feminina pela timidez no amor a manteve silenciosa. Por que não se mostrar triumphante, no terreno em que estava certo de triumphar? Elle continuou lutando com sua decepção:

— Creio que nunca poderia dizer-lhe pessoalmente o que escrevi nessa carta.

Não podia? Ella suspirou pela pouca verbosidade dos homens do norte. Si ao menos houvesse recebido essa carta! Entretanto, tinha que animál-o.

— Não precisa dizer-me nada. Comprehendo...

— Comprehende?!...

Lestrange falou com uma animação que a encantou.

— Pois eu queria ter certeza disso.

Sentaram-se ambos sob a árvore. Ella olhou a mão delle, que pendia negligentemente a um lado. Fixou-lhe o punho. Depois seu olhar percorreu-lhe furtivamente o traje. O pensamento da pobreza delle assaltou-a com amarga claridade. Tinha razão para vacillar.

Sua vóz tremia de emoção quando falou:

— E eu quizera persuadil-o de que tudo isso é perda de tempo. Sim. Realmente, perdemos o tempo. Porventura não nos comprehendemos um ao outro?

— Sim, bem o sei. Somos os melhores amigos do mundo... Mas ha coisas tão difficeis de dizer com a palavra... Não me atreveria...

Seus bellos olhos a evitavam. Agarrou um dos bellos ramos da arvore e, nervosamente, começou a arrancar os brotos de um verde doirado.

— Diga-me... Diga-me...

— Prefiro que leia a carta.

Ia ella insistir, quando chegou o carteiro. Lestrange permaneceu com o rosto entre as mãos e os cotovellos sobre os joelhos, emquanto ella ia ao encontro do carteiro.

— Quanto elle me ama! — pensou ella, commovida.

Afastou das outras a carta que interessava — a carta delle — e a leu parada no caminho. Continha apenas tres linhas.

Quando acabou de lêl-as, olhou para onde elle estava sentado, ainda com o rosto entre as mãos trémulas.

Entrou em casa, dirigiu-se a seu gabinete e retirou, da gaveta da secretária, um livro de cheques.

— Como pude esquecer que sou uma velha? — murmurou.

Elle pedia-lhe um emprestimo de dois contos de réis, porque havia contrahido uma divida que affectava a sua honra, por causa de uma mulher...

Ella sahiu levando na mão o cheque. Aquelle pedaço de papel significava a sentença de morte de seus sonhos. Pensou com irritação: "Bem podia se ter barbeado." E elle, ao erguer a cabeça: "Seria melhor que ella não se pintasse."

Difficilmente se poderia dizer qual era, dos dois, o mais humilhado...

— Um accidente?

— Sim. Enforcado, em conse... de um erro judicial. Essa ..., jurei não regressar antes do ...nhecer. E eis aqui, segundo ... testemunha occular e auri... — o sobrinho da porteira — ... occorreu em casa. A's oito ..., como não me visse chegar ... o jantar, minha mãe soffreu ... ataque de nervos. A's oito e ..., passou-lhe o ataque, graças ... balde dagua que meu pae ...atirou.

A's dez, meu pae e minha mãe ...ram as disposições para o ...rro, a classe e a ordem do ...panhamento.

A's onze, minha mãe começou ...por os trajes de luto que a ...ilia devia usar. Escreveu a ...tarias de confecções encom...ndo o que faltava.

... quando voltei para casa, ... pelas seis da manhã, as coi... haviam corrido tão rapida...te, que encontrei a digna mu... escrevendo ao vigario da pa...ia encommendando-lhe a missa ...m de anno"...

Gabriel de Lautrec

A MORTE DE SHERLOCK HOLMES

(SHERLOCK HOLMES) Por CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

"Comprehende agora qual a razão porque o meu primeiro movimento ao entrar, foi fechar a janella, e tambem porque lhe pedi licença para me ir embora por sitio menos exposto do que a porta de entrada."

Muitas vezes eu tinha tido occasião de admirar a coragem do meu amigo, mas nunca a admirara tanto como nesse momento, em que ali, assentado deante de mim, elle recapitulava com um sangue frio espantoso a serie de incidentes que quasi lhe haviam custado a vida.

— Vae passar aqui a noite disse eu.

— Não, meu caro, sou um hospede muito perigoso. Tenho o meu plano formado, tudo correrá bem.

O caso está tão adeantado que a prisão póde mesmo dar-se sem que eu esteja presente. A minha intervenção será só util para a sua condemnação. E' portanto preferivel que eu me retire e espere que a policia proceda; ficaria mesmo muito contente se me pudesse acompanhar ao continente.

— Tenho muito poucos doentes neste momento, respondi, e por visinho um amavel collega; acompanho-o portanto com o maior gosto.

— E póde partir amanhã de manhã?

— Já, se assim é preciso.

— E' urgente. Eis minhas instrucções que deve seguir minuciosamente, meu caro Watson, pois vae jogar de sociedade commigo uma partida decisiva contra o mais habil dos patifes, e o mais poderoso dos syndicatos do crime de toda a Europa. Escute-me com attenção. Expedirá esta noite mesmo, por um portador de confiança, todas as suas bagagens para a estação de Victoria, e terá o cuidado de não lhes collar nenhuma indicação de destino. Amanhã de manhã mandará buscar uma carruagem, recommendando ao seu emissario, que tenha o cuidado de não acceitar nem a primeira, nem a segunda que se lhe offereçam. Metter-se-á na carruagem e far-se-á conduzir a Lowther Arcade, no fim de Strand, terá o cuidado de dar por escripto a direcção ao cocheiro e recommendar-lhe que não a perca. Prepare de antemão a paga da corrida, e logo que a carruagem pare, atravesse rapidamente as Arcadas, e arranje as coisas de maneira a estar na outra extremidade ás 9 horas e um quarto. Ha de encontrar lá, junto ao passeio, um coupé guiado por um individuo, vestido com um casacão grosso, de gola encarnada. Saltará para dentro, e chegará a Victoria exactamente no momento de tomar o expresso Continental.

— Onde o tornarei a encontrar?

— Na estação. Mandei reservar a segunda carruagem de primeira classe, a contar da machina.

— Então, encontrar-nos-emos no wagon?

— Sim.

Em vão suppliquei a Holmes que passasse a noite em minha casa. Recusou-se temendo sem duvida attrahir sobre mim qualquer contrariedade.

Completou com algumas palavras as suas instrucções, levantou-se em seguida, e desceu commigo ao jardim, cujo muro escalou.

Achou-se assim em Mortimer Street e assobiou a um carro, que o conduziu immediatamente.

No dia seguinte de manhã, segui com o maior rigor as instrucções de Holmes. Arranjei uma carruagem de maneira a fazer gorar qualquer combinação, e logo em seguida ao almoço, fiz-me conduzir a Lowther Arcade, que atravessei o mais rapidamente possivel. No local combinado encontrei um coupé, e um cocheiro gordo, embrulhado num casacão escuro e quando lhe saltei dentro, partiu a trote largo na direcção da gare de Victoria; desappareceu, mal parei lá, sem que o cocheiro tivesse mesmo voltado a cara para mim. Até ali tudo correra optimamente. Esperavam-me as minhas bagagens, e descobri com a maior facilidade o wagon alugado por Holmes, que era o unico que tinha a taboleta de "Reservado".

Faltavam apenas sete minutos para o comboio partir, e a ausencia de Holmes começava a inquietar-me seriamente. Em vão procurava distinguir entre os grupos dos viajantes a figura insinuante de Holmes. Perdi alguns minutos a servir de interprete a um veneravel padre italiano, que num detestavel inglez não conseguia fazer-se entender de um empregado a quem queria expedir-lhe as bagagens directamente para Paris, e, emfim, lançando um ultimo olhar em volta, decidi-me a entrar no meu wagon. Qual não foi a

— Pau!... Eu já te recommendei que puzesses a mão na bocca antes de bocejares!...

...nha surpreza ao ver que, não obstante o distico ... "Reservado", o empregado tinha lá mettido o ...elho italiano.

Inutil procurar convencel-o de que era alli um in...ruso; o meu italiano era tão fraco como o seu in... Resignei-me pois á minha sorte, encolhendo os ...ombros, e continuava a procurar com os olhos o ...eu amigo, com a maior inquietação, e temendo que ...ualquer accidente se tivesse dado durante a noite. ...estavam as portinholas fechadas e o comboio tinha ...pitado, quando ouvi atraz de mim estas palavras:

— Meu caro Watson, nem ao menos me deu bom ...ia!

Voltei-me estupefacto. O velho padre olhava-me de ...ente, as rugas tinham desapparecido, já o nariz lhe ...ão tocava no queixo, o labio inferior já não estava ...dente; os olhos apagados tinham retomado toda ...sua animação, o corpo corcovado, tinha-se posto di...ito.

Durou esta apparição apenas um segundo. Um ins...nte depois nova transformação: Holmes acabara de ...ipsar-se, tão rapidamente como havia apparecido.

— Oh meu Deus! gritei eu, metteu-me medo.

— Não se deve esquecer precaução alguma, mur...urou elle baixinho. Tenho razões para imaginar ...e elles nos vêm no encalço. Olhe, ahi tem Moriarty ...a pessoa.

O comboio puzera-se em marcha. Emquanto Hol...es falava, olhando pela portinhola, vi um homem ...o que tentava romper pela multidão, e agitava um ...aço fazendo signal para parar o comboio. Mas era ...rde de mais, o comboio ia já em marcha e alguns ...undos depois estavamos fora da gare.

— Vê, disse elle a rir; não obstante todas as pre...ucções que tomamos, escapamos de boa.

Levantou-se depois, tirou a sotaina e o chapeo, ...m que se disfarçara, e metteu-os num sacco de ...agem.

— Leu os jornaes desta manhã, Watson?

— Não.

— Então não viu o que se passou em Baker Street.

— Em Baker Street?

— Sim; deitaram fogo á nossa casa a noite passada. ...mbem não se perdeu grande coisa!

— Meu Deus! Isso é horroroso!

— Devem ter perdido a minha pista depois da pri... do homem do cacete; se não fosse isso, não te...m ido á minha casa. Por outro lado, devem-no ter ...uido a si, visto que Moriarty acaba de chegar a ...toria. Não commetteu nenhuma imprudencia pelo ...inho?

— Segui exactamente o que me tinha prescripto.

— Achou o coupé?

— Sim, estava á minha espera.

— Reconheceu o cocheiro?

— Não.

— Era meu irmão Mycroft, é sempre melhor nestes ...os, não pôr ninguém estranho dentro da confi...ncia. Agora do que se trata é de adoptar um plano ...onducta com respeito a Moriarty.

— Como o comboio em que vamos é expresso e cor...ponde exactamente ao vapor, parece-me que real...te o fizemos perder a pista.

— Meu caro Watson, parece-me que não mediu o ...ance das minhas palavras, quando lhe affirmava ...esse homem é meu emulo em esperteza. Calcula ...rto, que se eu me tivesse lançado em perseguição ...o, não seria um obstaculo tão insignificante que ...faria parar. Elle fará a mesma cousa.

— O que fará elle então?

— O mesmo que eu faria.

— O que? O que é que você faria?

— Encommendava um comboio especial.

— Mas, será tarde.

— De maneira nenhuma. O nosso comboio pára em ...torbery; depois ha sempre um quarto de hora, pelo menos, de intervallo entre a chegada do comboio e a partida do vapor. Será ahi que elle nos apanhará.

— Parece realmente que somos dois criminosos perseguidos. Façamol-o prender á sua chegada lá.

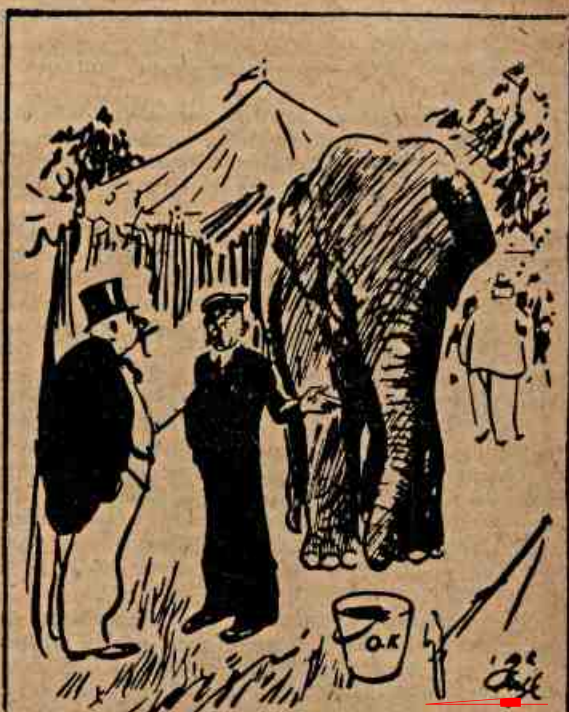
— Isso seria inutilizar o trabalho de tres longos mezes. Apanhariamos, concordo, o peixe grosso, o prato de resistencia, mas o miudo escapar-se-ia da rede. Segunda-feira apanhal-os-emos a todos. E' preciso não pensar por emquanto em nenhuma prisão.

— Que devemos decidir, então?

— Deixar-mos o comboio em Cantorbery.

— E depois?

— Depois mudaremos de direcção, e seguiremos para Newhaven, para desembarcar em Dieppe. Moriarty, fará ainda o que eu faria em seu logar. Irá a Paris, reconhecerá as nossas bagagens, e esperará dois dias que as busquem. Durante esse periodo, arranjaremos dois saccos de lona para viagem, e procuraremos a roupa e fato de que precisamos nas lojas da região que atravessarmos, e assim encaminhar-nos-emos tranquillamente para a Suissa, via Luxembourg e Bade. Estou bastante habituado a

(Cont. na pag. seguinte)

NO JARDIM ZOOLOGICO — "Lili" não está com bom aspecto hoje. Já lhe déste algum medicamento?
— Sim, sim: um comprimido e meio de "cessaryl"...

viajar, para que não seja sufficiente para me perturbar, o facto de haver perdido as bagagens; mas confesso que me envergonhava a idéa de abater armas e fugir deante de um tal tratante.

Evidentemente Holmes via com mais clareza a situação. Assim, em Cantenbery apeamo-nos; não passava comboio para Newhaven senão dahi a uma hora.

Via com uma certa tristeza, desapparecer o *fourgon* que levava a minha rica mala, quando Holmes, puxando-me a manga do casaco, me apontou para a linha ferrea.

— Olhe, disse elle, vê? La ao fundo? Ao longe, no meio dos bosques de Kentish, distingue-se uma ligeira columna de fumo.

Um minuto depois vimos apparecer na curva que acaba na gare, uma locomotiva e um wagon.

Tivemos apenas tempo de nos escondermos atraz de um monte de bagagens, emquanto a locomotiva passava com toda a velocidade, soprando e projectando ao longe uma baforada de ar quente.

— Ei-lo que passa, disse Holmes no momento em que o wagon passava a agulha. Vê que ao nosso homem acaba de faltar a perspicacia. Não soube prever o que nós fariamos, senão teria procedido em harmonia com isso.

— Que teria elle feito se conseguisse juntar-se a nós?

— Tudo o que pudesse para me assassinar, mas nós eramos dois contra um. Agora do que se trata, é de saber se será melhor almoçarmos aqui, embora seja cedo, ou se devemos expôr-nos ás torturas da fome até Newhaven.

Continuamos a nossa viagem para Bruxellas, onde passamos dois dias antes de nos dirigirmos para Strasbourg. Logo na segunda-feira pela manhã, Holmes tinha telegraphado á policia de Londres e nessa mesma noite estava a resposta á nossa espera, no hotel. Holmes rasgou-a febrilmente, e deitou-a no fogão com uma praga.

— Devia tel-o pensado, gemeu. Escapou-lhes!

— Moriarty?!

— Deitaram a mão a toda a quadrilha, excepto a elle. Escgueirou-se-lhe entre as mãos. Naturalmente depois da minha partida, ninguem houve que lhe fizesse frente não obstante eu ter postos todos os trunfos do lado da policia. Ouça Watson, volte para Inglaterra.

— Porque?

— Porque estou-me tornando um companheiro de viagem perigoso. Esse homem joga a sua ultima cartada; está perdido se volta a Londres. Se realmente eu descortinei o seu jogo, vae exercer sobre mim uma vingança; prometteu-m'o na curta entrevista que tivemos juntos, e não duvido que mantenha a sua palavra. Para conseguir os seus fins, fará fogo com toda a metralha, desenvolverá toda a sua energia. Aconselho-o, pois, que volte á sua calma vida.

Uma tal proposta não era acceitavel para um antigo soldado, e um fiel como eu. Discutimos a questão durante meia hora no restaurante da gare de Strasbourg, e á noite continuamos a nossa viagem para Genebra.

Durante uma semana subimos o maravilhoso valle do Rhodano, depois bifurcando em Leuk, passamos a garganta de Gemmi, toda coberta de neve, para descermos a Meiringen, via Interlaken.

Foi uma excursão encantadora: por cima de nós a risonha verdura da primavera, por baixo a brancura virginal do inverno, mas nada conseguia dissipar a nuvem que pesava sobre Holmes.

Lia nos seus olhos uma preoccupação constante.

Ao atravessar as tranquillas aldeias dos Alpes, ou nos recantos mais solitarios da montanha, eu via-o sempre analysar attentamente o rosto dos que passavam; parecia convencido de que em parte alguma poderiamos escapar ao perigo que nos ameaçava.

Lembro-me que um dia ao atravessar a Gemmi iamos ladeando o lado melancolico de Dauben. De repente um rochedo soltou-se do flanco da montanha ao nosso lado direito e rolou por traz de nós até a agua.

Num abrir e fechar de olhos, Holmes estava no cume da montanha, e de pé no ponto mais alto della examinou o horizonte em todas as direcções.

E embora o nosso guia se fartasse de affirmar que na primavera rolavam com frequencia rochedos naquellas montanhas, Holmes não respondeu, e contentou-se em sorrir, com ar de alguem que vê realizar-se o que tinha previsto. E não obstante essa inquietação, não estava abatido.

Pelo contrario, nunca eu o vira com tanta animação. Repetia-me constantemente que de bom grado renunciaria á sua carreira se tivesse certeza de livrar a sociedade do professor Moriarty.

— Creio, Watson, poder affirmar sem a minima vaidade que tive uma vida util. Se fizesse hoje o seu balanço, não teria de que me arrepender. Eu purifiquei vantajosamente o ar de Londres. Em mais de mil casos de que tratei, tenho a consciencia de que não appliquei mal as minhas faculdades. Ultimamente tratei de sondar os problemas fornecidos pela natureza, de preferencia áquelles mais complicados, que resultam das nossas convenções sociaes. As suas memorias, meu bom amigo acabarão no dia em eu coroar a minha carreira com a captura ou a aniquilação do scelerado mais habil e perigoso que existe em toda a Europa.

(Cont. no proximo nmero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

DORES NOS RINS

O MELHOR CONSELHO

É tão pouco commum aos membros da Igreja quebrar o silencio que guarda os seus assumptos intimos, que é com grande satisfacção que podemos, com autorisação especial, revelar mais outro caso em que as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga provaram o seu poder para extirpar as desconfortantes dores causadas pelas Desordens dos Rins.

O Rvmo. Frei M. Germano Llech, Convento dos Dominicanos, Goyaz, Estado de Goyaz, foi durante algum tempo um soffredor de molestia dos Rins, como resultado do que, elle diz: "Eu soffria de tonteiras; sentia incommodo depois de me sentar por algum tempo. Causava-me muito desconforto. Peguei um fornecimento de Pilulas De Witt e foi-me sufficiente tomar uma pilula antes das refeições e duas ao deitar, apenas um dia, para me sentir melhor no dia seguinte. Agradeço-lhes muito pelo seu remedio."

Esta declaração do Rvmo. Frei Germano Llech é confirmada numa carta recebida de seu Superior, Rvmo. Frei Pedro de Souza, que declara que "Frei M. Germano Llech, que tem 75 annos de edade, soffreu muito de Desordens dos Rins durante dois annos, porem com o uso das Pilulas De Witt ficou mais joven e capaz de desempenhar o seu ministerio com grande actividade."

Todos os soffredores de Desordens nos Rins, Rheumatismo, Sciatica ou Lumbago, devem, como o Rvmo. Frei Germano Llech, obter a prova do rapido e seguro beneficio obtido com as Pilulas De Witt. Teremos muito prazer em enviar uma amostra gratis, para experiencia, a qualquer soffredor que nos remetter o coupon abaixo; porem, os vidros maiores podem sempre ser obtidos em todas as pharmacias do Brazil.

Experimente este remedio GRATIS

AS PILULAS

DE WITT

Para os Rins e a Bexiga

REMETTA-NOS ESTE COUPON HOJE MESMO

Snrs. E. C. De Witt & Co. Ltd. (Depto. M.13),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome..

Endereço..

....

INSTITUTO DE UROLOGIA DO RIO DE JANEIRO

DIRECTOR
Dr. EDSON AMARAL

Tratamento das doenças das VIAS URINARIAS (estreitamentos, cystites, prostatite, inflammação do utero e ovarios), pela DIATHERMIA, ALTA-FREQUENCIA, RAIOS INFRA-VERMELHO, ULTRA-VIOLETA.

Cura da Impotencia — Plastica dos seios e dos orgãos genito-urinarios — Manchas e signaes da face.

Sala de endoscopia e ultra-violeta.

O Instituto devolverá a importância paga se não conseguir a cura radical.

RUA BUENOS AIRES, 88, IV andar — T. 4 - 2087

Das 10 ás 20 horas

Domingos e feriados, das 11 ás 14 horas

FOSFATINA FALIÈRES

A FARINHA ALIMENTICIA INCOMPARAVEL A QUAL MILHÕES DE CRIANÇAS DEVEM A FORÇA E A SAUDE

FACILITA A DENTIÇÃO
FORTIFICA OS OSSOS
CONVEM AOS ANEMIADOS, VELHOS, CONVALESCENTES.

PHARMACIAS E CASAS DE ALIMENTAÇÃO - PARIS